Tentativas burguesas
de canalização das lutas proletárias na escala internacional
e
Luta invariante
pela ruptura proletária

CONTRA AS CIMEIRAS E ANTICIMEIRAS (1)

Características gerais das lutas da época actual

Em Comunismo n33, publicado em julho de 1993, apresentamos um balanço geral das lutas que caracterizam a fase actual do capitalismo, fazendo abstracção dos elementos particulares de tal ou qual enfrentamento. Nada de importante mudou desde então nessa caracterização geral. Pelo contrário, vemos actualmente uma afirmação daqueles traços gerais com importantes tentativas internacionais de canalizar as revoltas proletárias e sinais evidentes de rupturas por toda parte, mas caracterizadas, ainda, do ponto de vista proletário, pelo mesmo tipo de forças e debilidades então analisadas. A catástrofe actual da sociedade capitalista, que continua concretizando-se e intensificando-se (2), e a tendência à radicalização das contradições e enfrentamentos voltam a por na ordem do dia a questão da direcção revolucionária e da destruição da ditadura internacional capitalista. Frente à barbárie actual e como única alternativa, ressurge a questão do projecto social do proletariado, a revolução social, a destruição da sociedade mercantil.

Este texto, ao mesmo tempo que analisa brevemente o desenvolvimento da correlação de forças internacionais entre burguesia e proletariado, é uma arma de denúncia das "novas" tentativas burguesas de canalizar a energia proletária, em particular mediante as cimeiras e anticimeiras, que parecem dominar a realidade internacional, assim como das diferentes ideologias pseudo-radicais que o enfrentamento vai determinando. Simultaneamente, é um produto das discussões actuais entre proletários que se colocam abertamente a questão internacional do poder, da destruição da ditadura internacional do capital e uma contribuição à luta do proletariado mundial por sua autonomia. É, pois, uma arma de luta para forjar uma direcção própria em ruptura com todas as ideologias que pretendem nos manter acorrentados ao velho carro social-democrata, decorado para a ocasião com novos adornos. No artigo de 1993, já assinalávamos que as formas tradicionais de enquadramento burguês foram perdendo toda atracção para o proletariado; e que as formas tradicionais de luta, tanto as "greves"

1. Neste texto, denominamos «cimeiras» as reuniões de diferentes organismos internacionais do capital mundial que suscitam os protestos proletários. Denominamos «anticimeiras» todos os protestos oficiais organizados pela esquerda burguesa, por seus partidos e sindicatos oficiais, consistam eles em manifestações de rua, em cimeiras paralelas, assim como reuniões ou fóruns alternativos.

2. Ver: La catástrofe capitalista, em Comunismo n32 (espanhol).

As velhas ideias da classe dominante devem ser permanentemente recicladas para poder fazer seu papel de contenção social.

organizadas pelos sindicatos, como as manifestações pacíficas, e o próprio sistema político nacional com seus circos eleitorais, não conseguiam nenhum entusiasmo. E sublinhávamos que "as velhas mediações estatais foram perdendo sua capacidade de válvula de escape, o proletariado, que alguns consideravam já morto e enterrado, quando reaparece, é com tudo: sem aceitar mediações, sem que se possa pará-lo com grevezinhas, manifestações pacíficas ou promessas de eleições".

Isso nos permitia constatar que os tipos de luta que caracterizam o período actual são explosões violentas e incontroladas do proletariado contra a propriedade privada e todas as forças sociais e políticas que a defendem. Essas explosões de raiva proletária contra o capital, caracterizadas pela acção "violenta e decidida do proletariado que ocupa a rua e enfrenta violentamente todos os aparatos do estado", continuaram repetindo-se. O conjunto de países onde se produziu esse tipo de explosões - Iraque, Venezuela, Birmânia, Argélia, Marrocos, Romênia, Argentina, Estados Unidos (Los Angeles) - continua ampliando-se: Albânia, Indonésia (várias cidades), Bangladesh, Equador, Argentina novamente (Santiago del Estero, Neuquén...), Bolívia, Argélia outra vez (Cabila).

Em todos esses casos, constatamos a mesma incapacidade da burguesia para dar um enquadramento às lutas: o enfrentamento violento contra tudo que representa a sociedade actual, incluindo sempre os partidos e os sindicatos da oposição democrática; a expropriação, mais ou menos organizada por grupos de vanguarda, da propriedade burguesa. "Varrendo preconceitos ancestrais, desafiando o terrorismo de estado, os proletários tomam o que necessitam, tentando destruir todas as mediações a que o capital os condena: dinheiro, salário, trabalho..."

Diante dessa tendência do ser humano de reapropriar-se directamente de sua própria vida, constatávamos, no texto de 1993, que a burguesia contra-ataca invariavelmente com "suborno, porrada e desinformação", com a manipulação informativa e o ocultamento sistemático do conteúdo universal de todas essas revoltas, apresentando as mesmas como "de estudantes", "de mineiros", "de palestinos", "dos curdos", "dos muçulmanos", "dos berberes"...(3). Víamos que o contra-ataque burguês baseia-se em algumas concessões e em desenvolver uma repressão selectiva, mas que em todos os casos busca isolar o proletariado de seus elementos de vanguarda. Naquele texto, analisávamos também as debilidades das lutas proletárias actuais (curta duração das revoltas, derrota das mesmas, carência de associacionismo proletário permanente, ausência de imprensa operária, de memória histórica, desconhecimento do programa revolucionário...), assim como as necessidades e possibilidades de combater tais debilidades e de transformar esse processo descontínuo de revoltas e derrotas num processo ascendente para a revolução social (4).

A necessidade de reorganização da esquerda burguesa: tentativas de renovação

A esquerda burguesa actual tem o mesmo programa de sempre da social-democracia: mal menor, democratismo, populismo, parlamentarismo, sindicalismo, pacifismo, ajuda ao denominado "terceiro mundo"... Mas nesta sociedade onde a desvalorização do capital leva um ritmo desenfreado, onde as mercadorias devem trazer a etiqueta de "new" para serem

3. Ver a respeito: Avante os que lutam contra o capital e o Estado!, em Comunismo n4 (português).

4. Ver nosso artigo: Características gerais das lutas da época actual, em Comunismo n4 (português).

vendidas, onde a produção ideológica é parte da produção de mercadorias, as velhas ideias da classe dominante devem ser permanentemente recicladas para poder fazer seu papel de contenção social. A essa tendência obedecem, antes de tudo, as tentativas de renovação da esquerda burguesa, assim como a moda de usar "neo": "neo" esquerda, "neo" marxismo, anti "neo"liberalismo... (5).

No entanto, a razão imediata para tal renovação provém, além do mais, da necessidade geral do capital de responder a esse vazio sentido pela burguesia ante cada grande revolta proletária na qual os proletários actuam directamente, fora dele e contra todas as mediações tradicionais de contenção da luta de classes. O terceiro elemento, decisivo para a obrigação da esquerda burguesa de reciclar-se e assumir novos adornos para esconder seu corpo putrefacto e assustador focinho, constitui a catástrofe socioeconómica dos países que a burguesia chamava de socialistas e a consequente deterioração geral de sua imagem: nem mesmo o apoio crítico típico do trotskismo e do maoismo radical ficou de pé. Tendo ficado tão em evidência que o sistema que tanto defenderam (criticamente ou não) tinha sido sempre a mais brutal exploração para o proletariado e sem que mediasse nenhuma revolução nem contra-revolução social - que tanto anunciavam! (6) - a mesma classe dominante declarava abertamente preferir "o capitalismo e a democracia", todo esquerdismo burguês internacional viu-se obrigado a esquecer seus amores de sempre e teve de buscar outros versos para ser crível. Só algumas fracções esquerdistas do espectro social-democrata (7) continuam maniacamente aferradas à defesa (crítica ou não) desse monstro stalinista que foi o "socialismo em um só país", mediante o apoio ao castrismo.

Mas a esquerda burguesa não tem nenhuma autonomia, nem sequer terminológica, com relação à direita, sempre vai na sua cola. Por isso, as vestimentas com que se foi cobrindo estavam determinadas, sem dúvida, pela evolução e as contradições do ciclo do capital mundial; inclusive quando parecem opostas não passam do mesmo, invertido. Com efeito, às ideologias gerais da burguesia mundial vencedora da segunda guerra mundial - democracia, direitos humanos, antiterrorismo, anti-autoritarismo, antifascismo... (8) -, as fracções mais prejudicadas pelo livre mercado foram agregando diferentes ideologias que eram a negação simples do que a burguesia dominante e livre-mercantil internacional ia impondo. No mesmo ritmo que a clássica política liberal (que de "neo" não tem nada!) foi adoptando uma terminologia diferente (mundialização, aldeia global, globalização...), a velha esquerda burguesa pseudo-antiimperialista foi definindo-se com base no prefixo "anti": antineoliberalismo, anti mundialização, antiglobalização... Os partidários de sempre da libertação nacional em todos os países, após os resultados catastróficos por toda parte e a caducidade de seu discurso burguês, reciclam-se também, é claro, na "anti" globalização...

Na realidade não há nada de novo sob o sol do capitalismo. Tudo isso não passa de simples palavrório barato, ou melhor dizendo, terminologias inventadas pelo capital internacional, seguramente desenhadas por agências de publicidade, para melhorar a imagem do capital e, é óbvio, para impor seus objectivos actuais como algo novo. O capitalismo sempre foi mundial, sempre foi global; mais ainda, historicamente, o ponto de partida do capitalismo não é a nação (como disse Marx: o mercado mundial precede o nacional) mas a revolução do mercado mundial (que já existia muito tempo antes), operada em fins do século

5. Tampouco se deve crer que dizer que são novas as velhas coisas seja novidade. Neste sentido, a pretensão burguesa de produzir tantas ideias quanto mercadorias percorre, pelo menos, todo o século XX: ideias modernas, economistas neoclássicos, neoclassicismo, nova onda, new age...

6. É difícil imaginar os truques e as piruetas ideológicas que esses marxistas leninistas devem ter usado para explicar como a passagem do «capitalismo ao socialismo» requer uma revolução violenta e como a passagem inversa não a requereu.

7. O de esquerdista, como o de esquerda, não tem na realidade uma base objectiva, mas é algo totalmente ideológico e muda em função das regiões. Assim, por exemplo, na América Latina, a defesa fanática do stalinismo e do castrismo passa ainda por uma política de esquerda, enquanto que nos países do leste europeu, é assimilado ao fascismo e, em geral, à extrema direita.

8. Postulados do terrorismo de estado burguês, que se fazem universais a partir de então.

XV através da generalização do valor em escala mundial, que se conclui no século XVI, a impossibilidade de acumulação capitalista sem conquistar a produção, enfim, a subsunção histórica da humanidade ao capital. O global antecede sempre, na história do capital, o particular e local. O liberalismo é a política geral da fracção hegemÙnica do capital desde antes da origem do mercado mundial, do dinheiro mundial, o que remonta há mais de mil anos, e tal política contrapõe-se, necessariamente desde então, aos interesses das fracções proteccionistas. Portanto, o liberalismo e o antiliberalismo (tenham ou não o prefixo "neo"), o globalismo e o antiglobalismo, o mundialismo e o regionalismo... não são mais do que diferentes expressões da luta de sempre entre fracções burguesas, umas interessadas em manter o proteccionismo, fonte de sua acumulação, e outras, mais coerentes com a aplicação irrestrita da lei do valor a nível internacional, em quebrá-lo (9).

Se hoje se faz tanto ruído nos meios de fabricação da opinião pública internacional a respeito dessas tendências, tão bem e caricaturalmente representadas nas cimeiras internacionais e nas anticimeiras burguesas, é precisamente para ofuscar o proletariado com uma luta que não é sua e para responder a essas explosões de raiva proletária onde os explorados do mundo tentam retomar a luta num terreno de classe. A social-democracia, como partido histórico da contra-revolução para o proletariado, tenta voltar a tirá-lo da rua e da acção directa, e mantê-lo submetido a um conjunto de mediações que fazem dele uma massa de manobra e uma força de apoio da luta interburguesa (10).

Ideias e personagens da esquerda "neo"

Nos anos setenta e oitenta, eram chamados de "nova esquerda" e reagrupavam um amplo espectro de ideologias social-democratas que reclamavam mais democracia, mais socialismo, mais antiimperialismo, mais estatismo, mais populismo e que se queixavam das grandes empresas e monopólios... Agora chamam-se antiglobalização, antineoliberais, antimundialização, anti Fundo Monetário Internacional, anti comércio mundial... Falam em nome da sociedade civil e da cidadania difusa e definem-se pela luta contra o capital financeiro e multinacional, a maioria deles pela aplicação da "taxa Tobin"... Mas na realidade continuam sendo o mesmíssimo cachorro com uma coleira diferente.

Toda burguesia de esquerda constatava sua incapacidade para enquadrar o proletariado de cada país... mas como o lixo ecológico se recicla, como esse papel cinzento que nos propõem, incita a responder ao que chamam "globalização", "mundialização". Tentam focalizar tudo nas reuniões mais importantes do banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional, da Organização Mundial do Comércio, assim como de outras instâncias do estado mundial do capital.

Velhos sindicatos e partidos políticos burgueses, ecologistas e feministas queimados, economistas keynesianos, movimentos pela paz, libertários (11) de todos os tipos, filantropos, jornalistas, terceiromundistas e antiimperialistas, organizações não governamentais e estruturas humanistas, agricultores em falência e protectores de animais buscam na convocação desses protestos uma nova virgindade política. Os velhos e desacreditados personagens voltam a aparecer em público, convocando verdadeiras missas cidadãs em oposição às reuniões de cimeira que os representantes oficiais realizam. Verdadeiros cortejos carnavalescos pacíficos e submissos, enquadrados policial e sindicalmente

9. Uma explicação mais detalhada das contradições gerais entre as fracções capitalistas pode-se encontrar em Comunismo n46 (espanhol), tanto na apresentação geral da revista, quanto no artigo La guerra en los Balcanes y la agudización de la lucha entre los estados burgueses, nesse mesmo número.

10. Claro que, como veremos, ela também se complica aqui, porque o proletariado ultrapassa todas essas tentativas de enquadramento social-democrata e desenvolve sua ruptura também em Seattle, Washington, Praga...

11. Não queremos, nem pretendemos aqui criticar os companheiros revolucionários que chamam a si mesmos de libertários ou anarquistas. Temos explicado suficientemente nossa posição a respeito, que não depende de nenhuma denominação ou ideologia, e, nas próximas publicações, explicaremos mais globalmente a relação entre comunismo e anarquismo. Do que se trata aqui é de combater a ideologia dominante, que se baseia, na realidade, no famoso livre pensamento burguês, a divisa "cada qual ou cada grupo que faça o que quiser", no indivíduo e na famosa "liberdade de crítica" que teve uma enorme influência nos eventos de Seattle, Davos, Porto Alegre..., e que acompanha sempre a ideologia activista e imediatista, constituindo em todos os casos um freio à necessária organização do proletariado em força política unificada, capaz de dotar-se de uma direcção única para a acção e preparação insurreccional.

(por exemplo, a Confederação Europeia de Sindicatos), coloridos e folclóricos, com personagens tão díspares como os comitês de apoio à pseudoguerrilha de Marcos ou essa caricatura de cidadão radical chamado Bové, que já foi baptizado como o Walesa do Roquefort (por ser coerente em seus objectivos burgueses), passando pelos velhos personagens da esquerda champagne, tentam assim constituir uma "opção global" que na realidade não tem nada de original com relação ao velho socialismo burguês do século XIX. É claro que tampouco falta o apoio à "antiglobalização" e à "antimundialização" efetuado por personagens e organizações abertamente de direita, nacionalistas, fascistas e pró-nazis como na França, o ex-ministro da repressão, Charles Pasqua, ou a juventude do partido de Le Pen, a Frente Nacional. O denominador comum de tudo isso é, obviamente, fazer o capitalismo supostamente "mais humano", mais democrático; aprofundar a dominação democrática e a cidadanização da espécie humana. As palavras de ordem contra a globalização, o FMI, o Banco Mundial e o neoliberalismo deixam abertamente em evidência que do que se trata não é destruir o capitalismo, mas perpetuá-lo.

Ideologia da antiglobalização

A Associação ATTAC (Acção por uma Taxa Tobin de Ajuda aos Cidadãos), cujo nome inteiro é já todo um programa, é a confluência de velhas estruturas e personagens social-democratas do mundo, a quem foram se juntando novas caras e constitui, sem dúvida, a instituição internacional mais importante da chamada antiglobalização. No entanto, existe outro conjunto de redes, federações e organizações no qual se misturam agrupações ideológicas, sindicatos, partidos políticos, sociedades caritativas, organizações religiosas e ONGs como o Centro Tri-Continental, a Marcha Mundial das Mulheres, o Jubileu 2000, o Jubileu Sul, a Aliança Social Continental, a Acção Global dos Povos, o jornal Le Monde Diplomatique, a "Associação Ya Basta", o Movimento de Resistência Global, Via Camponesa... (12).

Essas organizações, apesar de apresentar caras diferentes, plataformas formais distintas, resultam, como dissemos, da reciclagem da esquerda burguesa, que tenta por todos os meios recuperar algo da credibilidade perdida e apresentar, frente à catástrofe do capitalismo actual que o proletariado vive diariamente, uma alternativa reformista que responda às explosões cada vez mais incontroladas do proletariado internacional. Só para fixar ideias e mostrar até que ponto o programa de tais organizações é o velho programa reformista burguês de sempre, citamos alguns pontos básicos da plataforma constitutiva da Associação ATTAC, assim como também do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, por constituírem expressões bem representativas e gerais.

A ATTAC nem sequer pretende lutar contra o capitalismo, mas contra o que denomina de globalização financeira, e propõe como medida a Taxa Tobin e o impedimento da especulação. Tal plataforma começa assim: "A globalização financeira agrava a insegurança económica e as desigualdades sociais. Menospreza as opiniões dos povos, as instituições democráticas e os estados soberanos encarregados de vigiar o interesse geral... e os substitui por uma lógica estritamente especulativa, expressando os interesses das empresas transnacionais e dos mercados financeiros".

A caracterização que tal organização faz do mundo baseia-se no velho método social democrata de ver as consequências, negando-se a ver as causas determinantes, e analisar

12. A título de exemplo, o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, de que falaremos depois, foi organizado por todas estas organizações, quase todas internacionais, e contou com o apoio nacional do Partido dos Trabalhadores, do Brasil, a Central ¦nica dos Trabalhadores desse mesmo país, e a representação oficialista do Movimento Sem Terra, também do Brasil.

13. O imperialismo é um fenómeno muito anterior à data em que a social-democracia o fez célebre. O capitalismo sempre foi imperialista e a luta imperialista entre as classes dominantes para apropriar-se das forças de produção precede inclusive o capitalismo como modo de produção. Se a social-democracia e o marxismo-leninismo em particular (incluídas, é claro, todas as formas de stalinismo, trotskismo, maoismo e castrismo) fizeram do imperialismo um fenómeno novo, foi para justificar todas as mudanças oportunistas em sua política em nome precisamente de que as coisas teriam mudado. Assim, a renúncia da luta contra o capitalismo e sua substituição pela luta contra o imperialismo (confundido em geral com determinado país) constituiu a norma geral.

Acerca do mito da globalização

"Bretton Woods era um sistema global, assim, o que realmente ocorreu foi a mudança de um sistema global (hierarquicamente organizado e em sua maior parte controlado politicamente pelos Estados Unidos) para outro sistema global mais descentralizado e coordenado mediante o mercado, fazendo com que as condições financeiras do capitalismo sejam muito mais voláteis e instáveis. A retórica que acompanhou essa mudança implicou profundamente a promoção do termo "globalização" como uma virtude. Nos meus momentos mais cínicos encontro-me pensando que foi a imprensa financeira que levou todos (eu, inclusive) a crer na "globalização" como em algo novo, quando não era mais do que um truque promocional para fazer melhor um reajuste no sistema financeiro internacional".

Globalisation in question, David Harvey, 1995.

algumas manifestações particularmente nefastas e notórias do capitalismo, ignorando o fato de que as mesmas são o produto necessário e inevitável deste sistema social. Tal como a social-democracia baseou seu revisionismo na suposta novidade do imperialismo (13), ATTAC baseia-se hoje na suposta novidade da globalização financeira. Tanto ontem como hoje, era preciso encontrar coisas novas para justificar uma política de reformas do capital. Em ambos os casos, do que se trata é de afastar o proletariado de sua luta contra os próprios fundamentos da sociedade capitalista.

A teoria social-democrata do imperialismo e ultraimperialismo (Kautsky) constituem sempre a chave dessa manobra. Tanto ontem como hoje, essa teoria imagina o capitalismo como tendo entrado numa fase diferente que faz com que varie sua própria natureza. Segundo ela, o capitalismo em sua fase imperialista centraliza-se formalmente em um (ou vários em disputa) centros de decisão mundial sobre a base da concentração do capital financeiro (definido como a fusão do capital bancário e o capital industrial), as grandes empresas monopolistas internacionais, a exportação de capitais e a luta entre as empresas e os governos na repartição do mundo.

Tanto em princípios do século XX como hoje, o novo seria a dominação mundial por parte do capital financeiro e os monopólios, como teorizara então explicitamente o social-democrata de direita Rudolf Hilferding. Essa teoria foi mais tarde retomada totalmente por Lenine em seu conhecido panfleto sobre o imperialismo. Tanto nessa época como hoje, com a ATTAC e os outros grupos "antiglobalização", a social-democracia pretende opor-se a esse capital financeiro reivindicando mais democracia e mais controle estatal do capital: "as opiniões dos povos, as instituições democráticas e os estados soberanos".

Como se pode verificar, atrás destas associações, dessas novas ou velhas caras, atrás dessas plataformas não há absolutamente nada de

novo: a não ser o velho e putrefacto programa da social-democracia, que sempre reivindicou um capitalismo "mais social" (sic), "mais humano" (sic), contra a desumanização notória produzida pelo próprio capitalismo. Também hoje, como ontem, são reivindicadas "as opiniões dos povos", isto é, o populismo contra o classismo proletário, "as instituições democráticas" contra a posição clássica de luta contra as mesmas para impor a ditadura do proletariado, enfim, "os estados soberanos encarregados de vigiar o interesse geral" contra a posição clássica dos revolucionários de destruir o estado burguês, de demoli-lo totalmente e, junto a ele, toda essa merda de soberania do estado (quanto mais soberano é o estado, mais oprimidos são seus súbditos!, como disseram Marx e Bakunine), as fronteiras, as nações, as leis migratórias, os passaportes, as guerras...

A ATTAC é uma expressão social-democrata aberta que, como tal, denuncia o aumento da riqueza e da pobreza e pretende que a opinião cidadã e a pressão sobre os estados regule os excessos do capitalismo. Em sentido histórico, é uma expressão de direita da social-democracia porque não reivindica nenhuma oposição ao capitalismo mesmo, senão, pelo contrário, à liberdade que o capitalismo desenvolve para realizar seus objectivos. Patrocina o controle dessa liberdade (que nem sequer querem abolir!) por parte dos governos. Não critica em nada o capital produtivo, nem, é claro, a própria exploração capitalista (a extorsão de mais-valia é legitimada implicitamente) mas os lucros excessivos do capital, com relação ao aumento inocultável da miséria das massas, e a especulação não produtiva. Como se fosse possível, mais uma vez, atacar as consequências sem atacar as causas.

Sua plataforma constitutiva diz: "A liberdade total de circulação de capitais, os paraísos fiscais e a explosão do volume de transacções especulativas arrastam os estados a uma corrida louca para conseguir favores dos grandes investidores... Este processo tem por consequência o crescimento permanente dos lucros do capital em detrimento dos trabalhadores, com a consequente generalização da precaridade e extensão da pobreza".

A ATTAC nem sequer oculta que seu grande temor seja a revolução social e que sua função seja evitá-la, ainda que o digam com sua terminologia na moda: "Responder ao duplo desafio de uma implosão social e de um sentimento de desesperança política exige um compromisso cívico e militante".

Aproveitemos, porque é também uma moda, para assinalar que em todos esses meios da actual social-democracia livre-pensadora, do movimento libertário, todos

> «Uma parte da burguesia deseja remediar os males sociais com o fim de consolidar a sociedade burguesa. A esta categoria pertencem os economistas, os filantropos, os humanistas, os que pretendem melhorar o destino das classes trabalhadoras, os organizadores de beneficência, os protetores dos animais, os fundadores das sociedades de temperança, os reformadores domésticos de toda laia. E até se chegou a elaborar este socialismo burguês em sistemas completos.»
>
> Manifesto do Partido Comunista, Karl Marx 1947

O capitalismo sempre foi mundial, sempre foi global; mais ainda, historicamente, o ponto de partida do capitalismo não é a nação (como disse Marx: o mercado mundial precede o nacional) mas a revolução do mercado mundial (que já existia muito tempo antes), operada em fins do século XV através da generalização do valor em escala mundial, que se conclui no século XVI, a impossibilidade de acumulação capitalista sem conquistar a produção, enfim, a subsunção histórica da humanidade ao capital.

os conceitos foram revistos, reinterpretados e republicitados extraindo-lhes todo conteúdo classista. Por sua importância decisiva, sublinhemos a falsificação que se faz do próprio conceito de exploração, chave da constituição do proletariado como classe mundial homogénea. Assim, a exploração não seria, como para nós, a extorsão de mais-valia, que evidente e objectivamente unifica em sua desgraça toda a humanidade proletarizada e foi historicamente decisiva para o reconhecimento mundial do proletariado como classe, mas realmente qualquer coisa. Assim, dizem: "realmente me faziam trabalhar tanto que me exploravam", como se o trabalho não fosse sempre exploração! Assim nos dizem "os trabalhadores de tal país são explorados", como se os de todos os outros não fossem! Assim dizem: "as multinacionais são exploradoras", como se as empresas locais não fossem! Dizem: "os monopólios exploram e destroem os recursos da terra", como se não fosse o capital que tudo explora e destrói e como se ele mesmo não fosse o que dita a acção de todas as empresas! Dizem: "os imperialistas nos exploram", como se fosse possível haver burgueses não imperialistas ou patrões que não exploram!... Enfim, querem nos fazer crer que o que vivemos não é exploração, que a exploração não é a regra deste mundo, mas a excepção, o caso extremo, que em geral encontra-se muito longe, pois quanto mais longe melhor para a social-democracia: "na campanha de um país do terceiro mundo". A receita correspondente é que se deve "solidarizar com sua miséria e ser mais austeros e protestar menos aqui". Desnecessário dizer que "solidarizar-se" não tem nada a ver com o conceito classista de luta, mas que, partindo do conceito judaico-cristão de culpa e pecado, pede-se um comportamento caridoso. Trata-se de toda uma visão do mundo típica da classe dominante e seu socialismo abertamente burguês.

É claro que tal falsificação determina muitas outras, como o próprio conceito de proletariado, que se faz tudo para não mencionar e quando é mencionado é para referir-se a uma mera categoria sociológica (os operários, como empós o stalinismo), mas nunca o sujeito revolucionário em devir, o que lhes permite escamotear sua perspectiva revolucionária e o fato de que o mesmo contém o único projecto social alternativo ao mundo actual: o comunismo, a comunidade humana mundial.

Voltemos à ATTAC para constatar que as medidas propostas estão em total coerência com sua visão social-democrata do mundo: taxar o capital financeiro, maior controle estatal dos lucros e paraísos fiscais, mais democracia: "Com este propósito, os abaixo assinados propõem-se criar a Associação ATTAC (Acção por uma Taxa Tobin de Ajuda aos Cidadãos)... com o fim de impedir a especulação internacional, taxar os rendimentos do capital, sancionar os paraísos fiscais, impedir a generalização dos fundos de pensão e, de uma maneira geral, reconquistar os espaços perdidos pela democracia em benefício da esfera financeira e opor-se a todo novo abandono da soberania dos estados sob o pretexto do "direito" dos investidores e negociantes..."

O Fórum Social Mundial que se realizou em Porto Alegre em janeiro de 2001 e que, dado seu êxito, seus organizadores pretendem reeditar todos os anos é um verdadeiro exemplo de reunião de cúpula (paralela e exemplo por excelência de anticimeira) da esquerda burguesa internacional, uma expressão desenvolvida da velha ideologia social-democrata mas elegantemente vestida de acordo com a moda das cimeiras e anticimeiras. O programa do mesmo

14. Síntese textual do programa efectuada no número dedicado ao Fórum Social Mundial, sob o título do mesmo, Es posible otro mundo, por Hika (P.K. 871, 48080 España ou hikadon@teleline.es).

parece-se como duas gotas d'água ao invariante programa burguês da esquerda: "demandando uma reforma agrária democrática com usufruto por parte do campesinato da terra, da água e das sementes, exigindo a anulação da dívida externa e a reparação das dívidas históricas, sociais e ecológicas que a dívida externa provoca, a eliminação dos paraísos fiscais, o cumprimento efectivo dos direitos humanos, a oposição a toda forma de privatização de recursos naturais e bens públicos, a exigência de soberania para os povos, um planeta desmilitarizado". (14)

O Pronunciamento dos movimentos sociais, que expressa o programa de todas as associações, redes, sindicatos, partidos... presentes em Porto Alegre está cheio de pérolas da burguesia onde se imagina um capitalismo sem as nefastas consequências inerentes ao mesmo, um capitalismo que não gere pobreza, nem miséria, nem desemprego; um capitalismo que não destrua a natureza, um capitalismo não excludente, nem patriarcal, um capitalismo sem racismo; em síntese, um capitalismo justo e equitativo no qual todo mundo viva bem. "Exigimos um sistema de comércio justo que garanta o pleno emprego, soberania alimentar, termos de intercâmbio equitativos e bem estar." Ou seja, o discurso invariante dos burgueses segundo o qual o capitalismo, corrigindo alguns excessos ou injustiças, seria... uma sociedade de bem estar! Apologias tão descaradas da sociedade burguesa nem sequer faz hoje a direita, que diz abertamente que isso é impossível!

Outro dos pontos recorrentes de toda ideologia antiglobalização é o de aumentar a ajuda ao que eles denominam Terceiro Mundo e alguns falam de chegar a 7 por cento do PIB. O que obviamente ocultam os defensores desse programa é que tal ajuda ao desenvolvimento não vai para os hospitais, escolas e outros projectos empresariais do desenvolvimento do capitalismo, como a maior parte das pessoas crêem, senão que vai também (ou principalmente, como em certos países) financiar os exércitos locais (para que estes comprem armas nos países que dão tal ajuda), financiar a formação de oficiais de polícia anti-subversivos e antidistúrbios (assim se patrocinam os torturadores argentinos, congoleses, peruanos... que vão formar-se na França, Bélgica, Argélia...), pagar a Shell pelos gás lacrimogéneo que fabrica com matérias primas do famoso "terceiro mundo"..., assegurar a realização de massacres ("genocídios", "holocaustos") como os de Burundi...

Esta é, em traços gerais, a ideologia da antiglobalização que a social-democracia desenvolve, ou melhor dizendo, a direita desse partido; pois existem expressões muito mais de esquerda que correspondem a outras fracções desse partido histórico da burguesia para o proletariado. Com efeito, todo esquerdismo burguês que antes se definia pelo suposto socialismo de algum país, ou pela defesa de determinado "estado operário" por mais degenerado que se considerasse, agora, muito cauteloso, já não fala de tal ou qual país socialista de forma positiva, e muito menos de campo socialista, mas continua definindo-se pelo anticapitalismo. Como analisamos ao longo deste texto, estes esquerdistas, junto com a extrema esquerda dos liberais, que hoje se denominam libertários, tratam de responder ao desenvolvimento mesmo das contradições de classe e, em particular, às tendências do proletariado para afirmar sua ruptura com toda sociedade burguesa. Voltemos então à análise dessas contradições para poder situar e compreender melhor essas expressões.

Cimeiras, anticimeiras e luta proletária

Sem dúvida mistifica-se a importância das cimeiras e anticimeiras, pois o capital não necessita de conferências internacionais, nem reuniões de cúpula para funcionar como funciona. Pelo contrário, a chave da homogeneidade na tomada de decisões do capital apoia-se no fato de que a ditadura da taxa de lucro existe por toda parte, é a lei de todas as decisões, é a essência de toda e qualquer directiva económica, é a chave de toda vida (ou melhor, contra-vida humana) do capitalismo por toda parte. Não apenas o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, as multinacionais e os governos, os parlamentos e as prefeituras, os acordos entre estados e consórcios, os trustes e as pequenas empresas aplicam em suas decisões grandes, pequenas e médias o critério da rentabilidade do capital (próprio ou de seus administrados), mas desde o director e o gerente de uma empresa até o último trabalhador do planeta estão obrigados a aplicar tais critérios se querem permanecer em seus postos; ainda que alguém se contente e o outro sofra com a alienação de sua vida que isto implica. O capital caracteriza-se precisamente por sua democracia, por cooptar entre seus súbditos quem mais inescrupulosamente servir seus apetites de lucro, quem mais impiedosamente for capaz de impor seu despotismo: seja como directores, seja como governantes, seja como funcionários internacionais, seja como administradores locais, seja como chefes sindicais ou como torturadores... Pense-se simplesmente em quantos dirigentes operários foram cooptados pelo governo do capital, de Noske a Lula, passando por Walesa. A outra cara dessa democracia pela qual se coopta os dirigentes operários para servir ao capital é evidentemente o despotismo cotidiano que impõe o valor em processo, contra a vida humana. Ditadura omnipotente da taxa de lucro que, além do mais, desenvolve a concorrência entre os proletários e a luta de todos contra todos, sempre a serviço dessa imposição do maior ritmo de acumulação possível.

Mas, além da mistificação que se faz sobre a importância do centralismo formal que o capital pode conseguir, é claro que o capitalismo tem centros de decisão (reuniões, instâncias, lugares, organismos, pessoas...) que, num dado momento, centralizam certas decisões globais que obedecem a essa ditadura omnipresente da taxa de lucro. Neles se anunciam em geral medidas que atacam o nível de vida dos proletários, ao passo que se fixam acordos entre as fracções mais importantes e decisivas da burguesia. Tais reuniões são anunciadas publicamente em todos os meios de difusão porque buscam conquistar certa adesão da população a esses dirigentes do capital e às medidas que surgirem dessas reuniões no topo do poder do capital. E além do mais, nos dizem: "aplaudam que nos reunamos, pois normalmente vos mandamos para a guerra". Claro que essas reuniões obedecem também a negociações entre diferentes fracções do capital e à necessidade de constituir constelações ou organismos que melhorem sua correlação de forças frente a outras fracções, como é o caso dos mercados comuns regionais. Ou seja, que essas cimeiras e anticimeiras têm por função, além do mais, a de por em cena e espectacularizar a importância das polarizações burguesas, que o capital necessita para canalizar o protesto proletário. Portanto, ainda que se mistifique a importância decisória dessas cimeiras, ainda que a espectacularização das mesmas e de sua pseudocontestação constitua uma necessidade da reprodução da dominação burguesa, é normal que o proletariado tenha sempre considerado as reuniões de cúpula dos burgueses como um ataque contra sua própria vida, tanto se essas reuniões são num país como se são entre burguesias de diferentes países, se são governamentais, de partidos políticos, de sindicatos ou de estruturação dessas forças em escala internacional. Por isso, em todas as épocas e em todos os países, essas reuniões suscitaram grandes protestos, manifestações violentas, lutas na rua, explosões de bombas, enfrentamentos violentos, muitas vezes armados. Contra o mito de que os actuais enfrentamentos suscitados por reuniões de cúpula seriam novos (a fabricação da opinião pública requer sempre a apresentação como "novo" de velhas coisas) poderíamos citar inumeráveis exemplos em todos os continentes, há muitos anos, mas para o presente texto basta recordar as grandes batalhas de rua que o proletariado na América levou adiante nas décadas de sessenta e setenta contra as diferentes cimeiras internacionais nesse continente contra as reuniões da OEA, contra as da Aliança para o Progresso, contra as do Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e as do GATT, contra as Conferências de presidentes... incendiando empresas, ocupando fábricas e centros de estudo, fazendo manifestações violentas, pondo bombas em locais estatais, declarando greves, enfrentando a polícia, os corpos especiais de repressão e, em muitos países, o exército...

Na actualidade, uma vez mais, esse enfrentamento de classe se faz patente. Davos, Seattle, Niza, Praga... são expressões do mesmo. Mais uma vez, até aí onde as distintas fracções do capital internacional vão cozinhar os proletários do planeta, o proletariado reemerge. Por um lado, as cimeiras oficiais e as anticimeiras socialdemocratas, isto é, o pseudoprotesto oficial. Por outro, o proletariado, ultrapassando todos os rebanhos, tratando de impor sua acção directa (15), rompendo vitrinas e expropriando o que puder, atacando locais oficiais e a propriedade burguesa

em geral, incendiando tudo que parecer estatal, criticando e denunciando a viva voz e por meio de volantes, panfletos e revistas as ONGs, a ATTAC, os partidos e sindicatos.

Isto é, que inclusive nesses antros de burgueses, apesar de todas as forças recuperadoras presentes, enfrentam-se também as duas classes da sociedade, a burguesia e o proletariado, a conservação da ordem social burguesa e seu questionamento generalizado. Da direita à esquerda, podem fazer todos os espectáculos de luta havidos e por haver, todos os meios de difusão encarregam-se de validar as opções "mundialização" e "antimundiali zação", mas inevitavelmente a crítica do capitalismo que os proletários presentes portam os impulsiona a romper o enquadramento e ressurgem os dois projectos sociais antagónicos de sempre: a continuidade da catástrofe capitalista ou a revolução social.

Independentemente da discussão que existe hoje no seio de nossa classe sobre como se deve situar o proletariado e que iremos abordando no desenvolvimento do texto, sobre se devemos participar ou não em determinado tipo de cortejo, sobre qual é o significado da palavra-de-ordem de se situar fora e contra essas conferências e anticonferências (que é a nossa posição!), sobre se essa é a acção directa que unifica e desenvolve sua força internacional contra o capital ou, pelo contrário, se isso o leva a submeter-se a um espectáculo que o distancia de sua verdadeira acção directa, não pode caber dúvidas de que essas explosões expressam a raiva de nossa classe contra os burgueses reunidos e "decidindo o destino do planeta" (16). Neste sentido resulta sumamente encorajante o processo de autonomização proletária que nossa classe começa a manifestar durante as cimeiras e anticimeiras, e que concretiza-se na ruptura do enquadramento sindicalista proposto, nas importantes expressões de violência contra as mesmas, contra a propriedade privada, contra as diferentes estruturas estatais. O mesmo deixou cada vez mais em evidência que a verdadeira contraposição não é entre Davos e Porto Alegre, entre a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário internacional, o Banco Mundial e a ATTAC... senão, como sempre, entre o capital (com sua direita e sua esquerda) e o proletariado.

Apesar de que, como explicaremos mais adiante, a autonomia do proletariado nessas lutas é ainda muito relativa, essas expressões da guerra de classe nas quais se expressa o antagonismo sempre crescente entre a humanidade e o capitalismo voltaram a colocar na comunidade de luta que se foi desenvolvendo, em particular, entre as minorias de vanguarda, algumas questões centrais como a do internacionalismo proletário, a necessidade internacional de autoconstituir-se em força, a questão da luta internacional contra o poder do capital e o estado mundial. Ainda que, como veremos, se esteja longe socialmente de encontrar as soluções, é sumamente animador que milhares de militantes através do mundo voltem a colocar-se e a discutir questões centrais da revolução social. É evidente que esse fato, somado à continuidade das explosões repetidas em diversas partes do mundo constitui um passo importante do movimento revolucionário.

Canalização burguesa, espectacularização e falsificação

É claro que jamais os meios de informação apresentarão as coisas com base na polarização real burguesia-proletariado. Sua função é, pelo contrário, a de dissimular os antagonismos de classe, canalizá-los em contradições interburguesas, espectacularizar essas oposições para esconder os verdadeiros antagonismos, transformar a massa do proletariado mundial em espectadores passivos das

15. Mais adiante, o leitor entenderá porque dizemos «tratando de impor sua acção directa» e não assumindo sua acção directa.

16. Já dissemos que crer que o futuro do capital mundial é decidido principalmente nesse tipo de conferência é uma mitificação, o que evidentemente não implica que os burgueses não devam centralizar-se formalmente para realizar acordos, tentar delinear planos e impor políticas económicas mais uniformes, como as que caracterizam o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Por sua parte, a burguesia de cada país utiliza cada vez mais tais alinhamentos e as negociações e exigências com essas instituições para justificar toda política de aperto de cintos. Daí a "natural" raiva proletária contra tudo isso, e que em cada país também se enfrente cada missão desses organismos ou cada pacote de medidas que queiram implementar.

conferências e anticonferências, e os sectores mais decididos do mesmo em espectadores activos que aplaudem e vaiam segundo a ocasião. Estes últimos são autorizados e também incentivados (para dar maior credibilidade ao espectáculo) a gritar palavras de ordem e realizar acções mais ou menos violentas, sem, é claro, colocar em questão nem o próprio espectáculo, nem seu papel de palhaço de um circo que os utiliza. Para os meios de falsificação da informação só existem as conferências oficiais e a contestação dirigida pela ATTAC e seus esbirros, além de obviamente alguns exaltados que expressam a mesma contestação que a ATTAC mas de forma mais violenta. Para eles, a oposição só existe entre cimeira e anticimeira, por exemplo, entre Seattle e Porto Alegre, ainda que estejam forçados a mostrar também imagens dos revoltados e inconformados.

Recordemos entretanto que nem sequer esse espectáculo de cimeiras e anticimeiras é novo. Por exemplo, durante os preparativos das duas guerras denominadas primeira e segunda guerras mundiais, as negociações de paz entre as potências mundiais que conduziam inevitavelmente à guerra, eram pautadas por congressos mais ou menos paralelos de pacifistas e social-democratas, que já tinham o mesmo papel de hoje de espectáculo e ofuscamento generalizado para tirar o proletariado da acção directa. De quinze anos para cá, o ritmo desse espectáculo de reuniões de cimeiras e anti cimeiras foi se fazendo cada vez mais frenético: reunião no Rio sobre o porvir do planeta com anti-reunião paralela, celebrações e anticelebrações pelos quinhentos anos de descobrimento da América, novas conferências sobre a destruição do planeta e anticonferências ecológica nos cinco continentes...

O Fórum Social de Porto Alegre em janeiro de 2001 é o exemplo supremo de espectáculo mediático montado pelo capital para representar todas as oposições havidas e por haver como uma simples questão interburguesa. Segundo os fabricantes da opinião autorizada, o Fórum de Porto Alegre seria a verdadeira resposta a Davos e, para lhe dar toda "realidade" que o espectáculo é capaz de produzir (que, como esses sabões com cheiro de maçã que têm mais cheiro de maçã que as maçãs, sempre parece mais verdadeiro que o que realmente se está passando!) vai até o extremo de construir o que seus fabricantes denominaram um "cenário simbólico da paixão" com base num debate directo "mediante teleconferência entre a fria Davos e a quente Porto Alegre"... (17)

"A equipe de Davos, encabeçada pelo financista e especulador Georges Soros, trajes escuros, gel e gravatas, seriedade e silêncio. Do lado de Porto Alegre, um leque de raças, vestimentas coloridas, idiomas, vozes e público. A discussão durou quarenta minutos, ao longo dos quais centenas de pessoas agrupadas diante dos televisores rompiam em aplausos ou vaias, riam ou gritavam palavras de ordem. Soros e sua equipe (formada por Mark Malloch, consultor das Nações Unidas; John Ruggie, também consultor da ONU e Bjorn Edlud, presidente de uma multinacional suíça) esforçaram-se em manter uma calma desenhada por algum assessor de imagem, enquanto afirmavam estar preocupados com a pobreza e assinalavam que já antes da actual globalização e da dívida externa as crianças morriam de fome na África. De Porto Alegre, Bernard Cassen (ATTAC) respondia com precisão exigindo a taxa Tobin sobre as operações financeiras e especulativas e o cancelamento da dívida externa. Rafael Alegria (Via Camponesa) falou dos efeitos da globalização sobre a desarticulação dos serviços estatais, do aumento do desemprego e do impossível acesso dos camponeses à

17. O que está entre aspas não são exageros nossos, mas fruto das paixões virtuais dos próprios protagonistas de Porto Alegre e o extraímos de forma textual de diferentes informes de participantes desse Fórum, em particular do número dedicado, pela revista Hika, ao Fórum Social Mundial já citado na nota 14.

18. Alguns companheiros que leram este texto antes de levá-lo à imprensa diziam que não podíamos criticar Hebe Bonafini, lutadora proletária de anos, em especial agora que leva uma dificílima luta contra a corrente e contra a recuperação democrática de uma fracção das Madres. Digamos simplesmente que o objectivo não é esse, mas denunciar o espectáculo burguês contra-revolucionário que se faz, e lamentamos muito que alguém tão admirável por sua luta como Hebe Bonafini tenha se prestado a isso. Nosso interesse é, como dissemos em todo o texto, chamar militantes como ela a não se fazer cúmplices da social-democracia e do espectáculo da contestação, a situar-se fora e contra eles. Deixemos muito claro que para a pseudocontestação social-democrata vem muito a calhar que haja militantes históricos revolucionários como Hebe Bonafini para mostrar a cara radical do Fórum de Porto Alegre e a "antiglobalização", dirigida pela ATTAC e o resto. O frentepopulismo sempre utilizou militantes proletários para afirmar seus interesses: em 1936, na Espanha, a Frente Popular, que logo liquidou a revolução social, afirmou-se também graças a militantes como Durruti, que contra a posição histórica dos revolucionários chamou a votar pela Frente Popular.

terra. Mas a paixão desatou-se em dois minutos mágicos: Hebe Bonafini (18), das Madres de Plaza de Mayo, disse com voz entrecortada mas firme: “Senhores, vocês estão lutando contra nós. São hipócritas suas respostas. Respondam! Quantas crianças vocês matam por dia?” Do lado de Davos, Georges Soros esboçou um sorriso e ficou assim, em silêncio. Então Hebe Bonafini gritou: “Senhor Soros: está morrendo de risos diante da morte de milhares de crianças?” Diante dos televisores, a gente de Porto Alegre batia palmas em honra da Mãe de Maio. Soros continuava com sua contorção facial apresentando-se como um cartaz satelital.”

Todos os meios de difusão trabalham para fazer assim desaparecer o proletariado e a luta contra a sociedade capitalista atrás desse espectáculo entre Soros e a esquerda, entre o FMI e a ATTAC, entre “mundialização e antimundialização”. Assim, por exemplo, na cimeira de Nice, como disse muito correctamente um volante que circulou internacionalmente: “A imprensa burguesa mentiu. Mentiu descaradamente. Segundo ela, os manifestantes contra a globalização capitalista haviam se unido ao cortejo cidadão convocado pela Confederação Europeia de Sindicatos (CES). O que mais queriam os capitalistas e seus governantes, seus porta-vozes e lacaios, do que ver se unir a juventude proletária que luta contra o capitalismo com os embusteiros desfiles organizados pela leal oposição ao sistema burguês. Na realidade, nas ruas de Niza, distinguiram-se dois movimentos diferentes, opostos... Dois movimentos assim, em cena. O primeiro, burguês (ainda que arrebanhe muitos proletários enganados) conduzido para o reforço do estado capitalista pelos dirigentes reformistas a serviço deste. O segundo, proletário, denunciando, com voz em grito, o capitalismo e atacando seus interesses.”(19)

É sumamente importante realçar a contraposição entre o movimento do proletariado e todas as anticimeiras e missas cidadãs organizadas pela ATTAC e companhia como fizeram muitos companheiros e grupos contra-a-corrente. No entanto, pretender que as duas manifestações diferentes coincidam com os dois movimentos sociais diferentes, uma reformista e outra anticapitalista como se diz logo depois nesse mesmo volante, é ver as coisas em forma demasiado pura e pouco dialéctica. Com efeito, apesar das grandes diferenças, ambas contém contradições de classe. A manifestação social-democrata enquadra os proletários como cordeirinhos. A outra (que em Niza, em vez de sair às 14 horas como a que foi organizada pela socialdemocracia saiu às 17 horas), com palavras de ordem radicais, tende para a ruptura proletária mas contém em seu seio um conjunto de posições e ideologias centristas da mesmíssima socialdemocracia que analisaremos mais adiante. A mesma concretiza-se, por exemplo, no fato de que a imensa maioria desses manifestantes crêem poder enfrentar o capitalismo sem enfrentar (da mesma maneira) a socialdemocracia (que é também o capitalismo) e no fato de que sabem organizar-se fora da socialdemocracia mas tem muito maior dificuldade em organizar-se contra ela.

A febre das cimeiras (oficiais e paralelas) e a mentira dos projectos burgueses alternativos

Não há dúvida, entretanto, de que no último período (há dois anos, mais ou menos) a moda das cimeiras e anticimeiras deu um salto qualitativo, no mesmo ritmo que se radicalizam os protestos proletários contra as mesmas. Cada cimeira não pode mais prever apenas a organização das reuniões gerais e as comissões, o alojamento dos

19. O extracto pertence a um folheto assinado pelo Movimento Anticapitalista Revolucionário (Ap. de Correos 265, 08080, Barcelona, Espanha) que expressa bem e sem papas na língua a contraposição real entre burguesia e proletariado. Entretanto, não podemos deixar de assinalar que isso de «juventude proletária» (em vez de falar de proletariado) é uma concessão à moda. Nesse documento, recomenda-se para «uma informação verdadeira do ocorrido em Nice..., a leitura do Boletín de Contrainformación de Barcelona, ano III, n144».

congressistas e anticongressistas, as missas oficiais ou as missas dos cidadãos democratas organizados pela "antiglobalização", mas deve prever também as ultrapassagens e rupturas proletárias com tudo isso e, portanto, prever forças repressivas especiais, fortalecimento de controles nas fronteiras, concentração de corpos de choque, equipes especiais de filmagem, fichamento e difusão, grupos de extermínio e serviços especiais de pistoleiros para os congressistas e anticongressistas, veículos para o transporte de tropas, tanques, alambrados para bloquear as manifestações, pré-instalação de serviços de inteligência de polícias de todo o mundo, meios para permitir a chegada dos congressistas ou evacuá-los caso os ataques cheguem até os centros oficiais, mobilização especial dos serviços de saúde pública e atendimento a feridos, armas, gases, máscaras, assim como a preparação de calabouços e centros de reclusão para receber um grande número de presos. Só a título de exemplo, o Congresso do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em Praga deixou 170 policiais feridos, 123 manifestantes feridos e uns 900 detidos, e os danos materiais à propriedade privada foram estimados em um milhão de dólares, o que evidentemente é insignificante com relação ao quanto custa a mais cada reuniãozinha dessas, onde se diz que está prevista até a evacuação por helicóptero das personalidades, defesa aérea e antimísseis (20). Obviamente, tudo isso (com as deformações e falsificações de sempre) repercute no mundo todo, dando a impressão de que efectivamente estamos diante de um enfrentamento histórico de suma importância que, segundo alguns, seria entre globalização e antiglobalização, entre neoliberalismo e antineoliberalismo, e, segundo outros, entre capitalismo e anticapitalismo, entre a internacional do capital e a internacional da revolução.

Embora esses enfrentamentos sejam parte dos confrontos históricos de sempre, entre a preservação do mundo da propriedade privada e a luta proletária pela revolução social:

- imaginar que agora se está impondo uma correlação de forças para impedir a política internacional actual do capital mundial é desconhecer totalmente o próprio funcionamento do capitalismo;
- imaginar que há um verdadeiro enfrentamento entre projectos diferentes (neoliberalismo e antineoliberalismo; globalização e antiglobalização) e que a esquerda burguesa realmente tem um projecto capitalista diferente é também desconhecer a essência mesma da formação social burguesa e não entender a própria função desse conglomerado de fracções capitalistas;
- enfim, imaginar que o proletariado finalmente descobriu mediante o que se chama "acção directa", durante essas cimeiras e anticimeiras, a via actual do internacionalismo proletário, ou que temos entrado, com base nessas acções, como já dizem alguns grupos, num enfrentamento directo entre a internacional capitalista e a internacional revolucionária é não só desconhecer o funcionamento do capitalismo, mas desconhecer, deformar e falsificar o próprio programa da revolução, a estratégia revolucionária, e conduz inevitavelmente a fazer confusão desempenhando um papel centrista (impedir a ruptura necessária) no movimento proletário.

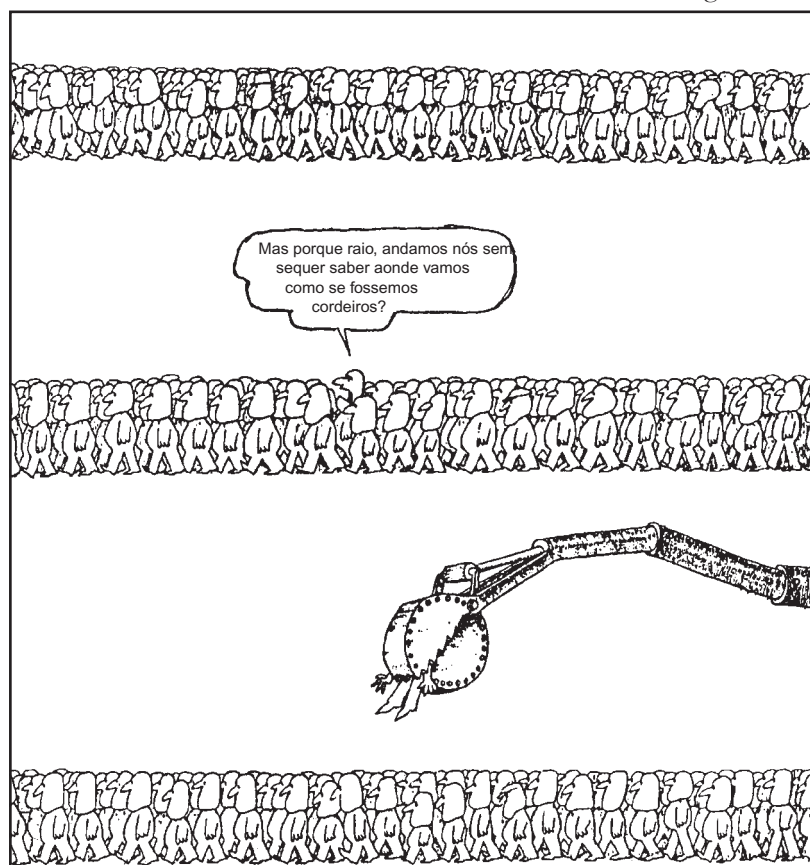
Explicamos os dois primeiros pontos de imediato. O último, que pertence muito mais ao desenvolvimento próprio do proletariado e à sua afirmação revolucionária, trataremos nos capítulos seguintes.

A política internacional que hoje se chama neoliberal ou o que se denomina globalização não tem alternativas

20. Quando ocorreu a cimeira de Washington, foi publicado que se gastaram 32 milhões de dólares em segurança! Não temos nem ideia do que inclui tal cifra e muito menos do que, tendo sido publicado, não se inclui na mesma «por razões de segurança».

21. Veja: La eco-guerra ya se encuentra en el mercado!, Comunismo n46 (espanhol), página 53.

válidas, a longo prazo, pois obedece às próprias leis do sistema que desde que existe é mundial, global e funciona fundamentalmente sobre a base da famosa mão invisível do mercado, isto é, a lei do valor. Contrariamente ao que se diz, isto não é "uma" política do capital entre muitas outras, é pelo contrário o funcionamento "natural" para o qual tende sempre o capital, a lei que em última instância se impõe. As diferentes políticas económicas só podem limitar ou corrigir de forma muito parcial sua aplicação (na realidade, a da lei do valor) muito restrita no tempo e/ou no espaço. Os populismos de todo tipo (de Getúlio Vargas a Perón; de Cárdenas a Nasser), os chamados países socialistas, assim como o fascismo, o nazismo, o franquismo... foram as expressões mais duráveis nesse sentido. Todas essas tentativas históricas de desenvolver projectos diversos de desenvolvimento capitalista a longo prazo (limitando a aplicação da lei do valor, baseando-se no proteccionismo) tiveram uma duração limitada, além da qual o fracasso era inevitável.

Da mesma maneira e pelas mesmas razões não se pode fazer "mais humano" um sistema que não o é. Tampouco é possível fazer um capitalismo que proteja a natureza ou um capitalismo sem guerras. O que se fez com a tomada de consciência burguesa da "ecologia", por exemplo, nunca foi o melhoramento da produção capitalista em geral para proteger a natureza, senão, pelo contrário, a transformação do "verde" e do "natural" em mercadoria. A busca constante da máxima rentabilidade coexiste com a crescente adaptação das empresas para vender qualquer coisa com imagem ecológica (21), o que obviamente intensifica a ditadura capitalista contra a natureza, ameaçando todas as espécies e, em particular, a espécie humana. Da mesma forma, não se pode pacificar o mundo capitalista - todas as políticas pacifistas do capital só servem unicamente para utilizar a paz como arma de guerra.

Hoje tudo isso fica cada vez mais difícil de esconder. Além do mais, a catástrofe real do capital é de tal magnitude que inclusive as margens de manobra que ele tinha no passado para realizar políticas económicas um pouco diferentes reduziu-se muito: o capitalismo tende hoje mundial e irreversivelmente a unificar sua política, a esquerda e a direita mostram cada vez mais que hoje só existe uma política capitalista possível (e não faltam declarações de esquerdistas que chegaram ao poder neste sentido!). Assim, os "antineoliberais e antiglobalização" de oposição, na medida em que são cooptados para participar nas decisões, tornam-se inevitavelmente "neoliberais", "pró-globalização" e sentem-se forçados a aplicar o contrário do que disseram. Não, não é que sejam apenas e voluntariamente cínicos e mentirosos, mas é verdade que o capital os força a realizar sua política muito mais do que esses esquerdistas poderiam imaginar antes. A capacidade de restringir a aplicação regional da lei do valor internacional fez-se, com o próprio desenvolvimento do capital, cada vez menor, tanto no tempo quanto no espaço. Hoje seria inconcebível o funcionamento do capitalismo ultraproteccionista como funcionou, durante décadas, na Rússia, China, Albânia... e o regime capitalista cubano e os reaccionários líderes castristas tem seus dias contados. O stalinismo, como modelo ultra-reaccionário (no sentido de fechar as fronteiras para tentar opor-se ao progresso no desenvolvimento das forças produtivas para o qual tende normal e internacionalmente o capital, segundo a lei do valor) de desenvolvimento do capital, não foi varrido da face da terra por uma questão de ideias democráticas ou por haver utilizado massivamente

Do que se trata não é então de realizar um capitalismo mais humano (apesar de ser isso que declaram), porque o capitalismo sempre foi desumano e o antagonismo entre capitalismo e humanidade tem necessariamente que se agravar, senão que buscam enquadrar o proletariado com essas utopias reaccionárias para empurrá-lo a defender os interesses burgueses, e seguir a reboque de seus interesses locais, regionais, nacionalistas... e, por isso, não causa surpresa que em muitos países a extrema direita também se manifeste pela "anti-globalização".

os campos de concentração (o capitalismo os empregou sempre!) mas sim pela inviabilidade de impedir a aplicação irrestrita da lei do valor eternamente. Com efeito, quanto maior for a desfasagem entre, por um lado, o desenvolvimento das forças produtivas em escala mundial e a desvalorização internacional que isso provoca e, por outro, a restrição proteccionista a tal desvalorização num espaço produtivo dado (ou um sector determinado), mais rapidamente ocorre em tal espaço a catástrofe e a implosão económico-social do tipo que ocorreu no leste europeu.

Tudo isso continua acelerando-se com o desenvolvimento das contradições do capital e resulta cada vez mais difícil manter subsidiados economias ou sectores inteiros. Do ponto de vista dos governantes locais, cuja missão é invariavelmente celebrar a melhor taxa de lucro para atrair capitais (política negociada sempre com os organismos de crédito internacionais, particularmente com o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial) isto não só quer dizer aumentar a taxa de exploração ao máximo possível, mas além disso não taxar os sectores rentáveis para (redistribuição de mais-valia) financiar os sectores não rentáveis. É esse processo inevitável que explica a tendência à homogeneização da política burguesa a longo prazo. Por isso, embora os diferentes políticos burgueses ainda façam um discurso um pouco distinto (e cada vez menos!), quando de governar se trata todos terminam aplicando com maiores ou menores matizes a mesma política do Fundo Monetário Internacional. Essa é uma das razões que levam à suposta "traição" de todos os esquerdistas no governo, que terminam fazendo o que se considera "a política da direita", ou dos ecologistas que terminam patrocinando até o esforço de guerra nacional e internacional (e até da OTAN), e, em geral, a destruição da terra e da vida humana. Se fazem a política da direita, é porque do ponto de vista do capital, não há outra política (22) que a de ser rentável, que a de atrair capitais sobre a base da rentabilidade. Se continua havendo diferenças no discurso não é então por representar políticas económicas diferentes, senão porque diante do proletariado, em determinadas ocasiões, só podem tornar aceitáveis as medidas de austeridade quando são apresentadas em nome da esquerda ou da ecologia. Por esta razão, nem sequer do ponto de vista capitalista se pode esperar nada extraordinariamente diferente desse conglomerado de fracções capitalistas que no discurso se opõe à política do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Só constituem fracções burguesas diferentes na forma como pretendem canalizar os proletários, que se encontram agredidos por todo progresso do capital, e por sentirem nostalgia de um mundo "menos agressivo e destrutivo", que, no entanto, foi-se para nunca mais voltar (23). Expressam assim essa nostalgia imbecil da protecção da produção local sem o domínio das gigantescas empresas mundiais que não se preocupam com destruir tudo em nome do capital. Não é outro projecto senão a utópica lamentação de impotência da gestão local e "mais ecológica". Um volante da CNT espanhola de Barcelona, em 23 de setembro de 2000, terminava precisamente com esta palavra de ordem que expressa bem essa reivindicação ideológica, utópica e reaccionária do conglomerado de fracções burguesas que se definem "contra a globalização": "Apoia a economia local, ecológica e autogerida".

É claro que, além do mais, o desenvolvimento desses pseudoprojetos constitui a expressão ideológica de diversos interesses proteccionistas de diferentes fracções

22. Claro que dentro dessa política geral pode haver matizes, como o regime de Sadam Hussein, no Iraque, ou o de Chávez, na Venezuela, mas, repetimos, não são comparáveis a um fenómeno generalizado e muito mais duradouro como foi o stalinismo.

23. Porque a catástrofe capitalista continua e continuará intensificando-se, e voltar a roda da história para trás é uma utopia reaccionária. Só destruindo o capital a humanidade pode construir outro mundo, que evidentemente não terá nada em comum com o capitalismo de décadas passadas.

burguesas particulares e localistas, que, como tais, incentivam a luta (e as guerras) imperialista. Do que se trata não é então de realizar um capitalismo mais humano (apesar de ser isso que declaram), porque o capitalismo sempre foi desumano e o antagonismo entre capitalismo e humanidade tem necessariamente que se agravar, senão que buscam enquadrar o proletariado com essas utopias reaccionárias para empurrá-lo a defender os interesses burgueses, e seguir a reboque de seus interesses locais, regionais, nacionalistas... e, por isso, não causa surpresa que em muitos países a extrema direita também se manifeste pela "antiglobalização". Seu verdadeiro projecto social não é portanto o que dizem, mas recredibilizar-se frente aos explorados para dirigir e canalizar a inevitável e sempre crescente raiva proletária, contra tudo o que se passa neste mundo, para a luta entre fracções burguesas e para a guerra imperialista.

O papel do proletariado no palco das cimeiras e derivados: a questão da autonomia proletária

Todo o palco está montado para apresentar os protestos em Seattle, Davos, Praga... como a verdadeira alternativa ao mundo actual. Inclusive, além das fracções abertamente social-democratas, esses encontros de cimeira, essas batalhas de rua, são considerados como a essência mesma da luta que se contraporia ao desenvolvimento actual do capitalismo, como a quintessência do internacionalismo proletário enfim descoberta. Concentremo-nos, portanto, neste capítulo, no papel que se atribui actualmente à acção do proletariado nessas cimeiras, para determinar nossos interesses e definir a política proletária frente a tais armações.

Para aprofundar a questão é indispensável perguntar-se: qual é a diferença entre esse tipo de expressão da luta de nossa classe contra as cimeiras e anticimeiras e as lutas proletárias que na actualidade caracterizam-se, como dissemos, por seus saltos de qualidade fulgurantes (ainda que os mesmos se produzam de forma esporádica e sem continuidade) concretizados em lutas sumamente violentas, que atacam todo o espectro político e que se desenvolvem opondo-se a toda mediação, como as que ocorreram nas últimas décadas por exemplo, na Romênia, Venezuela, Albánia, Argélia... e, mais recentemente, na Indonésia, Equador...? Qual é a interacção entre os dois tipos de luta ou formas de expressão proletárias?

A título de exemplo, e para facilitar a compreensão geral, comparemos as lutas que ocorreram em Seattle com as que se produziram em princípios de 2000 no Equador (24). Em ambos os casos, fracções do proletariado chocam-se contra o capital, milhares de proletários enfrentam diferentes estruturas nacionais e internacionais do estado capitalista mundial. Em ambos os casos chocam-se contra os corpos repressivos que protegem a propriedade privada e os centros de decisão do capital. Em ambos os casos enfrentam tanto os dirigentes locais do capital quanto os dirigentes internacionais deste.

Sigamos agora as diferenças (25). Ainda que façamos esta comparação para combater concepções mais sutis, comecemos por colocar em evidência os preconceitos mais grosseiros, derivados da ideologia dominante social-democrata. Segundo a visão da ATTAC e companhia, as lutas em cada país não podem ir muito longe porque o centro de decisões do capital, ou melhor dizendo, do capital financeiro, são o Banco Mundial e o FMI, e nessas cimeiras se decide o destino do planeta. É óbvio que eles não reconhecem que o movimento proletário em Seattle é o mesmo que no Equador, mas se o aceitassem diriam que o de Seattle

24. Ver sobre o movimento proletário no Equador em Avante os que lutam contra o capital e o estado!, em Comunismo n4 (português). A comparação que fazemos pode ser válida se em vez desse país se toma qualquer outra grande revolta proletária, como a da Venezuela, Albánia, Iraque...

25. Nosso interesse não é a separação desses movimentos, mas insistir no conteúdo único do movimento do proletariado e na necessidade de sua centralização revolucionária. Entretanto, no momento, a separação e a distinção existem; o desconhecimento, inclusive entre os próprios protagonistas (de um e outro exemplo), de que se trata de um único movimento é tão grande que consideramos pertinente insistir nas diferenças e até levar as tendências que existem num ou noutro caso à sua expressão extrema (apresentando as diferenças de forma muito mais pura do que como se dão na realidade), para que seja possível expô-las. Com efeito, essa análise das diferenças mais extremas permite, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da crítica companheira diferente no interior de cada uma de suas expressões, e simultaneamente mostrar que estamos diante de um mesmo movimento. A caricatura seguinte permite compreender a metodologia: se disséssemos que o movimento no Equador parte da miséria económica e o de Seattle, da consciência política, ficaria evidente que tal separação é uma caricatura, mas esta pode nos ajudar a vislumbrar as acções diferentes num e noutro caso, ao mesmo tempo em que ajuda a compreender, ou, melhor dizendo, a assumir que se trata de um mesmo movimento, como se insiste no final deste artigo, do movimento social pela abolição do capital. Se não fizéssemos assim e só insistíssemos em que tudo é um só movimento, que tudo é o mesmo, o que é verdade em última instância, seria quase impossível realizar uma explicação baseada na comparação como a que desenvolvemos aqui.

é internacional e decisivo, e o outro, local, indígena, economicista e sem maior importância. Concretamente diriam que graças aos protestos em Davos, Seattle, Washington... onde se enfrenta o centro do sistema, fica cada vez mais difícil para o capitalismo impor as medidas preconizadas pelo banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

Respondemos: na luta no Equador, os proletários enfrentam não só a burguesia local, mas também a burguesia internacional. O proletariado com sua acção contrapôs-se a todos os planos de austeridade patrocinados pelas famosas instituições Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial. A generalização desse movimento imporia uma correlação internacional de forças que poria em questão todo aumento da taxa de exploração e com seu desenvolvimento qualitativo, a própria exploração. Em troca, o movimento proletário contra as cimeiras e anticimeiras, o máximo a que consegue aspirar, contra os planos daqueles organismos, é impedir que tais reuniões se realizem, aterrorizar os congressistas ou, em geral, quem representa o capitalismo mundial em sua tomada de decisões, mas não se poderá impedir que as decisões sejam tomadas de qualquer forma; com segurança, com menos estardalhaço, a portas fechadas, em contactos interburgueses secretos... Por mais limitada geograficamente que pareça, a outra acção é capaz de impor uma relação de forças (talvez não seja o caso do Equador mas sim de muitos outros exemplos históricos) internacional contra o capital que bloqueie todas as medidas de ataque contra o proletariado (como aconteceu recentemente na Bolívia na questão da água, que o capital internacional e nacional quis impor). Em troca, a acção de Seattle, por mais geral e espectacular que seja, é difícil que se traduza numa relação de forças que, por exemplo, impeça um aumento da taxa de exploração.

Nos últimos dias foi suspensa a reunião do Banco Mundial prevista em Barcelona para o mês próximo (junho de 2001) e nossos inimigos falarão em triunfo. Para nós, mesmo que se chegasse a varrer essas conferências da Terra, ou se chegasse a destruir todos os edifícios de reunião dos organismos internacionais, não se poderia assim impedir que as medidas continuassem aplicando-se país por paísÉ evidente que é preciso deixar isso claro contra o mito inverso. Mas isso não desmerece em absoluto a luta dos proletários que, quando são previstas conferências e anticonferências, lutam contra elas e inspiram um pânico cada vez maior nos congressistas, chuis, governantes e social-democratas em toda parte. Ainda mais, como iremos vendo no que se segue, estes sectores poderiam chegar a ser decisivos na generalização da luta, na consciência e na direcção internacional.

Continuemos, então, com a comparação. No Equador, esse movimento é o resultado de um conjunto de lutas parciais de diferentes sectores proletários que defendem seus interesses e enfrentam "seus próprios" burgueses, "seus próprios" sindicalistas, "seus próprios" partidos social-democratas... e que, no início, exigem diferentes reivindicações e/ou medidas, até que o descontentamento é tão generalizado que a luta proletária toma a rua, todas as exigências particulares generalizam-se (26) e os centros de decisão do estado nesse país são atacados: parlamento, poder judicial, presidência, locais dos partidos políticos...

Em Seattle, o movimento está constituído por quem quer atacar o que considera os centros decisórios do capital e do estado mundial. Isso é válido tanto para os proletários que marcham como cordeirinhos nos desfiles social-democratas como

26. A social-democracia, o marxismo-leninismo, o anarco-sindicalismo falam de passagem do económico ao político ou de transformação das lutas imediatas em lutas históricas, como se as mesmas fossem de natureza diferente, e, em geral, atribuem tal mudança à contribuição da consciência ou da acção política do partido. Para nós, que recusamos tal separação (ver as Tesis de orientación programáticas, GCI, números 15, 31, 32 e 33), trata-se da generalização das reivindicações imediatas. Isto é possível porque as próprias contradições de classe contêm sua generalização, pois toda luta contra as condições concretas de exploração, contra as medidas burguesas de austeridade (aumento da taxa de mais-valia), ainda que a mesma se desenvolve num só lado, contêm a luta contra a sociedade de exploração. A acção política dos elementos de vanguarda não é o determinante deste salto, pelo contrário, é o desenvolvimento dos interesses do proletariado, que não pode obter a vitória em nenhuma luta particular, que não pode obter satisfação em nenhuma reivindicação particular e que tende, inclusive contra a intervenção dos activistas políticos, a generalizar-se em luta contra o capital e o estado. Em geral, como dissemos na tese número 15 (ver idem), o salto qualitativo concretiza-se na superação das organizações que expressam reivindicações parciais (organizações de trabalhadores, associações classistas, comitês de fábrica...) e a passagem a organizações territoriais onde se encontrem todos os proletários, mulheres e homens, empregados e desempregados, velhos e crianças... como os conselhos operários, os comitês de abastecimento, as assembleias de uma ou várias cidades.

27. Já em meados do século XIX, Marx criticava a pretensão de que um movimento seria mais global pelo fato de ser mais político e basear-se na vontade política revolucionária, e mostrava que, pelo contrário, a rebelião proletária, mesmo que acontecesse num só distrito, contêm a totalidade. Ver, a propósito, a discussão com Ruge: Notas críticas ao artigo "O rei da Prussia e a reforma social. Por um prussiano".

para os que os ultrapassam e que enfrentam também a social-democracia e organizam-se fora e muitas vezes contra ela. O ponto de partida dos que vão a Seattle é aparentemente mais global, mais politizado (27) e mais determinado pela vontade política do que pelo interesse imediato, do que pelo interesse social. Os que vão partem de suas posições, de suas ideias revolucionárias, ainda que, é claro, as mesmas sejam também, por sua vez, o resultado da consciência dos interesses imediatos generalizados do proletariado.

O movimento do Equador, como produto social dos interesses proletários que vão generalizando-se, ao se contrapor às expressões do capital e do estado que encontra a sua frente, contém, representa e assume directamente os interesses do proletariado internacional contra o capital e o estado mundiais. A luta consequente por seus interesses leva os proletários a uma contraposição prática às tentativas de enquadramento social-democrata, independentemente das ideias dos protagonistas. No Equador, o movimento proletário é impulsionado, por seus interesses surgidos e desenvolvidos nesse movimento, à ruptura com todo tipo de enquadramento social-democrata. Em Seattle, pelo contrário, só as posições políticas e a clareza programática permitem desdobrar e aprofundar a ruptura com a social-democrata.

No Equador, o proletariado só pode defender os interesses pelos quais desencadeou o movimento rompendo o enquadramento social-democrata, assumindo sua autonomia de classe; neste sentido está forçado a fazê-lo. Quando decide ir ao que considera o centro de decisões do capital, a Quito, é porque não aguenta mais, porque quer arrebentar os que estão o esfomeando. Já é um ataque! Porque então todos aconselham a calma e o "retorno a seus lares". Não só ninguém o convocou a Quito, como também não há nenhuma cimeira ou anticimeira para "acolhê-lo". Só o esperam as forças repressivas; farão o possível para que ele não chegue. E apesar disso, o proletariado impõe sua determinação. O enquadramento sindical e da esquerda burguesa evidentemente que vai atrás, para não perder o trem, mas segue o movimento para enquadrá-lo.

Em Seattle, pelo contrário, a razão inicial são as cimeiras e elas determinam os lugares, as datas. Não é a organização da força proletária que decide ir a Seattle, mas são as convocatórias ao proletariado para desfilar como rebanho que o convidam a ir. E só ao lado e, em alguma medida fora e contra, vão grupos de proletários pelejar também contra esse enquadramento.

É óbvio que estes é que não são convocados e que são temidos. É contra estes que as forças repressivas se organizam. É contra estes que são feitos controles nas fronteiras. Estas fracções proletárias em ruptura vão a Seattle por suas posições programáticas, vão para ressaltar e desenvolver essa ruptura com todo capital. Só a percepção dos interesses do proletariado internacional transformados em consciência de classe e em posições (e, em todo caso, filtrados pela ideologia burguesa, ainda que se lute contra) permitirá contrapor-se à social-democracia e desenvolver a autonomia proletária. Mais ainda, a maioria dos proletários que vão a Seattle desenvolver a luta proletária pertence a alguma organização, a alguma rede (como está na moda dizer hoje), algum movimento, algum grupo, ou são considerados por estes como formando parte de sua periferia organizada.

É uma diferença importante. A ruptura no Equador está determinada pelo desenvolvimento inevitável dos interesses antagónicos; em Seattle, depende quase exclusivamente dos programas e bandeiras dos grupos que actuam. Isso faz com que nos cenários estilo Seattle adquira uma importância ainda maior a discussão política com os grupos e organizações participantes, faz com que a crítica programática das organizações que pretendem impulsionar e desenvolver a ruptura proletária tenha uma importância decisiva, assim como também a denúncia de toda ideologia centrista, que se caracteriza por impedir a ruptura e/ou por querer, em nome dos limites da consciência proletária, empurrar para fazer um papel de al extrema da social-democracia, representando o papel de tornar mais violento o protesto da esquerda burguesa.

Esta crítica companheira que realizamos é parte do próprio movimento de ruptura que se desenvolve na actualidade tanto em Seattle quanto no Equador, ou em qualquer parte do globo. Apesar das diferenças assinaladas num caso ou noutro, trata-se de um mesmo movimento do qual assumimos sua prática, de nosso movimento, de nossa luta mundial contra todo o capital. Mas quando, no interior do mesmo, fazemos um balanço crítico das forças e debilidades de um movimento como o do Equador, sentimos que o mais importante é sua dinâmica prática e a análise das bandeiras; os grupos políticos e as posições consideramos em segundo plano. Em Seattle, em troca, como o ponto de partida do agrupamento de forças são as posições políticas, a análise e a crítica das mesmas devem ser postas em primeira lugar, sem esquecer, é claro, que também aí o que está em jogo é a luta autónoma do proletariado internacional contra a sociedade burguesa, contra todas as reciclagens da esquerda para impedi-lo.

Nos subtítulos seguintes analisaremos como se coloca nesses cenários a luta pela autonomia do

proletariado, dando prioridade às posições políticas dos protagonistas com relação à autonomia física de cada manifestação de rua.

Entretanto, antes de passar a essa análise nos parece imperioso deixar claro que também a autonomia nas ruas é sumamente importante e que, por isso, a palavra de ordem “fora e contra as cimeiras e anticimeiras” e a crítica dos proletários aos que se fazem marchar como cordeirinhos é fundamental. O Grupo Comunista Internacionalista, através de vários panfletos e outras acções de propaganda, expressou claramente esta posição em tais lutas.

Também é fundamental (e assumimos na medida de nossas forças) criticar na prática as colunas radicais das manifestações e impulsioná-las a não participar nos cortejos social-democratas nem sequer “para ultrapassar a manifestação” ou “para radicalizá-la”. Mas no que se segue, pelo fato de que a ruptura proletária nessas ocasiões só pode operar-se pela ruptura política, pelo avanço programático e organizativo das fracções mais radicais é que, como dissemos, nos concentramos nas posições programáticas expressas em tais eventos.

A violência de classe. Revolucionários ou activistas e oportunistas?

Entremos mais no terreno da ruptura classista. Deixemos agora os cordeirinhos e nos concentremos nas expressões proletárias que mais nos interessam, os militantes ou grupos militantes mais próximos de nós que vão a esses eventos decididos a enfrentar o capital e o estado, que assumem como decisiva a luta revolucionária. É sem dúvida um salto de qualidade considerar-se revolucionário; assumir de forma voluntária, organizada e consciente uma actividade dirigida à destruição do capitalismo e do estado. A respeito, devemos assinalar na comparação efectuada anteriormente, que, quando o movimento do Equador declina, só ficam, no melhor dos casos, alguns pequenos grupos de militantes revolucionários que tratam de extrair as lições e entrar em contacto com outros revolucionários através do mundo e que, em Seattle, pelo contrário, já existem minorias que se organizam permanentemente e que darão constância a sua organização, independente de determinada data, o que é uma afirmação importantíssima da tendência do proletariado a organizar-se em força e uma afirmação histórica da militância revolucionária. Nós somos parte desse mesmo processo e, dentro do mesmo, consideramos indispensável a crítica companheira.

Mas não se é revolucionário em função da vontade, senão da prática social, do papel prático que se desempenha, do que se defende na prática. E isso é válido tanto para os militantes como para as organizações políticas. É a prática social, o projecto social real, que situa um grupo, um militante, num ou noutro lado da barricada.

A história está cheia de exemplos de organizações que em nome da revolução defenderam a contra-revolução, de estruturas políticas nacionais e internacionais que em nome do socialismo, do comunismo e/ou do anarquismo defenderam exactamente o contrário: o capitalismo e seu estado. A base de todos os oportunismos, de todas as renúncias ao programa da revolução, o determinante decisivo da traição encontra-se sempre na ideologia do mal menor, na política “realista”, no “não assustemos os proletários com questões radicais”, no “as massas não compreenderão”, no etapismo, na dissolução do programa revolucionário para “ir às massas”, enfim, na substituição do programa comunista por um conjunto de reformas parciais ou programas de transição, que conduzem sempre à defesa do capital. A contra-revolução não tem infinitas maneiras de se impor, suas formas são em última instância sempre as mesmas, por isso é tão importante extrair as lições do passado das lutas revolucionárias e da imposição da contra-revolução.

Nas organizações e grupos presentes em Davos, Seattle, Praga... tanto pelos panfletos, volantes e publicações, como pelas discussões que tivemos, a primeira coisa que constatamos é que o principal elemento unificador e demarcatório, entre os que se dizem revolucionários, é assumir e reivindicar a violência de classe e, obviamente, a violência organizada de minorias da classe (28). Contra toda ideologia da “não violência” tão comum nos cortejos oficiais, que favorecem enormemente o trabalho policial até o ponto de permitir aos agentes da ordem fichar, espancar, lançar gases e humilhar milhares de seres humanos sem que estes possam reagir, é totalmente lógico e inestimavelmente importante que os grupos que se reivindicam da revolução assumam e chamem à violência revolucionária. Trata-se também de um invariante necessário, de um elemento básico de ruptura com a ideologia social-democrata e que, em escala internacional, está afirmando objectivamente a tendência proletária para a ruptura com todo teoricismo e ideólogos de salão.

Este reconhecimento social da violência como algo elementar, como uma necessidade humana indispensável contra a sociedade do capital, volta a por-se na ordem do dia em todos os movimentos do proletariado. Há uma evidente tomada de consciência internacional da necessidade da violência minoritária de classe contra a ideologia pacifista social-democrata, o que é, e será, decisivo na actual tendência do proletariado a reemergir como força em escala mundial. Sem dúvida, essa tendência actual deve-se à intensificação de todas as

contradições do capital, mas, também, à acção e a denúncia que as minorias revolucionárias levamos adiante durante estas últimas décadas. E isso queremos deixar bem claro, porque é um ponto forte e muito válido do movimento actual e de suas expressões de vanguarda, encontrem-se estas em Seattle, Equador, Paris, Moscou...

Hoje, como ontem, todo grupo que se oponha à violência das minorias proletárias em nome do anti-substitucionismo, do antiterrorismo, da mítica "violência de classe em seu conjunto" constitui de fato uma parte da social-democracia e do estado burguês.

No entanto, esse elemento não é suficiente para uma verdadeira ruptura. A violência por si só não constitui uma verdadeira fronteira demarcatória entre reforma e revolução, como o esquerdismo burguês nos quer fazer crer. Entre a reforma (que também utiliza a violência para defender o sistema) e a revolução há um verdadeira abismo de classe, de projecto social, de programa. O proletariado necessita organizar-se praticamente fora e contra a social-democracia, delimitar o máximo possível os campos. A afirmação prática do proletariado como classe independente implica, ao mesmo tempo, a delimitação teórica, de métodos e objectivos, com relação às forças burguesas. É absolutamente insuficiente, e desenvolve a confusão, crer que essa demarcação possa realizar-se exclusivamente com base na oposição entre violência e não-violência.

Mas, no movimento presente nesses eventos, constatamos um grande desprezo pela teoria revolucionária, pelo programa da destruição do capitalismo, pela luta por acordos programáticos precisos, pela questão do partido, pela questão do poder. Pelo contrário, na sombra da social-democracia e como sua expressão violenta desenvolveu-se toda uma ideologia que, em nome da liberdade ou do "libertário", da "acção directa" e da "prática revolucionária" nega e tira a importância de tudo isso. Essa concepção baseia-se na "actividade", na prática, na união baseada na "luta na rua". Nossa posição é a de crítica impiedosa de tal concepção, que sempre conduziu ao oportunismo.

Em primeiro lugar é preciso dizer claramente que a posição de negar a importância da teoria revolucionária, da discussão programática, é, evidentemente, e, ainda que incomode seus defensores reconhecê-la, uma teoria "revolucionária" bem precisa. A não delimitação do programa revolucionário do proletariado, conjuntamente à apologia da "acção directa" no imediato e do libertário no plano político é um programa totalmente concreto, que, por outro lado, tampouco é novo: não são os primeiros a declarar "o objectivo não é importante, o movimento é tudo". Os oportunistas do século XIX e princípios do XX, a começar pelo próprio Bernstein, basearam sua concepção em tal máxima.

Desnecessário é dizer que esse movimentismo, esse empirismo, também se considera estrategicamente forte por atrair as massas à acção sem afugentá-las com questões como a da necessária ditadura do proletariado para abolir o trabalho assalariado. Do ponto de vista do proletariado, essa ausência de direcção, de programa e de perspectiva, de organização permanente e de reconhecimento da necessidade de se centralizar é uma grande debilidade histórica, que hoje, mais uma vez, permite que continuem nos manobrando. Do ponto de vista dos grupos que desenvolvem, sustentam e impulsionam essa prática empirista e antiprogramática é uma enorme porta para todos os oportunismos, para o frentismo, para o mal menor e, em geral, para a passagem para o campo da social-democracia, para o campo da

A violência por si só não constitui uma verdadeira fronteira demarcatória entre reforma e revolução, como o esquerdismo burguês nos quer fazer crer. Entre a reforma (que também utiliza a violência para defender o sistema) e a revolução há um verdadeira abismo de classe, de projecto social, de programa.

28. Conscientes ou não, os proletários que assumem e reivindicam a acção violenta minoritária estão rompendo com a democracia, mesmo que ela se chame «democracia operária»; estão assumindo o fato de que a acção revolucionária não tem nada em comum com as consultas democráticas ou os congressos, que o proletariado só se pode constituir em força, coordenando e centralizando as diferentes expressões que assumem, sem nenhuma consulta prévia, as diferentes tarefas revolucionárias. É através desse processo, dessa afirmação da comunidade de interesses e de luta, que o proletariado vai reconstituindo-se como classe, e portanto organizando-se em partido, oposto a todos os partidos existentes.

contra-revolução.

Precisamente, o que mais está faltando ao movimento hoje existente no mundo, dadas as características das lutas proletárias na actualidade (tanto as de um tipo como as de outro) é a perspectiva, a continuidade, a direcção revolucionária, a preparação insurreccional, ou seja, afirmar-se como força que sabe aonde vai, que luta por se dar uma centralização e por se dotar de uma direcção. O proletariado só se sente uma classe quando reaparece violenta e fulgurantemente nessas grandes lutas e só no nível em que as mesmas se desenvolvem, que, até agora, é limitado geograficamente. Essa é a grande debilidade actual de nossa classe, que assim não chega a reconhecer-se em cada luta no outro extremo do planeta, em cada uma das quais, o movimento parece partir do zero, sem nenhum acúmulo de sua experiência histórica. Ao não se sentir classe mundial, nem reconhecer seu próprio passado, não pode tampouco afirmar (nem conhecer) o programa revolucionário de destruição do capitalismo. Por isso, todas as ideologias libertárias, praticistas, movimentistas, que opõem a "acção directa" ao programa revolucionário são hoje mais nefastas do que nunca e fazem o mesmo papel dos oportunistas de sempre: impedem a ruptura revolucionária com a social-democracia.

O fato de que esses grupos e organizações se considerem revolucionários, lutando contra o capital e o estado, não os situa no campo da revolução se sua prática real é precisamente a da defesa dessa ideologia empirista, antiteoria revolucionária, que vai invariavelmente acoplada à prática activista.

A maioria desses militantes que se dizem revolucionários consideram que a actividade central da revolução é a de agitar, activar, de suscitar a luta do proletariado, realizar permanentemente campanhas contra determinada empresa multinacional, contra determinada instituição do capital e, obviamente, contra as cimeiras burguesas. O que é criticável não é, do nosso ponto de vista, que tais activistas se considerem profissionais da revolução, que se organizem e que busquem por todas as forças ao seu alcance desenvolvê-la, mas que considerem que a revolução seria o resultado da generalização dessa acção, desse activismo (29) e não das lutas históricas de uma classe social. Essa ideologia da especificidade da acção agitativa, do recrutamento para ela, da ilusão de destruir o capitalismo pela generalização do activismo (há quem acredite que se triunfará se continuar agregando centenas ou milhares de Ônibus para ir à próxima reunião de cimeira!) põe em evidência o desconhecimento e o desprezo objectivo pelo movimento histórico a que pertencem, pela relação entre as lutas levadas por eles e outras lutas proletárias actuais ou as lutas proletárias do passado; isto é, sobre o que é o programa revolucionário. O activismo fecha assim os olhos para a amplitude histórica da luta comunista contra o capital, defende "a actividade" contra a teoria revolucionária, a "acção directa" contra a necessidade de organizar-se em força política, em partido revolucionário, em força centralizada para abolir a ordem social capitalista. Inclusive quando fala de organização, o activismo não fala nunca em constituição em força mundial, de desenvolver a permanência e a centralização, de partido mundial, mas, pelo contrário, de redes informais, de unificação pela actividade, de entrar em acordo para determinada campanha. Reiterando a velha separação social-democrata entre prática e teoria, desprezando esta última e utilizando como argumento dizer que actua em nome da massa, da vontade dos que lutam, da democracia dos operários, o activismo conduz

29. Uma crítica dessa ideologia tal como se apresenta hoje pode ser encontrada no texto Abandona o activismo, publicado em inglês, em Reflections on June 18. Contribution on the politics behind the events that ocurred in the city of London on June 18, 1999. Edit. Collective, outubro de 1999. Existe versão em castelhano. O texto tem várias contribuições interessantes, no entanto devemos assinalar que seus autores têm uma concepção ideológica e intelectualista na medida em que não analisam o activismo como parte da prática social do proletariado internacional, de suas forças, suas debilidades (e portanto da correlação de forças em relação ao capital), como um produto objectivo do movimento, mas exclusivamente como o produto subjectivo dos «activistas», e mais ainda na medida em que realizam essa crítica sem apresentar nenhuma contraproposta revolucionária, sem reivindicar a actividade revolucionária específica que caracterizou sempre as fracções mais decididas do proletariado, sem reivindicar a necessidade da organização revolucionária internacionalista.

30. Nós não retomamos nunca a palavra "princípios" para definir nosso movimento histórico, porque o mesmo não parte de princípios. Recorde-se que a primeira formulação do que depois seria o Manifesto do Partido Comunista, de 1847, efectuada por Engels, levava o título de Princípios do comunismo, e que os próprios Marx e Engels consideraram inadequada esta formulação.

31. Ver Falso recurso ao activismo, em Invariance, número 3.

sempre à degeneração dos grupos políticos. Em nome do imediato, terminam correndo atrás das massas e sacrificando o essencial do programa.

Como dizia Amadeo Bordiga numa de suas melhores épocas: "Um desvio banal, que se encontra na origem dos piores episódios da degeneração do movimento, é subestimar a clareza e a continuidade dos princípios (30) e empurrar o "ser político" ao fundir-se na actividade do movimento que indicará as vias a tomar. É não parar para decidir, referindo-se aos textos, passando-os pelo crivo das experiências anteriores, mas para continuar sem paradas o vivo da acção... Nunca houve um traidor e vendido à classe dominante que tenha abandonado o movimento sem haver argumentado: primeiro, que era o melhor e mais activo defensor "prático" dos interesses operários; segundo, que actuou assim devido à vontade manifesta da massa de seus discípulos..." (31)

Internacional revolucionária? Mentira activista!

O activismo reflecte-se na concepção segundo a qual a internacional revolucionária constitui-se com base na acção imediata. Hoje, diferentes grupos que questionam a posição social-democrata clássica fazem-se presentes nos cenários das cimeiras e anticimeiras e, em toda sua propaganda, sustentam que estamos diante de um confronto entre a internacional capitalista e a internacional revolucionária. Por exemplo, o secretário internacional da FSA-AIT chega a intitular seu informe sobre Praga como A internacional Capitalista contra a Internacional Anarco-sindicalista.

Para nós, por mais fortes que tenham sido alguns enfrentamentos de nossa classe contra as cimeiras e contracimeiras, por mais violentas que tenham sido as ultrapassagens, os confrontos com a polícia ou a quebra de vidraças, nos parece totalmente impróprio falar de internacional revolucionária, porque uma internacional revolucionária deve necessariamente ser muito mais do que isso, não só em termos quantitativos ou de violência expressa, mas em termos qualitativos. Vangloriar-se dessa acção do proletariado e identificá-la com uma internacional revolucionária é uma grosseira distorção dos fatos e do que deve ser uma internacional revolucionária. E isso por várias razões.

A primeira delas é que os níveis de autonomia do proletariado, apesar dessa acção na rua, são muito relativos, já que a própria acção na rua não está determinada pelo próprio proletariado, enquanto os lugares, as datas, as modalidades... são impostas pelo inimigo de classe (32). O lugar e as datas são decididos nas cimeiras e/ou cimeiras paralelas, e apesar de ser parte de nosso protesto buscar impedir sua realização ou nos manifestar contra as mesmas, não há autonomia de acção se dependemos de suas cimeiras para nos manifestar.

Justamente, muitos grupos militantes ou companheiros próximos extraem de Seattle e Praga a lição de que "não é preciso meter-se na boca do lobo", "nós é que deveríamos decidir onde, quando e como nos manifestar" (33). De fato, um dos pontos mais fortes entre as minorias que impulsionam a acção violenta é que cada vez se toma maior consciência disso e que diferentes organizações e grupos manifestam a necessidade de organizar-se independentemente dos cenários montados: existem diversas associações, redes e assembleias que começam a dar-se esses objectivos. Nós pensamos que justamente nessa crítica e tendência a organizar-se de maneira diferente está se forjando uma comunidade de luta que poderá ser decisiva no futuro para ir marcando, com sua prática, a direcção de que necessita o proletariado.

32. Claro que se poderá dizer que a classe explorada sempre actua determinada pela classe que domina, que o capital é o sujeito desta sociedade e que o proletariado só pode aparecer como negação. Se bem que isto é verdade, no caso analisado não estamos diante de uma reacção espontânea e generalizada do proletariado frente a um ataque burguês, onde, embora este último determine a acção também pelo ataque, não sabe nunca como reagirá, quando decidirá sua acção, nem que tipo de acção desenvolverá. Pelo contrário, no caso das cimeiras, este último também está totalmente determinado e inclusive se conhece publicamente de antemão.

33. Extractos de panfletos de companheiros, conversações e cartas recebidas.

Mas nesses cenários, é necessário dizer claramente, os níveis de autonomia do proletariado, mesmo se desenvolve a violência de classe, são débeis, muito débeis. Isso facilita enormemente o trabalho policial de preparação, conhecimento do terreno, tanto para a "batalha" quanto para filmagens, fichamento e identificação dos elementos mais perigosos.

Mais ainda, devemos compreender que a burguesia teve um êxito importante em tais operações. Com efeito, constatamos uma quase perfeita divisão do trabalho na canalização, dispersão e repressão do proletariado: convoca-se a maior quantidade de gente possível, a maioria passeia como carneirinhos atrás dos clássicos grupos pacifistas e cuida-se para que os que querem ir mais longe formem cortejos separados ou de outra cor com o objectivo de se expressar violentamente e quebrar vidraças, o que, obviamente, facilita a acção da polícia. Sonífero para a maioria, porrada e fichamento para os que querem o enfrentamento constituem uma divisão idónea do trabalho burguês contra o proletariado, que nossos inimigos sempre utilizaram. É como se peneirassem o movimento, seleccionando e identificando perfeitamente os que devem ser bem fichados, os que devem ser presos.

Inclusive a ideologia que predomina em muitos desses grupos activistas facilita esta divisão do trabalho. Com efeito, o fato de que não se definem fora e contra os cortejos oficiais de protesto, mas muitos aceitem constituir outras colunas nos mesmos cortejos, contribui para o trabalho realizado pelo estado. Mais ainda, em alguns casos, quem aparece na cabeça das ultrapassagens na rua não é outra coisa senão as "secções jovens" dos mesmos grupos ou as fracções esquerdistas da mesma social-democracia (maoístas, trotskistas, guerrilheiristas...), cuja acção não é nunca contra a social-democracia, contra os planos de humanizar o capitalismo, mas de "radicalizar" (34) esses planos.

Outra coisa muito diferente aconteceria se os sectores mais decididos do proletariado actuassem para impedir essa divisão do trabalho; se actuassem recusando essa separação entre quem vai para desfilar como cordeiro e quem vai para "quebrar", organizando a violência para arrebentar antes de tudo o próprio cortejo oficial de protesto, e impulsionar assim o conjunto ao protesto violento, para enfrentar não apenas as polícias oficiais, mas as polícias sindicais e de esquerda que asseguram junto com as outras a divisão necessária do trabalho e o terrorismo de estado.

Mas nos dirão que não existe uma correlação de forças para o confronto com a burguesia de esquerda, que as forças de choque da esquerda e as polícias sindicais ainda podem assegurar a ordem pacífica de sua manifestação; mas isso confirma uma vez mais a falta de acção realmente autónoma.

Mais ainda, isso mostra que a ideologia que domina nesse meio é a do mal menor, que faz com que a organização da violência proletária não se expresse nunca abertamente contra a social-democracia e as anticimeiras, mas contra a direita e suas cimeiras oficiais, que se constitua ao lado da social-democracia (como se assim o proletariado pudesse conquistar sua autonomia!) e se chocar não contra esta (que no entrevero fica muito bem parada apesar das críticas verbais que a acusam só de "pacifismo e outros desvios"), mas contra o escudo de toda burguesia: a polícia oficial (35).

Tudo isso é típico do esquerdismo burguês para desviar o proletariado de sua crítica da sociedade. Uma direcção revolucionária deve lutar precisamente pelo contrário, para impedir o êxito da divisão do trabalho que faz a burguesia entre discursos soníferos e porrada e fichamento. Muito mais importante que enfrentar policiais preparados e

34. «Radicalizar», no sentido imediato e erróneo que utiliza a maioria desses grupos, na realidade pseudo-radicais, significa dar um carácter violento ao cortejo social-democrata, ultrapassar com a «acção directa» (ver, mais adiante, a crítica desta utilização do termo «acção directa») a missa da ATTAC, mas que no fundo se opõem à única política que interessa ao proletariado, que é a de situar-se fora e contra essa manifestação contra-revolucionária. Para nós, radicalizar quer dizer, pelo contrário, ir à raiz, lutar para destruir as próprias raízes da sociedade burguesa, ou seja, para destruir seus fundamentos, a mercadoria, o valor, o trabalho assalariado..., «pequenas questões» programáticas das quais esses grupos nem falam.

35. Este é um dos grandes problemas do proletariado. A social-democracia não deve ser criticada por ter desvios, mas por ser parte do capital; não deve ser denunciada como pacifista, deve ser enfrentada pela violência revolucionária porque seu pacifismo não é mais do que um elemento ideológico para aplicar melhor sua violência contra-revolucionária (recordar que a social-democracia sempre usou a violência... contra a revolução).

que estão esperando, seria atacar os social-democratas menos preparados e que ainda não esperam, assim como atacar as polícias quando não estão nos esperando, quando decidimos nós. Para o proletariado, é nefasto marchar ao lado da social-democracia ou em colunas com tipos diferentes mas junto dela, como para radicalizar suas manifestações. É preciso organizar-se fora e contra esses passeios social-democratas, constituir-se em força para impedi-los, também eles, de realizar seus foros porto alegres. Seria decisivo estruturar a força proletária, decidir nossos próprios objectivos e não considerar, como a ATTAC, o Fórum de Porto Alegre e Tutti quanti, que o inimigo é o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

Lutar com os mesmos objectivos da social-democracia, mas de forma mais violenta e radical, é cair no mal menor e aceitar o princípio do frentismo. Trata-se do mesmo princípio que, em nome do antifascismo, levou marxistas-leninistas, anarquistas sindicalistas e trotskistas a aliarem-se com o estado burguês contra a revolução (primeiro em 1936 e 1937 na Espanha, e depois em todo mundo).

Até agora só se fala em impedir pela violência as reuniões do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial..., mas não da ATTAC, não da Internacional Socialista, não dos Fóruns Sociais... o que mostra às claras a debilidade de nossa classe e, sobretudo, o predomínio do centrismo, inclusive nas manifestações mais radicais do proletariado.

Nessas manifestações conjuntas com a social-democracia contra os mesmos inimigos dela, apesar das colunas e tipos diferentes, ainda se está no início da autonomia de classe. O proletariado, para se autonomizar, deve romper também com os (autoproclamados) "autónomos" que o incentivam a permanecer nos cortejos fundamentalmente social-democrata e ir às mesmas missas cidadãs que os social-democratas organizam (mesmo que seja para radicalizá-las) e que, portanto, impedem uma verdadeira autonomia de classe.

Guerrilha urbana? Insurreição?

Diz-se também que esse tipo de enfrentamento é uma espécie de "guerrilha urbana, insurreição ou prática insurreccional", concepção que pode ser muito interessante quando realmente a mesma organiza-se com bases próprias, não as que predominam na actualidade. A verdadeira luta revolucionária insurreccional não se pode basear em ir aonde estão nos esperando para nos dar porrada, não pode consistir em enfrentar com muito menos meios um inimigo muito mais preparado, potente e que, além do mais, está nos esperando. A burguesia e os chefes da repressão nos enviam para enfrentar a tropa mercenária melhor preparada e a utilizam de escudo, enquanto ficam muito bem preservados atrás; o que mais poderiam desejar que o fato de que nossa força se estraçalhe contra seu escudo protector e que eles fiquem intactos?!

Mais ainda, as leis da insurreição baseiam-se no contrário de tudo isso: na concentração de forças proletárias contra um inimigo que não espera nosso ataque; escolher o lugar e o momento em função de nossos objectivos e atacar onde e quando menos nos esperam; evitar o combate militar quando o inimigo é superior; fazer acreditarem numa data e atacar antes, quando ainda não esperam, ou depois, quando estão cansados de esperar; evitar a resistência em pontos fixos, utilizar a dispersão diante de um inimigo que avança e a concentração só para o ataque onde ninguém espera; atacar os quartéis e preparação da repressão antes que tal aquartelamento e organização da tropa possa obedecer; atacar os capitalistas, governantes e chefes da repressão

Sonífero para a maioria, porrada e fichamento para os que querem o enfrentament o constituem uma divisão idónea do trabalho burguês contra o proletariado, que nossos inimigos sempre utilizaram. É como se peneirassem o movimento, seleccionando e identificando perfeitamente os que devem ser bem fichados, os que devem ser presos.

Uma direcção revolucionária deve lutar precisamente pelo contrário, para impedir o êxito da divisão do trabalho que faz a burguesia entre discursos soníferos e porrada e fichamento.

em suas próprias casas; impedi-los de dirigir as operações terroristas da repressão, seja prendendo-os, cercando-os ou bloqueando as vias de acesso para a direcção das tropas...

Mais ainda, o interesse da insurreição não é enfrentar e destruir os policiais em geral (ainda que obviamente deva ser implacável com todo agente da ordem consequente!), mas destruir a coerência do corpo da repressão e o que actualmente se patrocina; pelo contrário, confrontar a força que a burguesia usa de escudo favorece esse mesmo espírito de corpo.

Por isso, merece toda nossa crítica essa concepção “guerrilheirista” que está na moda. Porque é uma caricatura, pois incentiva à luta aparato contra aparato, que sempre favorece o estado.

Pareceria que a “direcção das operações insurreccionais” quer, na falta de perspectiva revolucionária, vangloriar-se dos policiais feridos e a quantidade de feridos e fichados que ficam em nossas filas. Não faltam relatos de esquerdistas burgueses na Internet ou vídeos que circulam, onde somam-se feridos e reproduzem imagens-se de confrontos espectaculares, fazendo crer que isso fará avançar a revolução social. Ver, por exemplo, as feiras de troca de imagens de “acções” e “revoltas” na Internet, como por exemplo, o Indymedia, onde os activistas asseguram benevolamente um trabalho que só pode servir ao espectáculo e à... polícia.

A luta revolucionária terá feridos, presos e mortos proletários, mas nosso interesse é que isso ocorra o menos possível. Estamos cansados de tantas vítimas! Todos os exemplos históricos mostram que quando uma insurreição proletária se desenvolve não há muitas vítimas, que quando se ataca os chefes da repressão e o estado burguês, o número de companheiros caídos é muito reduzido e que, pelo contrário, o maior número de vítimas se produz sempre, quando nos chamam para resistir ou manifestar contra a potência repressiva concentrada do estado.

Falta de programa revolucionário, espectáculo da violência

Ligado a tudo isso está, mais uma vez, a falta de programa e perspectiva que existe em tais confrontos; a falta de uma crítica profunda e real da sociedade burguesa; a falta de uma estratégia de liquidação da sociedade capitalista. Sem tudo isso, falar de internacional da revolução contra a internacional do capital, como muitos fazem, é falsificar o próprio conteúdo do que é uma internacional revolucionária. De que internacional revolucionária nos falam? Da coluna de tal ou qual cor na mesmíssima manifestação social-democrata! E qual é a diferença entre as colunas? Que algumas enfrentam violentamente os monstros FMI e BM?!

O secretário da FSA-AIT não tem escrúpulos ao nos dizer que eles eram o bloco azul (blue) que com a ajuda da televisão deveria mostrar (36) aos pobres do mundo que havia na Europa quem lutava contra o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial: “Aquilo foi uma avalanche desencadeada pela guerra de classes, sabíamos que aquele não era o nosso método de trabalho, mas todos sabíamos que devíamos mostrar aos pobres e moribundos proletários do mundo que aqui, na Europa, há pessoas valentes que não só moralizam e criticam, mas pessoas que não temem enfrentar fisicamente o FMI e o BM, que estão determinadas a impedir seu congresso, que arriscam sua vida e sua saúde para arrebentar com o macabro acontecimento dos engenheiros da fome e a destruição ecológica”.

Veja-se até que ponto essa violência está sindicalmente enquadrada para que não ultrapasse e pense atacar, por exemplo, a esquerda burguesa,

36. A «acção directa», com tanta mediação, também se transforma numa caricatura!

37. Eis aqui a grande preocupação da burguesia, em especial, a partidária da libertação nacional, expressa por um jornalista francês: «[...] Os jovens em Cabila não crêem em nada, só crêem na violência, não lhes interessa em absoluto o independentismo, as organizações independentistas fazem o possível, mas não conseguem controlá-los».

o que, evidentemente, não se pode garantir quando a manifestação proletária não está enquadrada pelos sindicalistas (chamem-se libertários ou anarco-sindicalistas), como a que se dá, por exemplo, no momento em que escrevemos este artigo, em Cabila, Argélia, onde toda imprensa reconhece que os revoltosos atacam igualmente os partidos oficiais e os partidos da oposição (37). Veja-se a pretensiosa diferença estabelecida entre os especialistas da mudança social, os anarco-sindicalistas e os proletários do mundo. Veja-se a distinção euro-racista entre o decisivo que acontece na Europa e a miséria em outra parte. Como se os proletários do mundo fossem moribundos que esperam o que os senhores sindicalistas europeus lhes mostrem o caminho! Que falsificação gigantesca do movimento actual do proletariado!

Wohlmuth acrescenta: "Mas a rua em luta era algo muito diferente do usual. Pouco a pouco, conhecíamos todos aqueles que com grande valentia haviam carregado contra os policiais, sabíamos que, nesse momento, as forças do capital e do estado não eram atacadas por punks, arruaceiros ou adolescentes enfurecidos, em suma, por delinquentes de rua sem um sentido político, em meio aos grupos atacantes víamos por toda parte bandeiras vermelhas e negras e escudos e máscaras antigás com os distintivos AIT-IWA".

E, para que fique bem claro que não se trata de uma ultrapassagem genérica, da destruição da propriedade privada, como a que faz precisamente o proletariado contra todas as forças burguesas, mas só contra a direita, acrescenta quase em tom de desculpa: "Este não é nosso estilo de trabalho; [...] mas frente ao fato de que 10000 políticos e economistas estão no Congresso no centro de Praga negociando e planificando a miséria e a morte de milhares de pessoas, isso era talvez a única coisa que podíamos fazer. São os políticos e os capitalistas que devem envergonhar-se pelos danos materiais e pessoais, não os valentes revolucionários do bloco rubro-negro que demostraram na rua Lumir que Seattle já não é válido como símbolo; eis aqui o novo: Praga!"

Tudo isso nada tem a ver com uma internacional revolucionária contra o capital, cujo ABC seria, pelo contrário, colocar em evidência o papel que jogam a direita e a esquerda do capital; demonstrar que atacar o Fundo Monetário Internacional sem atacar seus complementares da ATTAC contribui em últimas instância para fortalecer o inimigo do proletariado; que só tem sentido falar de internacional revolucionária a partir de uma prática organizada fora e contra as manifestações social-democratas. A internacional revolucionária de que necessita o proletariado para triunfar contra o capital não pode nunca ter a pretensão de atacar o capital enfrentando só uma fracção dele, pois isso não faz mais do que fortalecê-lo a longo prazo.

Sim, é claro, que se trata de definir os objectivos da maneira mais precisa possível. Trata-se de afirmar a luta do proletariado contra o capital e o estado sem esquecer a social-democracia, que é a parte dele especialmente destinada para nos domesticar. Encontramos grupos proletários em Seattle, Praga, Buenos Aires... que levantam este tipo de palavra de ordem, mas a falta de autonomia política e organizativa do proletariado faz reaparecer, inclusive nos sectores em ruptura, velhas palavras de ordem sindicalistas, que, por mais que cacarejem contra o capital, fazem o seu jogo. O slogan "mais intenso" na tal coluna blue, em Praga, segundo disse Wohlmuth, era: "Contra o capital, trabalho anarco-sindicalista!".

Mais ainda, o que nós proletários necessitamos é desenvolver um associacionismo de classe, afirmar hoje

Mais ainda, o que nós proletários necessitamos é desenvolver um associacionismo de classe, afirmar hoje o centro do programa revolucionário a luta pela revolução proletária internacional, a questão central da luta contra o poder do estado, a luta por sua destruição, pelo poder revolucionário do proletariado, a questão da insurreição proletária, da ditadura contra o mercado e a taxa de lucro. Falar de internacional revolucionária sem esses elementos básicos nos parece não só contraproducente, mas directamente farsante, e sustentamos que isso só serve a reacção.

o centro do programa revolucionário, que nada tem a ver com sindicatos (chamem-se anarquistas ou não!), a luta pela revolução proletária internacional, a questão central da luta contra o poder do estado, a luta por sua destruição, pelo poder revolucionário do proletariado, a questão da insurreição proletária, da ditadura contra o mercado e a taxa de lucro. Falar de internacional revolucionária sem esses elementos básicos nos parece não só contraproducente, mas directamente farsante, e sustentamos que isso só serve a reacção. Que alguns façam isso conscientemente e outros queiram dessa maneira fazer avançar a revolução, lamentavelmente não muda as coisas!

Acerca da crítica das falsas rupturas: ruptura proletária contra o centrismo

Antes de continuar a crítica das falsas rupturas, que sempre é importante para nossa classe, devemos voltar a situar esta questão no contexto actual da correlação de forças entre as classes. Em todo esse espectáculo de cimeiras e manifestações coloridas, o proletariado é, como vimos, o principal convidado a aplaudir e marchar nos cortejos oficiais.

Como a impostura é demasiado grosseira, porque quem pretende situar-se, com esses espectáculos, na cabeça dos protestos são as mesmas figuras, as mesmas estruturas e os mesmos programas social-democratas. E, ainda que consigam domesticar muitos (sempre há e haverá carneiros!), o proletariado ultrapassa e tende, na medida em que se torna autónomo, a situar-se totalmente fora e contra essas missas cidadãs.

Mas essa ruptura não se opera da noite para o dia. Todas as afirmações da mesma são ainda parciais, e é essa parcialidade da ruptura de nossa classe que permite a diferentes fracções da social-democracia reinterpretá-las, recanalizá-las e, sobretudo, impedir que a ruptura seja total. Obviamente, essas fracções, que tomam pontos decisivos da crítica comunista e dizem defender a revolução, tentam por todos os meios continuar aferrados ou dependentes sob a palmatória social-democrata. Esse é o papel clássico das fracções que os revolucionários definem como centristas, porque, apesar de retomarem pontos fundamentais do programa revolucionário, travam o salto de qualidade indispensável que consiste precisamente em situar-se fora e contra toda organização capitalista.

Tanto ontem quanto hoje, contra o velho revisionismo e oportunismo da social-democracia, que sustentavam que o desenvolvimento do capitalismo seria cada vez mais favorável aos proletários e que, portanto, deveria-se banir a revolução e adoptar a evolução (38), se desenvolve o centrismo. Retomando uma crítica proletária contra a social-democracia, que opõe ao reformismo aberto essa luta revolucionária contra o capital e o estado, o centrismo actua parecendo assumir as mesmas bandeiras, mas opõe-se ao chamamento a constituir um partido à parte, fora e contra a social-democracia; um partido contraposto às eleições, ao parlamentarismo, o sindicalismo, o frentismo... e que leve às últimas consequências a guerra social contra o capital e o estado. Neste sentido, ainda que o centrismo retome aspectos centrais da crítica proletária, na medida em que não só não leva esta crítica a suas consequências necessárias, mas opõe-se com todas as suas forças a isso, não deixa de ser parte da social-democracia e constitui assim o último baluarte do capital.

Por natureza, o centrismo é oscilante entre as bandeiras revolucionárias que levanta e a política de impedir a ruptura com a social-democracia histórica, daí que muitos considerem que se encontram suspensos entre as classes.

38. Bernstein queria suprimir o «hegelianismo» em Marx, porque lhe incomodava tudo isso de transformação da quantidade em qualidade, da transformação da evolução da contradição em revolução..., e seu «blanquismo», porque o horrorizava ainda mais a questão de que aquela revolução proletária implicava necessariamente a conspiração revolucionária e a insurreição. Hoje também é moda no movimento esta tendência a evitar a ruptura, o salto de qualidade, a revolução, a insurreição.

Mas, na realidade, a política oscilante realizada em nome do proletariado não está, nem pode estar, no meio de nada, mas trava a constituição do proletariado em força e cumpre um função objectivamente contra-revolucionária; constitui de fato uma fracção extrema da social-democracia.

Nos cenários actuais contra as cimeiras, a necessária ruptura proletária choca-se com um conjunto de ideologias presentes em muitos grupos e organizações, que, apesar de falar de luta contra o capital e o estado, impedem a mesma. São essas barreiras centristas que queremos denunciar.

Anticapitalismo? Contra o estado?

Diante da raiva proletária contra as cimeiras e anticimeiras, frente ao carácter ridículo e timorato da crítica da ATTAC e outras estruturas social-democratas - que em tudo são cúmplices das outras -, milhares e milhares de proletários, durante essas manifestações (e não apenas aí), opuseram a esta crítica burguesa o ABC da crítica de nossa classe. Dezenas de grupos nos cinco continentes, centenas de folhetos, pedradas, molotovs, panfletos e artigos denunciam as críticas que os social-democratas fazem do Fundo Monetário e do Banco Mundial, e contrapõem a elas a luta contra o capital e o estado. Mas não basta dizer que se é anticapitalista para lutar contra o capitalismo, não basta se dizer anarquista ou comunista para lutar contra o estado. Quando se vai ao conteúdo mesmo dessa crítica, pode-se constatar, por um lado, muita confusão no que isso significa e, por outro, uma ideologização de um conjunto de pseudo-rupturas que de fato constitui uma posição centrista que impede a verdadeira ruptura proletária e sua prática insureccionalista.

Assim, há toda uma moda "anticapitalista"; muitíssimos grupos e organizações se chamam de "anticapitalistas", mesmo que, em sua prática, muitas vezes constatamos que unicamente denunciam as multinacionais, os monopólios, o capital financeiro, o "imperialismo" (39), determinado país ou o Fundo Monetário Internacional e outras instituições similares; o que, na realidade, é um apoio apenas dissimulado da ideologia de humanização do capitalismo da social-democracia. O "anticapitalismo" deste tipo tampouco é novo, é também uma velha história social-democrata. Desde a época de Marx havia todo tipo de ideologias anticapitalistas, de socialismos, que aquele já denunciava como socialismo burguês e pequeno-burguês. Foi mais tarde que a social-democracia teorizou que "o capitalismo, agora, é monopolista e imperialista" (40) e pode justificar desta maneira o oportunismo e o reformismo, contribuindo à guerra imperialista em nome de um capitalismo mais democrático.

Hoje está cheio desses anticapitalistas burgueses, que invariavelmente defendem um estado burguês contra outro. Mais ainda, também aqui vemos fracções inteiras da burguesia internacional que sempre apoiaram, com o conto do socialismo, a política capitalista e imperialista do bloco russo, quando não foram directamente parte do próprio estado russo, e que agora estão tentando de reciclar-se. Entre elas se encontram muitos sectores esquerdistas que sempre falaram de anticapitalismo, para melhor defender, no confronto imperialista, uma fracção contra outra. Por exemplo, na Guerra do Golfo, em suas contradições "com os ianques" , não apoiavam o proletariado, mas o partido baasista, a guarda republicana e Saddam Hussein.

Do nosso ponto de vista, é imprescindível denunciar essas posições como faz, muito correctamente, um folheto difundido no Canadá em

39. O «antiimperialismo» é, na realidade, sempre a defesa do capitalismo imperialista. Ser antiimperialista sem ser anticapitalista não só é um absurdo, porque todo capitalismo é necessariamente imperialista, porque todo estado (é imperialista, pois), ao mesmo tempo que assegura a exploração e opressão de «seu» proletariado, representa no campo da luta imperialista uma fracção burguesa contra outra, mas de fato é pró-capitalista. Isso se traduz na oposição exclusiva a determinada fracção, determinada instituição (OTAN, FMI, BM, como antes o Pacto de Varsóvia) ou determinado país, o que de fato é capitalista e, por acréscimo, totalmente imperialista.

40. A essência do capitalismo é invariante. Todas as oposições entre fases de capitalismo competitivo e monopolista, de livre concorrência e imperialista, só serviram como cobertura ideológica do oportunismo, para sua defesa do "bom lado" do capitalismo: "democracia", industrialização, e, na realidade, a tal ou qual bloco na guerra imperialista.

41. É difícil traduzir do francês esta expressão: cause toujours, mon lapin.

42. A organização do proletariado em força histórica requer uma estruturação

totalmente antagónica a essas divisões burguesas. Tanto mais rica será uma organização proletária, quanto mais saiba juntar em suas células proletários de culturas, sexos, origens, idades, raças, práticas anteriores... diferentes e superar as barreiras e os compartimentos que o capital nos impõe, para a reformação da comunidade humana mundial.

43. Considerar que estas instituições são as que exploram é evidentemente uma revisão, uma falsificação do próprio conceito de exploração como explicamos noutra parte deste mesmo artigo.

abril de 2001, assinado "Libertários": "Mas muito mais insidiosa, porque se encontra próxima de nós, andando no nosso passo, é esta nova tendência para o extremo da cidadanização respeitável: trata-se, é claro, de todo esse movimento que se proclama "anticapitalista", "anti-autoritário", "autogestionário" e tutti quanti. Por baixo do novo anticapitalismo: o capital!

A essa ala radical, que conhece muito de retórica anticapitalista e maneja bem as declarações de princípios, estaríamos tentados a responder: continuem tagarelando, papagaios! (41). De fato, eles culpam o capital financeiro, as corporações, é o velho antiimperialismo que volta pela porta dos fundos. O socialismo pueril de ontem se transformou num anticapitalismo de qualidade, complementado por uma exigência de democracia total. Todas as separações capitalistas são magnificadas como identidades reais a salvaguardar e promover (sexo, idade, raça, nacionalidade, papéis sociais ou económicos, minerais, vegetais e cosmos, a lista é infinita...). Esta ala turbulenta mescla bem timidamente o jargão de seus mais veneráveis mestres, mas só para acusá-los de traição. Além do mais, actua em geral como tropa de choque dos partidos e sindicatos, que por sua vez, se servem deles como espantalhos».

Parece-nos sumamente adequada a crítica que estes companheiros "libertários" realizam da ideologia da afinidade, tal como está na moda actualmente, que, ao invés de impulsionar o proletariado a unir-se com base na homogeneidade de interesses, perspectiva e projecto social, fortalece todas as divisões e separações do capital, magnificando-as como identidades reais a salvaguardar: cultura, sexo, raça, idade, região... e até, às vezes, crenças, opiniões, religiões... Até a música da moda pode ser um critério de afinidade, mas o agrupamento com base nisso só pode separar os proletários em células desenvolvidas pela sociedade burguesa, quando do que se necessita é romper com todas essas células e desenvolver uma força homogénea contra o capital (42).

Expressões contraditórias da ruptura proletária

Mas esse "anticapitalismo", tipicamente burguês e esquerdista, coexiste ainda (mesmo que lutemos contra essa coexistência) com uma crítica profunda da social-democracia, que denuncia seu papel burguês, que está expressando, bem ou mal, a incipiente e difícil ruptura que o proletariado leva adiante contra a social-democracia em escala internacional. Esta ruptura é, evidentemente, dificultada, obstruída, por essa ideologia esquerdista da social-democracia, que também está em pleno processo de reciclagem de lixo e se tinge de "anticapitalismo" e "anti-etatismo".

Em alguns casos, as rupturas proletárias são claras e demarcatórias; em outros, encontram-se ainda impregnadas dessa ideologia esquerdista dos anos sessenta e setenta, por onde continua retornando pela porta dos fundos o marxismo-leninismo, o trotskismo, o castrismo, o guevarismo, o antiimperialismo burguês e a conciliação de todo esse cocktail sob a moda de libertário.

Para expressar essa contradição, escolhemos como exemplo o Manifesto dos jovens anticapitalistas contra o Fórum Social Mundial.

Tal documento faz uma crítica proletária do Fórum Social Mundial organizado, como vimos, pela social-democracia em Porto Alegre. Por toda parte, deixa claríssimo que "outro mundo é possível... slogan dominante na anticimeira de Porto Alegre, só destruindo o capitalismo". Parece-nos muito importante que este ponto decisivo se concretize também na denúncia dos partidos e

sindicatos da social-democracia, por sua prática social cotidiana repressiva e antiproletária, particularmente dos partidos social-democratas brasileiros, como o partido dos Trabalhadores desse Walesa brasileiro que é Lula. Deste manifesto, vale a pena destacar também a denúncia frontal que faz da ideologia, tão presente nas cimeiras e anticimeiras, de humanizar o capitalismo, assim como do fato de que o capitalismo é que mata e que, portanto, é preciso matar o capitalismo.

No entanto, tal manifesto, apesar de constituir uma contribuição à crítica deste mundo (é por isso que o publicamos!), talvez por ser o resultado de um grande número de grupos com programas políticos diferentes, é confuso e denota a falta de ruptura, em outros pontos. Através dos exemplos que damos a seguir, afirmamos a crítica que o proletariado faz e impulsionamos o aprofundamento da ruptura com a social-democracia e suas expressões centristas. Tentaremos fazer estas críticas chegarem aos diversos grupos que assinam o texto.

- Não se fala de proletariado contra o capitalismo, mas de "jovens

Manifesto dos jovens anticapitalistas contra o Fórum Social Mundial

De Seattle, passando por Washington, Londres, Milão, Melbourne, Seul, Praga, até Nice, uma e outra vez dezenas de milhares de jovens anticapitalistas vêm denunciando, com a acção directa, os grandes monopólios e os organismos internacionais como o FMI, Banco Mundial, OMC, e União Europeia. Essas instituições são as responsáveis pela exploração de milhões de trabalhadores, pela destruição do meio ambiente e por colocar milhares de pessoas nas mais baixas condições de pobreza. A denúncia desses jovens anticapitalistas é muito clara quando gritam pelas ruas do mundo que o "capitalismo mata, matemos o capitalismo" e "abaixo o FMI".

Agora, aqui, em Porto Alegre, no Fórum Social Mundial, as ONGs, as burocracias sindicais e as direcções de partidos institucionalizados, trocam o conteúdo da luta dos jovens anticapitalistas pela reaccionária política de "humanização do capital". Humanizar o capitalismo com os ministros franceses que perseguem imigrantes, que são parte do governo que, junto com a OTAN, bombardeou a Jugoslávia, matando milhares de pessoas e que reprimiu os anticapitalistas em Nice; humanizar o capitalismo junto com os banqueiros e multinacionais; humanizar o capitalismo junto com governos que, como o do PT, continuam pagando a dívida, reprimiram a greve dos professores, no Rio Grande do Sul, e a ocupação do MST [Movimento Sem Terra] a um prédio público federal em Porto Alegre; reprimem, diariamente, os camelôs e os sem-tecto em ocupações urbanas portoalegrenses e continuam dando dinheiro às multinacionais.

Na verdade a estrela [se refere à estrela que é o símbolo do PT, Partido dos Trabalhadores, de Lula] que dirige essa prefeitura e governo, que se dizem democráticos e populares, interessados na eleição de 2002, resolveram servir de tubo de ensaio para uma nova forma de gestão do capitalismo sustentada numa social-democracia (44) que permite a exploração burguesa e agrada a classe média com encenações de democracia, como o Orçamento Participativo, que visa a impedir o protesto pela cooptação dos movimentos populares. Completam este quadro os demais partidos de "esquerda", que mesmo criticando essa política, capitulam em vez de um questionamento mais contundente.

Humanizar o capitalismo é utópico e reaccionário. Por isso, jovens anticapitalistas do Acampamento da Juventude, nos sentimos parte do movimento anticapitalista e solidários com os jovens que, em Davos, denunciam o Fórum Económico Mundial. E dizemos que: O Fórum Social Mundial é um engodo dos que querem desviar a luta anticapitalista para a política de colaboração de classe e eleições, continuando a aplicação da miséria do capitalismo. Por isso, nós realizamos nossas próprias oficinas encaminhando a construção de uma rede nacional anticapitalista sob o grito de: "Abaixo o Fórum Económico Mundial, FMI, Banco Mundial e OMC", para os quais o Fórum Social Mundial não é uma alternativa, "Abaixo o Plano Colômbia!", "Viva a Intifada Palestina!", "Não ao pagamento da dívida externa!", "Não às privatizações!".

O capitalismo mata, matemos o capitalismo. Cabe à juventude, os trabalhadores e o povo pobre, anticapitalistas, fiéis ao espírito de Seattle, Nice, Praga e Davos, impedir que a intervenção anticapitalista seja distorcida e utilizada por seus inimigos. (45)

---

44. O que terão visto de novo!!!

45. Assinam este folheto as seguintes organizações: Juventude em Luta Revolucionaria, Jornal Espaço Socialista, Comitê Marxista Revolucionário, Anarko-Punks, Movimento Che Vive (RJ), Coletivo pela Universidade Popular (Porto Alegre), Secretaria Estadual de Casas de Estudantes de Goiás, Grupo Cultural Semente de Esperança, Acção Global por Justiça Local, Resistência Popular - RJ/PA, Núcleo Zumbi Zapatista - Abc Paulista, Estratégia Revolucionária, Socialismo Libertário -Brasilia, Federación Anarquista Uruguaya, Acção Revolucionária Marxista (RJ), Frente de Luta Popular, Juventude Avançar na Luta, Liga Bolchevique Internacionalista, Agrupación En Clave ROJA, Espaço Popular. Endereço para contacto: gnilock@hotmail.com.

A mercadoria não pode ser destruída atacando fisicamente a coisa, mas é preciso destruir seu outro pólo, o valor; não se pode aboli-la atacando sua imediatez como objecto, para aboli-la é imprescindível destruir a forma social da qual é essencial.

anticapitalistas" (e até de "povo pobre"), o que é uma concessão à moda (e de povo, à social-democracia frente populista!).

- Vê o FMI e o Banco Mundial, a OMC e União Europeia como responsáveis pela "exploração de milhões de trabalhadores", o que é uma típica concessão ao antiimperialismo e o antimonopolismo social-democrata dominante no FSM de Porto Alegre. Não são estas instituições "as responsáveis" pela exploração, como a social-democracia quer nos fazer crer, mas o próprio capitalismo, todas as empresas capitalistas, grandes, pequenas ou médias, as burguesias de cada país, sejam estes grandes, médios ou pequenos (43).
- É dito "Viva a Intifada Palestina " e não a luta do proletariado na Palestina contra o capital e o estado. Fala-se como se na Palestina não houvessem as mesmas contradições de classe de todos os lugares, o que, ligado ao ponto anterior, resulta problemático. Essa palavra de ordem na Palestina não é classista; pior ainda, é que ela exalta a burguesia da OLP e dos estados nacionais árabes (como a Líbia). No Brasil ou em qualquer parte do mundo não pode tampouco, e pela mesma razão, ser uma palavra de ordem proletária. Pelo contrário, a mesma favorece à burguesia, assim como seus aliados imperialistas e até a política torturadora de tal região, que também apoia a "Intifada palestina".
- São levantadas palavras de ordem típicas de lutas de fracções interburguesas como: "Não ao pagamento da dívida externa" que, como explicamos, é uma negociação entre fracções do capital internacional. O não pagamento da dívida externa não alteraria em nada a taxa de exploração e, portanto, não melhoraria o futuro do proletariado. Só beneficiaria à burguesia nacional. São os governos de direita e de esquerda, mais uma vez, que pretendem que nossa miséria deve-se ao "nosso estado" e "nossa burguesia" estarem endividados; são eles e toda concepção social-democrata que sempre pretendem nos convencer de que a dívida não é dos burgueses, mas do "povo deste ou daquele país".

"Não as privatizações", como se o fato de o capital mudar de mãos aumentasse ou diminuísse a miséria de nossa classe! ... a social-democracia que sempre sustentou que a estatização do capital melhora a situação da classe operária! Como se nos países onde o capital é juridicamente mais estatal houvesse menos miséria, como sustentam as fracções leninistas, trotskistas e stalinistas da social-democracia!

É evidente que em todos estes pontos que criticamos encontramos como denominador comum o fato de que a crítica revolucionária do capital está ainda impregnada de uma crítica "antiimperialista", terceiromundista, ou seja, de uma crítica burguesa. Em todos eles encontramos reivindicações da social-democracia, apesar da pseudo-radicalização:

- a social-democracia fala de povo; aqui, de povo pobre;
- a social-democracia concentra toda responsabilidade no livre-cambismo e nas políticas do FMI, do Banco Mundial...; aqui se diz que o capitalismo mata, mas estas instituições são consideradas responsáveis pela exploração;
- a social-democracia sempre apoiou as libertações nacionais e, portanto, a guerra imperialista; aqui se apoia a "intifada Palestina" e não o proletariado em luta contra o capitalismo na Palestina (contra o estado de Israel, contra o da OLP, contra o capital e o estado enquanto tais);
- a social-democracia, como a direita, sempre apresentou a dívida dos burgueses como um problema de países, para buscar a solidariedade dos proletários com os burgueses de cada

47. O que se chama erroneamente de capitalismo de estado, como se o capitalismo mudasse de natureza pela estatização jurídica, que não coincide necessariamente com a real concentração, centralização e estatização económica do capital, tal como expusemos em reiteradas ocasiões.

48. Decidimos não traduzir este termo e deixá-lo em francês, porque qualquer uma das traduções propostas tem um significado social ainda mais pejorativo que em francês. A palavra "casseur", "casseuse", vem de "casser", ou seja, "quebrar", e significa literalmente "quebradores" e "quebradoras". A imprensa burguesa utiliza outros como destruidores, vândalos, arruaceiros, delinquentes, kaleborrokas (termo usado no País Basco)...

país; aqui é aceita a questão da dívida como um problema de todos e não só dos burgueses, e se reivindica o "não pagamento da dívida", o que só serve para mobilizar o proletariado em apoio a essa acção de não pagamento que sustentam algumas fracções das burguesias nacionais e internacionais que se beneficiam directamente com isso, mas com o que o proletariado não tem nada a ganhar;

- enfim, continua opondo as privatizações às estatizações e defendendo estas últimas, defendendo o estado capitalista frente ao capital privado; é a clássica posição social-democrata, tão cara aos marxistas-leninistas, de defesa da estatização jurídica dos meios de produção (47).

É certo que alguns destes pontos, como os dois últimos, foram abandonados por amplos sectores da social-democracia por oportunismo. Mas isso não outorga aos mesmos nenhum carácter proletário, nem sua defesa faz avançar um só centímetro (senão ao contrário) a luta contra o capital e o estado.

Destruição da mercadoria?

É lógico que os revolucionários retomem hoje a crítica que o proletariado sempre fez da mercadoria; que as lutas do proletariado hoje tendam a assumir, de forma cada vez mais clara, o objectivo de destruir a sociedade mercantil.

Mas, muitas vezes, essa tendência é compreendida e propagandeada de forma totalmente imediatista, pretendendo-se destruir o mundo mercantil e o império da mercadoria com base em acções como as efectuadas em Seattle.

Assim, o Chamado por um Black Block na Cimeira das Américas do 20 a 22 de abril de 2001 dizia: "Um espectro ronda a América, o espectro do "casseur" (48) anarquista. Sua máscara negra bem conhecida, feita necessária pelo desenvolvimento vertiginoso da vigilância electrónica, é hoje reconhecida como o símbolo do terrorismo social, que nos parece, mais do que nunca, um imperativo humano e um dever moral. Os "casseurs" e "casseuses" de Seattle, esperamos, abrirão a via da destruição do império mercantil. Atacando o próprio coração da fortaleza norte-americana, que ninguém imaginava tão frágil, o objecto de culto moderno capitalista, quebrando as vitrinas que reflectem nosso estatuto de consumidores e consumidoras fiéis; aqueles e aquelas que assumem a revolta (49) deram o único conteúdo libertador possível à luta contra a mundialização dos mercados. De golpe, uma luta que parecia encerrar-se definitivamente no precipício do compromisso servil, que nos apresentam há sessenta anos os mesmos sindicatos colaboradores e as mesmas burocracias da subcontratação estatal comunitária; de cara, tal luta faz-se perigosa... Ao atacar directamente os objectos postos na vitrina, os "casseurs" de Seattle não fizeram mais do que saciar seus desejos de possessão desses produtos, demasiado amiúde inacessíveis, que a publicidade nos faz desejar como o máximo da felicidade. Eles e elas atacaram sobretudo o objectivo principal para o qual tende todo sistema de opressão actual; elas e eles atacaram a principal realização de nossa sociedade: a mercadoria."

O proletariado, em todas essas acções, expressa de forma elementar sua crítica à sociedade burguesa e, de passagem, também contra todos os programas que propõem um capitalismo mais humano, e é correto afirmar que a mesma expressa incipientemente a contraposição proletária ao mundo da propriedade privada e da mercadoria. Mas imaginar que assim se destrói a mercadoria ou que esta é a via para fazê-lo é fechar totalmente os olhos para a perspectiva revolucionária; é confundir uma acção totalmente limitada e de protesto

49. No original francês de que traduzimos diz-se: les "émeutiers" et "émeutières", literalmente "as revoltadas e os revoltados". Além de nossa recusa da moda do politicamente correto da esquerda em geral, de pôr cada sujeito em feminino e masculino ou com a @, pretendendo assim mostrar que os autores se opõem assim (!) ao patriarcalismo da sociedade capitalista, devemos assinalar que, não pondo esses sujeitos em função dos sexos, não quisemos nunca distorcer o conteúdo, quando decidimos traduzir por: "as e os que assumem a revolta". Também seria possível traduzir como "amotinadas" e "amotinados", mas isto faz referência a um tipo de revolta particular, um motim, que nos parece também inadequado.

50. Em diferentes insurreições proletárias, como na Alemanha, em 1919, ou na Espanha, nos anos trinta, os revolucionários, quando impunham a violência de classe numa cidade, queimavam, por exemplo, o dinheiro, em seu combate para destruir o dinheiro e o capital. Mas é claro que estamos num caso totalmente diferente; tratava-se de um acto simbólico em pleno desenvolvimento insurreccional da revolução.

51. Sem obviamente entrar aqui em todas as confusões que estes "anarquistas" aceitam da ideologia dominante. Um único exemplo basta: dizer "contra a mundialização dos mercados" implica um leque muito grande de concessões à ideologia do novo da social-democracia.

Se o que molesta os companheiros "libertários" que escreveram esse volante é a terminologia clássica dos revolucionários de luta pelo partido revolucionário, pela ditadura revolucionária do proletariado ou por um semi-estado proletário..., que empreguem a terminologia que queiram, mas que não renunciem ao essencial: a luta insurreccional, a destruição pela violência do capitalismo.

elementar com a revolução.

A apropriação e/ou destruição das mercadorias particulares é um acto elementar de toda revolta proletária. Como ataque à propriedade privada e como acto de protesto, sempre foi parte de toda revolta, mas não é um acto de destruição da mercadoria. A mercadoria não pode ser destruída atacando fisicamente a coisa, mas é preciso destruir seu outro pólo, o valor; não se pode aboli-la atacando sua imediatez como objecto, para aboli-la é imprescindível destruir a forma social da qual é essencial. Entre essa forma elementar de mostrar repulsa pelo capitalismo e a destruição do capitalismo falta nem mais nem menos que o fundamental: a própria revolução social, a insurreição proletária, a ditadura revolucionária do proletariado, a destruição despótica do mercado, da "igualdade, liberdade e fraternidade" que lhe são inerentes, a demolição da propriedade privada, da democracia, da lei do valor e, com isso, e de forma absolutamente imprescindível, a organização da produção social em função das necessidades humanas (50).

Poderá ser dito que se fala simbolicamente, que se quer reivindicar uma direcção, que isso é o que se quer transmitir quanto à destruição da mercadoria (51). Entretanto, não é assim, o cego optimismo e imediatismo é evidente e contraproducente quando se afirma: "Nós anarquistas (não todos os "casseurs" e as casseuses!) em revolta, ou simplesmente cidadãos responsáveis, quebraremos tudo no nosso caminho. E pela manhã varreremos os vidros quebrados e as mercadorias que transformamos em projécteis, fazendo-as, dessa maneira, ao menos uma vez, úteis, serão as ruínas da opressão que serão varridas".

Imaginar que se pode varrer as ruínas da opressão sem uma revolução social, que se pode destruir o capitalismo sem revolução, sem ditadura revolucionária, é tão utópico, por mais pedras que se atirem, por mais mercadorias e vitrinas que se destruam, como imaginar um capitalismo mais humano, como dizem os da ATTAC e/ou os burgueses do fórum de Porto Alegre. É a mesma ilusão imbecil de pretender destruir a polícia metendo porrada em algumas centenas ou dezenas de representantes da ordem. Não, e mil vezes não, o capitalismo, em seu funcionamento normal, sempre destruiu e destrói (em geral, para impedir a desvalorização desse tipo de mercadoria em particular) permanentemente mercadorias, sem que isso afecte em nada a mercadoria: liquidação e queima de estoques, destruição durante guerras... Muito pelo contrário, a destruição particular de uma mercadoria afirma sempre o mundo da mercadoria e da valorização.

Enfim, sustentar que o proletariado finalmente descobriu, à base do que se chama "acção directa", durante essas cimeiras e anticimeiras, a via actual do internacionalismo proletário ou que temos entrado, com base nessas acções, como já dizem alguns grupos, num enfrentamento directo entre a internacional capitalista e a internacional revolucionária, é não só desconhecer totalmente o funcionamento do capitalismo, mas do próprio programa da revolução, da estratégia revolucionária, e conduz inevitavelmente a fazer confusão, desempenhando um papel centrista (ao impedir a ruptura necessária) no movimento proletário.

Simplesmente, para reafirmar como esse tipo de ideologia activista leva a "esquecer" aspectos fundamentais do programa revolucionário, citemos mais uma vez esse chamado pelo Black Block, que pretende lutar contra o capital, o estado e o patriarcado, e que, no entanto, diz num texto intitulado Abaixo os reformistas: "A ordem social deveria fazer-se pela solidariedade de

52. Seria impossível citar aqui todos os nossos trabalhos de crítica à democracia que põem em evidência que a mesma é a chave da dominação capitalista. Só mencionaremos dois: em Comunismo n1 (português): Contra a democracia: contra o mito dos direitos e das liberdades democráticas, e em Comunismo n 32 (espanhol): Memoria obrera: La mitificación democrática.

interesses e a livre associação, e não pela opressão de ideias e pessoas. O estado, inclusive se está composto por pessoas "eleitas", está também formado por funcionários. Deve-se compreender que esses funcionários não existem por necessidade, mas como resultado da ausência de democracia em nosso sistema".

Ou seja, que nem sequer critica a democracia, mas atribui os males do estado à ausência de democracia, como faz qualquer tipo de reformista. Dirão que esta posição social-democrata não é compartilhada por muitos dos militantes organizados nesse movimento chamado Black Block, e estamos certos de que é assim, o lamentável é que sobre questões tão decisivas e centrais do programa social-democrata, como a famosa denúncia da ausência de democracia, possa haver posições tão contrapostas. É uma consequência inevitável da ideologia libertária, do livre pensamento. Para nós, pelo contrário, a crítica à social-democracia é a chave da crítica do estado burguês. Não é reivindicando mais democracia que se destrói o estado, mas, pelo contrário, abolindo prática e autoritariamente a famosa democracia, por mais pura que ela seja (52).

Comunização?

Outra ideologia, supostamente nova, é a que hoje se denomina "comunização". Diz-se, por exemplo, no mesmo volante que citamos anteriormente por sua válida crítica ao pseudo-anticapitalismo e assinado por "libertários": "Para tender à produção de novas relações sociais, os ataques contra o capitalismo devem conter já uma comunização da luta e das relações que derivam-se dela. Não há nenhum projecto positivo, nenhuma afirmação proletária possível no interior do capital".

É evidente que estamos de acordo em que na luta contra o capital devemos desenvolver relações novas e que não pode haver nenhuma afirmação proletária possível no interior do capital. O problema é essa "palavrinha", que em alguns meios pseudo-revolucionários virou moda: "comunização"; como se o comunismo fosse fazendo-se pouco a pouco, como se o comunismo pudesse desenvolver-se sem destruir o capitalismo antes, como se o comunismo pudesse surgir sem demolir o capitalismo de cima a baixo, como se o mercado capitalista pudesse desaparecer sem o exercício de um despotismo humano contra o mesmo. No fundo, esta teoria tampouco é nova. Desde o início e, particularmente nas primeiras décadas do século XX, também sectores da social-democracia desenvolveram a mesma teoria, só que a chamavam de "socialização"; a sociedade se "socializaria" pouco a pouco.

É claro que os defensores da teoria da "comunização" considerarão ofensivo este paralelismo e protestarão dizendo que se trata de algo muito diferente. No entanto, na prática, nos dois casos, está se introduzindo uma concepção gradualista e negando abertamente o próprio salto qualitativo da insurreição revolucionária, da ditadura contra a taxa de lucro e o valor, sem o qual falar de socialização ou comunização é desenvolver a confusão e servir à reacção.

Por outro lado, a ideologia da "comunização" actual surge de um grupo que nunca rompeu com a social-democracia, com o leninismo, nem com o eurocentrismo: Theorie Communiste. Típico grupo eurocentrista, para o qual tudo o que se passa na Europa é feito pelo "proletariado", e tudo o que acontece longe, é feito pelas massas populares (chegando ao extremo de qualificar a revolta proletária no Iraque, em 1991, de "sublevação popular"!), sustenta abertamente que o que houve na Rússia, na época de Lenine, foi a ditadura do proletariado, quando, para

53. Ver nossa série de trabalhos sobre o período de 1917 a 1923, e, em particular: Comunismo n15 e 16 (espanhol): Rusia, contrarrevolución y desarrollo del capitalismo, em especial os artigos La concepción socialdemócrata de transición al socialismo e Contra el mito de la transformación socialista. La política económica y social de los bolcheviques y la continuidad capitalista; e em Comunismo n17 e 18, em especial o artigo La política internacional de los bolcheviques y las contradicciones en la Internacional Comunista.

54. Citemos uma pérola de tal concepção que não requer nenhum tipo de comentário: "De todas as formas, o programa de proletariado teria sido realizado pelo capital! A república democrática universal existia: era a ONU (Organização das Nações Unidas) mais o FMI (Fundo Monetário Internacional). O desenvolvimento das forças produtivas também: as cadências infernais mais a alimentação".

os revolucionários internacionalistas, é claro que tal ditadura foi contra o proletariado e, mais concretamente, a velha ditadura capitalista, como temos demostrado nos diferentes trabalhos efectuados por nosso grupo a respeito (53). Com tais bases (que associam o programa proletário ao programa de desenvolvimento do capitalismo defendido por Lenine) e a teorização segundo a qual a questão da transição revolucionária estaria historicamente superada, porque o programa do proletariado teria sido realizado pelo capital (54), consideram que o proletariado poderia negar a si mesmo e realizar o comunismo, (e isto é abertamente revisionista!) sem se fortalecer como classe e impor sua ditadura. Por mais linda e atractiva que possa parecer esta teorização, não fica nada clara a questão essencial da própria revolução, da insurreição e da acção revolucionária e ditatorial de destruição da sociedade burguesa. Como o proletariado pode negar-se, a não ser constituindo-se em força? Não, não dentro do capitalismo, como pretende a social-democracia, mas organizando-se fora e contra ele. Organizando-se fora de suas estruturas, parlamentares, sindicais, contra os cortejos e manifestações de carneirinhos, constituindo-se em força contraposta a tudo isso. Só se constituindo em força internacional, em partido revolucionário de destruição do mundo burguês, o proletariado pode, nesse mesmo processo, autonegar-se e destruir o capital e o estado. Fazer crer que o mundo pode "comunizar-se", se não é pela potência organizada do proletariado em partido, é colaborar com todo o espectro político esquerdista burguês, que se empenha em negar justamente o mais importante: a ruptura violenta e total da ordem capitalista por meio da revolução; o salto de qualidade, a conspiração revolucionária e a insurreição, a organização internacional do proletariado em partido comunista, sua obra destrutiva de toda a sociedade burguesa. Sem isso, falar de comunismo é utópico e reaccionário.

Se o que molesta os companheiros "libertários" que escreveram esse volante é a terminologia clássica dos revolucionários de luta pelo partido revolucionário, pela ditadura revolucionária do proletariado ou por um semi-estado proletário..., que empreguem a terminologia que queiram, mas que não renunciem ao essencial: a luta insurreccional, a destruição pela violência do capitalismo. Muitos revolucionários, de Bakunine a Flores Magón, utilizaram terminologias diferentes, como ditadura dos irmãos internacionais, ditadura da anarquia, ditadura dos conselhos operários e até "partido liberal", mas não renunciaram ao principal, e por isso foram consequentemente revolucionários: a necessidade da concentração da violência revolucionária, a necessidade da luta armada revolucionária, a necessidade de liquidar pela violência, de classe contra classe, o capitalismo.

Pelo contrário, o que ocorre nesse meio não é uma questão de palavras; com essa fábula de comunização sem ditadura revolucionária do proletariado estão realmente renunciando à revolução social (55).

Acção directa?

Históricamente, frente à social-democracia - força burguesa de contenção e canalização da luta proletária que baseia sua estratégia na representação e a mediação nos sindicatos, parlamentos, eleições, apoio a delegados e líderes políticos... -, o proletariado contrapôs sempre a acção directa. A acção sem intermediários, nem delegados, a acção directa protagonizada por todos, na greve, na manifestação, na ocupação da rua, na violência revolucionária, na insurreição, na ditadura revolucionária. Essa acção é, claro, directa, porque para protagonizá-la não é preciso mediações, delegações e, neste sentido, é a contraposição histórica da acção democrática, da vida cidadã.

Hoje, em Davos, Seattle, Praga... alguns grupos de militantes enchem a boca de acção directa e a assimilam simplesmente à acção violenta na rua, como se fossem sinónimos.

Entretanto, uma vez mais, embora a violência seja uma característica necessária da acção directa, ela não é suficiente para que se possa falar correctamente de acção directa. Quando o proletariado historicamente contrapõe sua acção directa ao parlamentarismo, ao sindicalismo, ao eleitoralismo... da social-democracia, ele protagoniza uma acção que não tem nenhum tipo de mediação, delegação, eleição de representantes, e que ao mesmo tempo é generalizável e reproduzível em todos os lugares e por todos os proletários.

Ou seja, a chave da acção violenta na rua, para ser directa, no sentido histórico da palavra, é que não se baseie em delegações e seja potencialmente realizável pelos proletários onde quer que estejam. A chave da acção directa que contrapomos à social-democracia é precisamente que qualquer grupo proletário pode protagonizá-la onde quer que esteja, contrapondo-se, por essa prática, à delegação, à mediação, que é um elemento chave da democracia e, portanto, de toda dominação política burguesa.

Em troca, a acção directa que se reivindica em Seattle, Praga, Davos... não é precisamente essa, mas a que mistifica a própria violência como sinónimo de acção directa, ainda que, na prática, para realizá-la, seja necessário enviar delegados para esse centro onde se desenvolveria a acção directa por excelência.

Atenção, o que afirmamos não é que a acção que se leva adiante nesses eventos não seja parte da acção directa do proletariado. É óbvio que é. O que

criticamos é que muitas das organizações presentes não impulsionam a acção cotidiana de luta aqui e agora e em todos os lugares (o capital está por toda parte), mas magnificam seu próprio activismo e sua própria "acção directa" que levam a esses palcos como a mais válida de todas. A mistificação de Davos, Seattle, Praga..., como centros decisivos do capital, junto ao fato de que se atribui a esses enfrentamentos características semi-insurreccionais, que, como vimos, não têm, faz com que tais grupos considerem que a "acção directa" por excelência é ir lutar contra capitalismo ali, nos mesmos lugares e seguindo o mesmo calendário dos congressos burgueses, como se isso fosse a essência da acção directa contra o capitalismo mundial; como se todas as outras fossem locais e menos importantes. Esquecem que, além dos proletários desses lugares que saem à rua para enfrentar esse tipo de cimeira, o que obviamente estimulamos, quem pode ir a conferências para desenvolver a "acção directa" na rua não pode ser mais que um punhado de militantes, de delegados do proletariado de diferentes países, e que, portanto, continua mantendo uma mediação. Por mais que esses delegados atirem pedras e molotovs, isso não mudará o fato de que se trata de uma mediação, na qual pretendem que a maioria do proletariado se sinta representada, como diz o sindicalista citado anteriormente "para que os pobres do mundo vejam..." que na Europa há sindicalistas... que o representam!

Evidentemente, é importante que o proletariado de cada país onde se realizam essas festas capitalistas vá à rua e ataque com toda sua raiva esses eventos, e também que outros grupos de proletários de outros países colaborem na organização de tais acções nesse país e, mais ainda, que as organizem (e/ou coordenem e centralizem a organização) também em outros lugares. Não é isso que criticamos, a coordenação e a organização além das fronteiras é fundamental na formação e fortalecimento da comunidade de luta que destruirá o capital.

O que afirmamos é que a maioria dos proletários de outros países não pode, nem tem nenhum interesse em ir a tais eventos, e que, portanto, esta não pode ser a perspectiva, contrariamente ao que publicam todos os tipos de grupos centristas, que já medem os próximos triunfos em função dos milhares de activistas ou das centenas de Ónibus que irão à próxima cimeira.

Os que vão a tais eventos não podem ser mais do que uma pequena minoria que tem condições muito especiais para isso: condições de trabalho excepcionais, tanto em tempo livre quanto em remuneração, para os deslocamentos. Em alguns casos, grupos de centenas de proletários e militantes revolucionários fazem um enorme esforço para enviar algumas dezenas de militantes a tais eventos, mas é evidente que em geral só os aparatos sindicais e os partidos políticos preparados para funcionar por delegação e que são fundamentais na dominação democrática podem permitir-se tais deslocamentos permanentemente. Logo, não há o que estranhar se, nas ruas das cidades onde tais eventos ocorrem, predominam, além dos policiais e serviços secretos de muitos países, os delegados políticos e sindicais.

Não, mil vezes não, a acção directa proletária é a de todos os dias contra os patrões, contra a burguesia que está diante de nós, contra os partidos e os sindicatos que querem nos enquadrar. Sim, é preciso generalizá-la, sim, é preciso fazê-la mundial, sim, é necessário coordená-la, sim, é preciso fomentar o intercâmbio militante entre países, sim, é preciso lutar juntos por toda parte contra o capital mundial, mas imaginar que quanto mais forem ao mesmo lugar será melhor, é um absurdo. O proletariado mundial não

É nefasto e contraproducente para o movimento crer que os proletários do mundo irão de forma cada vez mais massiva expressar-se contra essas conferências até liquidar o capitalismo. Mais do que se iludir estupidamente, isso é deturpar o próprio conceito de acção directa.

55. Não consideramos pertinente nem importante entrar em outras elucubrações de Theorie Communiste, porque é um grupo de iniciados que redefiniu tudo e uma discussão a respeito implicaria longuíssimos esclarecimentos terminológicos. Digamos simplesmente que os aspectos mais sobressalentes deste grupo, como a teoria da superação do programatismo, a superação histórica da transição, a teoria da autonegação do proletariado sem sua afirmação como classe, baseiam-se em utilizar como sinónimo de «programa», o programa da esquerda da social-democracia; como concepção da transição, a leninista, como afirmação do proletariado, a afirmação do poder dos bolcheviques na Rússia... Se, pelo contrário, definimos aqueles termos em função da crítica comunista contra os bolcheviques (crítica reiniciada durante a Terceira Internacional pelo que se chamou Esquerda Comunista alemã, italiana..., e em geral internacional), toda essa construção baseada nos conceitos social-democratas não apresenta absolutamente nenhum interesse.

se concentrará numa única cidade porque não se trata de destruir a mercadoria em determinada cidade ou país, mas no planeta inteiro e, para isso, não se trata de enfrentar a polícia de um país, mas de destruir o poder burguês por toda parte.

É nefasto e contraproducente para o movimento crer que os proletários do mundo irão de forma cada vez mais massiva expressar-se contra essas conferências até liquidar o capitalismo. Mais do que se iludir estupidamente, isso é deturpar o próprio conceito de acção directa. O proletariado combativo não irá a essas manifestações burguesas por mais que o convidem, no máximo irão alguns grupos que o representam e os delegados sindicalistas que pretendem representa-lo. Inclusive, o interesse dos grupos revolucionários que vão não é fazer a apologia da "acção directa" que esses representantes desenvolvem, mas, pelo contrário, centralizar a acção directa do proletariado que devemos impulsionar em todos os lugares.

Interesse proletário e ideologia centrista

Resumamos alguns aspectos da contradição entre o interesse proletário e a ideologia centrista. O interesse proletário é a unificação programática e a descentralização operativa, a unidade de direcção e perspectiva revolucionária e - simultânea e contraditoriamente - a acção em todos os lugares contra o mesmo inimigo.

Mas a ideologia dominante, inclusive entre os grupos em ruptura com a social-democracia, parece incentivar precisamente o contrário: que concentremos todas as forças em tal parte do globo, em tal dia e tal hora (e o pior, seguindo os ditames das cimeiras e anticimeiras), mas que politicamente cada um faça o que quiser, que cada grupo se constitua segundo suas afinidades, que cada qual se unifique segundo suas ideias (e, evidentemente, nada de centralização).

O interesse do proletariado é um só e mundial, e só pode impor-se unindo-se contra todas as divisões produzidas pela sociedade do capital, cuja lei é a luta de todos contra todos. Mulheres, velhos, crianças, desempregados, árabes, negros, mineiros, operários agrícolas, "estudantes", jovens, asiáticos, latino-americanos, europeus, africanos, amarelos, "sem terra", habitantes das favelas, cortiços, subúrbios e periferias, alunos..., independente do que crêem, pensem ou lhes tenham feito crer e pensar, todos têm o mesmo interesse em abolir a sociedade burguesa.

Mas a ideologia dominante usa qualquer coisa para impor as divisões de raça, sexo, cultura, religião, etnia... e inclusive entre os grupos em ruptura ainda predomina a ideologia da liberdade e da afinidade, que, em vez de desenvolver a unidade proletária, repercute em nome da especificidade, a liberdade de cada um e de cada local, todas as separações da sociedade burguesa e conclama a constituir tantos agrupamentos quantas divisões o capital empós, não só de cultura, raça, religião... mas de gostos e costumes, como os aficionados de tal música, os homossexuais, os protectores de animais, os coleccionadores de latas de Coca-Cola...

O interesse da revolução comunista é repor na ordem do dia a crítica do capital até os seus fundamentos, a destruição do trabalho assalariado, da mercadoria, do estado... E, para isso, por como sempre no centro a questão do poder, da necessidade da insurreição proletária, da destruição do estado.

Mas a ideologia que predomina é que cada um imagine as mudanças que quiser e faça sua crítica ao capitalismo, que cada grupo elabore seus planos e se agrupe por afinidades..., como se fosse possível destruir o capitalismo sem a destruição do poder armado da burguesia, como se houvesse mil e

56. Luta de sempre, que durante a guerra, se concretiza no derrotismo revolucionário. Ver Invarianza de la posición de los revolucionarios frente a la guerra. Significado de la consigna de siempre de «derrotismo revolucionario», em Comunismo n44 (espanhol).

57. Centralização da direcção, direcção centralizada não quer dizer nunca (mesmo que a antiautoritária ideologia dominante grite ao céu!) chefetes, burocracia ou regime de quartel, como temos invariavelmente no capitalismo e no estado capitalista, e até nos grupos marxistas-leninistas ou nos libertários. Muito pelo contrário, por mais descentralizada que seja a acção, que o proletariado revolucionário saiba para onde deve se dirigir o movimento; que cada parte do movimento saiba onde concentrar suas forças e como golpear, inclusive simultaneamente o inimigo; que cada parte ou fracção local do proletariado mundial actue como parte de um mesmo corpo. Isso é o que os revolucionários denominam "centralismo orgânico", em contraposição ao centralismo democrático do capitalismo.

uma maneiras de destruir a formação social burguesa, como se todos estes séculos de enfrentamentos de classe não tivessem delimitado na prática o que é revolucionário e o que é contra-revolucionário.

O interesse da revolução comunista é a acção proletária em todos os lugares contra o capital mundial, a acção directa contra a burguesia e o estado que se tem adiante (56), a generalização desse enfrentamento contra o capital e o estado mundial.

A ideologia que predomina, inclusive em muitos dos grupos proletários em ruptura com a social-democracia que centram sua actividade nessas cimeiras e anticimeiras, é fazer o maior esforço no envio de activistas a essas manifestações.

O interesse proletário é a ruptura total e irreversível com a social-democracia e todo seu programa: ruptura com a democracia, com o imperialismo, com o terceiro-mundismo.

A ideologia dominante, em nome da liberdade, estimula uma unidade sem princípios, sem programa, sem rupturas claras, que algumas vezes recai nas redes da social-democracia que incentiva o apoio crítico da democracia.

O interesse proletário é a organização como força, como potência internacional, coordenando e centralizando programaticamente as acções de todos os lugares.

Quanto mais descentralizada for a acção e mais centralizada a direcção, mais potência de luta terá o proletariado (57).

A ideologia activista defende, pelo contrário, a descentralização política e a centralização operativa; nenhuma unidade de direcção e todos no mesmo palco.

Mas o movimento do proletariado é um só

Entretanto, o movimento do proletariado mundial, nosso movimento, é um só, tenham ou não consciência disso os protagonistas em cada caso; saibam ou não que lutam pelo mesmo objectivo os que entraram em Quito pelejando, como os que quebraram vidraças em Seattle, ou os que agora estão enfrentando o estado burguês na Argélia, e poderíamos acrescer, provocativamente, os sem terra do Brasil, os desertores e derrotistas revolucionários do mundo inteiro e os “anticapitalistas” e “antiestatistas” que constituem pequenos grupos para combater nas barricadas o capitalismo.

Mas nenhum desses movimentos, que explodem separadamente, é consciente de até que ponto é o mesmo movimento de abolição das condições existentes. O proletariado ainda não se reapropriou como classe nem de sua experiência, nem de sua força. Em outros artigos explicamos as razões dessa generalizada inconsciência de classe que hoje caracteriza o proletariado; em muitos deles esclarecemos as razões históricas disso: o triunfo da contra-revolução no século XX e o consequente encobrimento de toda a história da luta revolucionária.

Neste artigo, optamos por nos concentrar nas barreiras actuais que impedem o proletariado, em suas diferentes expressões internacionais, de se sentir uma só classe revolucionária, para terminar com o tema do “que fazer”, do “aqui e agora”. Para isso voltemos aos exemplos de Equador e Seattle, como paradigmas da actual separação existente entre movimentos, que parecem totalmente diversos.

Apesar da separação existente e da inconsciência de que se trata de um mesmo movimento, é evidente que num e noutro caso o proletariado luta contra os mesmos inimigos e, em certa medida, os mesmos limites ideológicos. Em ambos os casos, o confronto com o capitalismo, a separação que se dá no terreno,

Quanto mais descentralizada for a acção e mais centralizada a direcção, mais potência de luta terá o proletariado.
A ideologia activista defende, pelo contrário, a descentralização política e a centralização operativa; nenhuma unidade de direcção e todos no mesmo palco.

O espectáculo mostra os actores e paralisa os espectadores, que, quando muito, aplaudem, e leva a um enfrentamento espectacular entre especialistas da repressão e especialistas da mudança social.

tendendo a organizar-se fora e contra sua fracção social-democrata, não é teorizada nem assumida praticamente de forma permanente, por isso, a mesma, quando o movimento deixa a rua, volta sempre, ainda que de muitas maneiras diferentes, a impedir o avanço das lutas.

Porém, a ruptura com a social-democracia e a consciência do movimento do proletariado mundial como um só movimento é o mesmo problema. É só fazendo essa ruptura permanente e organizada, levando até as últimas consequências a crítica aqui desenvolvida, que o proletariado de todos os lugares irá reconhecendo a si mesmo. E, reciprocamente, só se reconhecendo como um mesmo movimento, organizando-se como tal em escala internacional, o proletariado poderá assumir a ruptura com a social-democracia de forma permanente. Só assim, cada acção directa do proletariado em qualquer parte se reconhecerá nas outras como a afirmação do mesmo ser orgânico e poderá dotar-se de uma verdadeira direcção internacional; só assim fará sentido falar de combate histórico entre a internacional do capital e a internacional revolucionária.

O que fazer?

O objectivo da análise da correlação de forças não é, para nós, a contemplação do mundo "tal como é"; pelo contrário, esta análise é para os revolucionários a base da acção subjectiva. Não se trata de descrever o mundo, mas de transformá-lo.

De Equador a Seattle, estamos todos no mesmo barco, todos na mesma sociedade capitalista e lutando como podemos contra ela. Trata-se de uma comunidade de luta que se afirma e se demarca.

Nós estamos profundamente implicados em ambos os tipos de movimento, através do mundo, lutando para que cada expressão de luta do proletariado assuma a contraposição a todo o capital e, consequentemente, a consciência de pertencer ao mesmo movimento mundial de abolição do capital e do estado. É evidente que, quando dizemos nós, não nos referimos somente ao nosso pequeno grupo formal, mas às minorias revolucionárias organizadas que, contracorrente, lutam pela constituição do proletariado em classe e, portanto, em partido em escala mundial, e que, contra a moda e os eternos inventores do "neo", que dizem que isso está superado, não têm medo em afirmá-lo.

O desenvolvido aqui é ao mesmo tempo centralização do debate que cresce no seio dessas minorias revolucionárias e parte da acção delas, que, mal ou bem coordenadas entre si, lutam, da Albánia à Bolívia, da Rússia ao Irão..., contra a corrente para afirmar essa força única do proletariado mundial. A denúncia da social-democracia que realizamos neste texto e que gritamos em qualquer assembleia ou barricada é parte dessa mesma comunidade de luta. A crítica sem contemplações do activismo e do centrismo efectuada por nossos companheiros nas cinco partes do mundo, também.

Mas isso não nos impede de afirmar consignas na gestação da direcção que o proletariado necessita. O que fazer então para impulsionar a reunificação do proletariado, conjuntamente à sua ruptura com a social-democracia? De onde pode vir um salto de qualidade nesse sentido?

Em princípio, pode vir de todas as partes. A generalização geográfica de um movimento como o que se desenvolveu no Iraque há alguns anos, Albánia ou Equador pode ser decisiva nesse salto de qualidade. Se eles não se estenderam mais, foi pela incapacidade do proletariado em outros lugares de identificar-se com ele e tomar o mesmo caminho. No entanto, num período que se caracteriza pela inexistência de

associações permanentes de proletários em escala mundial, só a coordenação e a centralização das minorias comunistas nas regiões em luta aberta com as de outras partes do mundo poderá dar continuidade a esse movimento e tender a unificar a sua direcção.

Isto é, inclusive nesse caso, a acção voluntária e consciente das minorias revolucionárias será decisiva. Concentremo-nos então no que é que estas precisam fazer.

E, mais concretamente, devemos impulsionar essas idas massivas às cimeiras e anticimeiras "para enfrentar o capital e o estado" ou, pelo contrário, devemos nos organizar de outra maneira e impulsionar outra perspectiva?

Ainda que reconheçamos esse movimento proletário de ruptura contra as cimeiras e anticimeiras como nosso movimento, defendemos no interior do mesmo, por todo o exposto aqui, a palavra de ordem de se organizar fora e contra as cimeiras e anticimeiras, e desenvolver nossa força de outra maneira, em outras datas e, tanto organizativa como politicamente, com total autonomia com relação à direita e à esquerda do sistema.

Mas nos dirão: como então internacionalizar o movimento? Como unificar a luta, a não ser concentrando nossas forças num lugar, num dia determinado?

Apesar de todas as críticas efectuadas, consideramos fundamentais essas tentativas de organização de minorias para a acção directa, que pelo momento dependem dessas cimeiras e anticimeiras; mas dentro da mesma defendemos a perspectiva de decidir os momentos, as datas nas quais por toda parte os proletários saem à rua para enfrentar o capital, o que irá afirmando a consciência de pertencer à mesma classe, que tem exactamente os mesmos inimigos em toda parte, como foi o primeiro de maio! Como continuamos lutando para que volte a sê-lo! A respeito, deve-se assinalar que diferentes grupos e organizações que vão rompendo com o activismo estéril e contraproducente que viemos criticando e que se opõem a "ir todos a tal cidade em tal data", já propõem organizar-se de outra maneira e sem depender dos calendários das cimeiras.

Mas entenda-se bem que isto deve efectuar-se numa ruptura total com todo espectáculo activista que se montou nos palcos das cimeiras e anticimeiras. Não deve se tratar nunca, como pretendem os sindicalistas, de "mostrar aos pobres e moribundos proletários do mundo", mediante a televisão, que "aqui na Europa, há gente valente". Não se deve partir dessa separação entre os "moribundos", por um lado, e "os que sabem", por outro; de consagrar o dualismo entre "os que não podem fazer nada" e os "activistas" que lutam em determinado evento, como a mentalidade do espectáculo desenvolve.

Pelo contrário, em cada acção desse tipo defendemos que ela deve tender a organizar-se em todos os lugares, que se pode levar adiante em todos os pontos do planeta, mesmo onde nunca se reunirão as cimeiras e onde a social-democracia jamais organizará anticimeiras. A acção directa contrapõe-se totalmente à lógica do espectáculo. O espectáculo mostra os actores e paralisa os espectadores, que, quando muito, aplaudem, e leva a um enfrentamento espectacular entre especialistas da repressão e especialistas da mudança social.

A acção directa da vanguarda proletária é, pelo contrário, a que impulsiona a sua reprodução por toda parte. O salto de qualidade neste sentido é a ruptura com esse conceito de solidariedade que expressa no fundo um conceito fundamentalmente caritativo, e que nasce da educação judaico-cristã: actua-se pelos pobres e os moribundos de longe. Pelo contrário, nós revolucionários dizemos abertamente que nada fazemos pelos "pobres do mundo", porque nós mesmos somos em todos os lugares explorados e oprimidos pelo mesmo sistema social; porque temos por toda parte os mesmos interesses e os mesmos inimigos; porque somos a mesma carne a mesma luta histórica dos explorados de sempre contra todos os sistemas de exploração e opressão. A revolução social não é uma necessidade de um ou outro grupo de activistas, mas do proletariado mundial.

Tampouco temos que mostrar algo, e muito menos na televisão ou na Internet (mesmo que utilizemos algum meio de comunicação) , mas, pelo contrário, praticamos em toda parte o tipo de acção directa que é perfeitamente reproduzível pelo proletariado em todos os lugares.

Um avanço decisivo, que impulsionamos, é que os militantes e revolucionários do mundo, que hoje se definem por sua luta contra o capital e o estado, que sabem da importância histórica que tem a ruptura com a social-democracia (a organização em força, fora dela e contra ela), que em vez de juntar forças para ir às cimeiras e anticimeiras, nos concentremos no tempo mas não no espaço. Por considerá-lo muito mais forte e eficaz do que enviar «todos» a determinada cidade, por considerá-lo de acordo com a acção directa e porque estimula sua reprodução em todos os lugares, defendemos a coordenação para actuar tal dia e tal hora em todos os países contra os mesmos objectivos. Já existe embrionariamente em diferentes lugares uma tendência revolucionária que estimula isso. Na Espanha, por exemplo, nessas jornadas que chamam «jornadas de luta social ou jornadas anticapitalistas» já se expressa, de forma minoritária, uma tendência a definir outros objectivos, fixar outras datas, desenvolver outras

formas de luta que não sejam a luta contra as cimeiras, nem o espectáculo activista.

Mas o salto de qualidade necessário consiste em que essa potência de luta que se objectiva exclusivamente como manifestações contra as cimeiras e anticimeiras se assuma como parte do mesmo movimento do proletariado no Equador, Albánia, Indonésia... e que, quando amanhã acontecer outra explosão dessas, saibamos concentrar nossas forças para afirmar a solidariedade com a mesma. Mas não a solidariedade do espectáculo, não a demonstração de que aqui se fazem coisas pelos "moribundos" proletários do mundo acolá. Mas, pelo contrário, fortalecermo-nos em todos os lugares, generalizando o movimento proletário que ocorre num país; saindo à rua e enfrentando a burguesia e o estado que temos diante de nós para afirmar praticamente que somos o mesmo movimento de abolição da sociedade burguesa, que temos exactamente os mesmos objectivos pelos quais o proletariado está lutando nesse país, que nesse momento está em plena efervescência contra o sistema social burguês.

Com efeito, a maior desgraça dessas explosões proletárias em diferentes partes do mundo, como repetimos em cada ocasião, em todas as nossas publicações, nos diferentes países e idiomas, é precisamente seu isolamento, que a burguesia continua atacando caso a caso, país por país, o proletariado e que, quando essas respostas proletárias se desenvolvem, os proletários de outros países nem percebem a luta que aqueles desenvolvem. E insistimos que foi a burguesia mundial contra o proletariado de cada país. Com efeito, a debilidade da acção proletária, por exemplo, nos países europeus e nos Estados Unidos, permitiu que a OTAN pudesse intervir alegremente, sem um derrotismo revolucionário. consequente em seus países de origem, para desarmar e reprimir o proletariado insurrecto na Albánia. E o pior é que toda essa força proletária que se expressa contra as cimeiras e anticimeiras, pela ideologia activista dominante, nem sequer é consciente de que nossa força é também aquela, e que aqui e agora se pode impedir que o proletariado fique só enquanto a burguesia recebe apoio incondicional de seus pares.

Se há algo fundamental em toda essa luta contra os eventos das cimeiras e anticimeiras, é que muitos proletários organizam-se querendo enfrentar o capitalismo mundial, que se consegue concentrar forças, que se consegue combater ao mesmo tempo o mesmo inimigo, que já há minorias que, em nome da revolução, vão à rua para afirmar o internacionalismo proletário e que se volta a discutir o como e o que fazer. O importante é também que as questões centrais da luta proletária, da destruição do capitalismo e do estado, do como, quando e a estratégia, voltam a ser terreno da polémica.

Mas ainda não somos capazes de dirigir bem essa força que conseguimos concentrar, ainda não somos capazes de impedir que o suborno e a porrada liquidem o movimento em determinado país no maior e mais triste isolamento.

Utilizemos essa força capaz de manifestar, irromper, atacar a burguesia e o estado em cada país, fazendo-o coincidir com o movimento explosivo de algum outro país para impedir que se isole; levantemos nessas lutas a bandeira revolucionária de unificação da luta contra o capital; mundializemos a realidade e a consciência de nosso movimento; desenvolvamos a força única do proletariado internacional.

Assumamos então essa tendência histórica do proletariado a reconstituir-se e reconhecer-se como classe, a afirmar seu programa revolucionário, a constituir-se em força, em partido mundial de destruição do capitalismo.

S u b l i n h a m o s

GÊNOVA 2001:

O TERRORISMO DEMOCRÁTICO EM PLENA ACÇÃO

> “No dia seguinte, eu e os outros jovens que compartilhávamos um dos grandes quartos tivemos que permanecer parados, com as pernas abertas, sobre as pontas dos pés, e a testa apoiada no muro desde às 18 até às 6 horas da manhã. Aqueles que, extenuados, não mantinham a posição eram espancados brutalmente. Com a regularidade de um relógio, recebíamos chutes e pauladas nos rins, insultos e golpes na nuca, o que fez com que o muro no qual devíamos apoiar-nos ficasse regado de sangue. Obrigaram-nos a andar no corredor fazendo a saudação fascista.”
>
> Riccardo,
> Famiglia Cristiana.

> “Vejo o policial na caminhonete que aponta sua arma para o exterior gritando: ´Vou liquidá-los todos, filhos da puta´. Oiço dois disparos, depois, um terceiro. Um morto jaz sobre o asfalto, numa poça de sangue; mais tarde, fico sabendo que se trata do meu amigo Carlo Giuliani.”
>
> Marisa Fumagalli,
> La Repubblica

Estes testemunhos do terror que reinou em Gênova durante a reunião do G8 não necessitam de muitos comentários: assassinatos, espancamentos, torturas, humilhações de todo gênero... Segundo todos aqueles que estiveram presentes, o termo mais adequado para definir a obra dos defensores da ordem é “massacre”. Os milicos não se contentaram em conter a frente da manifestação, como fazem habitualmente, mas atacaram, pela frente e por trás, os 200.000 manifestantes, espancando indistintamente homens, mulheres, jovens e velhos. Com as sirenas no máximo volume, os carros de polícia passavam a toda velocidade no meio aos grupos de manifestantes, obrigando-os a lançar-se sobre a calçada para não serem atropelados; as operações das forças especiais fizeram-se em plena noite, nos dormitórios comuns; fechavam todas as saídas e depois os defensores da ordem espancavam durante duas horas sem poupar nem forças nem tempo. Há imagens que mostram o comissário da Digos de Gênova chutando a cabeça de um jovem que jazia no chão, como se fosse uma bola; a polícia foi buscar os manifestantes feridos nos hospitais e depois levou-os aos quartéis para torturá-los a noite toda...

Como foi possível, escutamos com obstinação que os milicos estivessem até esse ponto seguros da impunidade que tinham, que nem sequer duvidaram em espancar alegremente todo mundo, mulheres e crianças inclusive, sem nem sequer ocultar isso aos jornalistas, fotógrafos, câmaras? Quem lhes deu essa segurança? Esta pergunta, na qual se encerram obstinadamente tantos manifestantes, é um testemunho da ilusão que ainda existe de que a acção da polícia em Gênova se deva à “erros”, “transbordamentos” ou “excessos”, à influência da extrema direita, à falta de experiência dos jovens policiais ou à presença de um ou outro berlusconiano na direcção da polícia, como se se tratasse de uma particularidade da polícia italiana.

Não obstante, a resposta à pergunta sobre a segurança dos corpos de choque do estado no acto de repressão se encontra no coração mesmo do estado, em seu carácter orgânico e, neste caso, na coesão do conjunto de suas forças, de todas as tendências políticas. Da esquerda à direita, nacionais e internacionais, a acção terrorista dos corpos policiais provem de uma acção complementar e conjugada de todas as forças burguesas que compõem o estado. A repressão em Gênova é o fruto de um plano elaborado pelos diferentes governos de esquerda, o de D’Alema, depois o de Amato, com a colaboração dos serviços secretos de outros governos ocidentais presentes em Gênova. Esse plano “pela segurança” foi posteriormente aplicado pelo

governo de direita Berlusconi-Fini-Bosso. Do mesmo modo, a criação do corpo especial Grupo Operacional Móvel (GOM), que contribuiu muito na brutalidade policial, é o fruto directo de uma iniciativa do ministro "comunista" Diliberto (PDS) sob o governo de D'Alema. E para que se compreenda bem até que ponto a repressão foi o resultado da acção conjugada do conjunto das forças policiais, tanto de direita quanto de esquerda, acrescentamos que, durante os momentos culminantes da repressão, estavam presentes, no mesmo quartel general das forças da ordem, todos os chefes de diferentes forças policiais, acompanhados pelo vice-primeiro ministro Fini em pessoa.

A facilidade com que a polícia conseguiu reprimir deve-se à colaboração aberta e determinante da esquerda social-democrata que, como o Fórum Social de Gênova, predicava a não violência, a desobediência cidadã e a manifestação pacífica no mesmo momento em que os milicos espancavam, disparavam, matavam. E esta esquerda "humanista e democrática", como gosta de se definir, não se contentou em levar os manifestantes como carneirinhos ao matadouro ou distilar o seu veneno pacifista; não, seus militantes colaboraram activamente com a repressão, participando de um verdadeiro concurso de delação, bloqueando com seus serviços de ordem a entrada da manifestação aos militantes considerados demasiado "ofensivos", prendendo-os entre os seus próprios cordões de segurança e as filas de milicos, expondo-se assim, como alvos fáceis, às granadas de gás lacrimogéneo disparadas.

"Dão porrada brutalmente, massacramimprovisadamente.Os manifestantes são perseguidos a cassetete, os milicos descarregam sobre tudo o que foge, espancam quem está no chão, espancam as mulheres ('filhas da puta', 'putas') e os homens ('comunistas filhos da puta'). Outros milicos atacam os manifestantes lançando bombas de gás lacrimogêneo de helicópteros. Os Dinkys da marinha encurralam aqueles que se refugiam nos penhascos. Os milicos, acompanhados por especialistas utilizam novas algemas importadas especialmente de Los Angeles que têm a particularidade de rasgar a pele e quebrar ossos. É um verdadeiro massacre."

Angelo Quattrocchi,
La bataille de Gênes

"Eu terminei no último grande cômodo do quartel e recebi uma nova chuva de socos e chutes. Fiquei no chão e não consegui me levantar mais; tenho o pé quebrado e as costas doloridas. Assisti a um espetáculo horrível: uma sueca foi arrastada pelos cabelos para o exterior da habitação; os milicos apagavam seus cigarros na mão de um francês. Ninguém podia se mover. Um enorme policial entra no quarto e massacra um jovem porque, diz, 'o vi me insultar durante a manifestação'. A trilha sonora do horror é uma canção que os milicos conhecem de memória, e que eu também aprendi agora 'um, dois três, morte aos judeus, sete oito nove, nenhuma piedade com os negros'."

Alfonso de Munno,
fotógrafo romano de 26 seis anos.

A reunião do G8 que aconteceu em Gênova foi o teatro de uma violenta repressão como descrevemos anteriormente. Porém tal repressão não começou com a abertura formal do G8 e o começo das manifestações, muitos militantes e grupos foram presos nas reuniões preparatórias. Foi o caso do grupo Precari Nati ("Nascidos Precários"), que se propunha a distribuir um panfleto em Gênova, junto com companheiros de Kolinko (Colectivo no Movimento Comunista, Alemanha) e Workers Against Work (Trabalhadores Contra o Trabalho, Grã-Bretanha), para dar sua posição acerca dessa enorme encenação que são as cimeiras e as anticimeiras. Foi-lhes impossível fazê-lo porque as forças da ordem prenderam treze companheiros e os mantiveram presos durante horas na delegacia central da polícia de Bolonha. Dois militantes foram acusados de porte de armas (canivetes suíços!) e lhes foram tomados mais de mil panfletos. Reproduzimos a seguir o conteúdo integral dos panfletos confiscados, sublinhando a clareza com que esses companheiros demarcam-se da ideologia antiglobalização, e a força com que denunciam as correntes social-democratas, que não buscam outra coisa do que "a modernização do capitalismo e esperam que as suas propostas (por exemplo, a taxa Tobin) poderão salvaguardar as relações sociais capitalistas, ou seja, as mesmas relações que perpetuam nossa alienação e nossa exploração.".

QUEIMANDO TODAS AS ILUSÕES ESTA NOITE...

Se estamos aqui, não é como activistas profissionais da antiglobalização que procuram uma posição de mediação entre os fantoches da economia e suas 'vítimas', e agem no interesse de outros (os "invisíveis", os proletários revoltados contra o FMI ou o Banco Mundial, os refugiados, os trabalhadores precários). Nós não queremos representar ninguém e escarramos na cara de quem quer nos representar. Não entendemos exclusão como exclusão dos centros de decisão económica. Mas como a perda de nossa vida e de nossa actividade cotidiana, como proletários e por causa da economia.

Se estamos aqui, não é porque preferimos o comércio justo ao livre comércio, nem porque acreditamos que a globalização enfraquece a autoridade dos Estados nacionais. Nem estamos aqui porque pensamos que o Estado é controlado por instituições não democráticas ou por querer mais controle sobre o mercado. Estamos aqui porque todo mercado é mercado da miséria humana, porque todos os estados são prisões, porque a democracia esconde a ditadura do capital.

Se estamos aqui não é porque vejamos os proletários como vítimas, nem porque queiramos ser seus protectores. Não viemos aqui para ser impressionados por protestos espectaculares, mas para aprender as tácticas da guerra de classes cotidiana com os grevistas de Ansaldo e com os proletários rebeldes da indústria metalúrgica. Viemos aqui para trocar experiências com os desapossados de todo o mundo.

Se aqui estamos, não viemos como membros das numerosas ONG, grupos de pressão, ATTAC ou de todos aqueles que simplesmente querem ser incluídos nas discussões sobre a modernização do capitalismo, esperando que suas propostas (por exemplo: a taxa Tobin) possam salvar as relações sociais capitalistas, isto é, as mesmas relações que perpetuam nossa alienação e exploração.

Se estamos aqui, é como proletários que não reconhecem o capitalismo nas reuniões de vários mafiosos mas no roubo cotidiano de nossas vidas nas fábricas, nos call-centers (2), como desempregados, pelas necessidades da economia. Nós não falamos em nome de ninguém, partimos de nossas próprias condições de existência. O capitalismo não existe por causa do G8, o G8 existe por causa do capitalismo.

O capitalismo nada mais é do que a expropriação de nossa actividade, que se volta contra nós como uma força alienada. Nossa festa contra o capitalismo não tem início nem fim, não é um espectáculo predeterminado e não tem data marcada. Nosso futuro está além de todas as mediações, além dos estados-nações, além de toda tentativa de reformar o capitalismo. Nosso futuro reside na destruição da economia.

Pela total abolição do Estado e do Capital.
Pela comunidade humana mundial.
Proletários contra a máquina
Precari Nati
(email: ti14264@iperbole.bologna.it <mailto:ti14264@iperbole.bologna.it>), Kolinko, Workers Against Work

1. Riccardo, Famiglia Cristiana
2. "Call centers" lugares onde os empregados trabalham fazendo chamadas publicitárias para as empresas que os contratam.

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES:

A LUTA DE CLASSES NA ARGÉLIA É A NOSSA LUTA!

Em seguida a delegacia deixa de ser o alvo exclusivo, e a vingança proletária generaliza-se contra o conjunto de instituições do estado, tanto civis tanto militares.

Os primeiros assaltos proletários em abril de 2001 em Cabila

Em 18 de abril de 2001, explodiram os primeiros distúrbios em Beni-Douala (região de Tizi-Ouzou, na Grande Cabila, 100 km a leste de Argel), depois do assassinato de um jovem estudante como consequência da repressão da polícia. Segundo a versão oficial, o estudante foi morto "por uma rajada de metralhadora, disparada acidentalmente por um agente".

Nos dias seguintes, "os distúrbios estendem-se a muitos povoados de Cabila, causando dezenas de feridos e importantes danos materiais". (1) "A manifestação de protesto contra o espancamento e prisão de 3 estudantes onde se gritavam palavras de ordem hostis ao poder de Amizour, explodiu em confrontos que se estenderam a toda a região denominada Pequena Cabila". (2)

No sábado, 21 de abril, já "são centenas, muito jovens, frequentemente estudantes secundaristas, os que manifestavam sua raiva lançando pneus queimando, pedras e coquetéis molotov contra as delegacias de polícia sitiadas de Beno-Douala, El-Kseur e Amizour". (3)

No domingo 22, em Amizour, apesar dos apelos à calma lançados pelas famílias das vítimas e os dirigentes da FFS (Frente das Forças Socialistas, actualmente partido de oposição), "os manifestantes atacam a brigada à pedrada, incendeiam dois veículos da delegacia, assim como a sede da daira [´subprefeitura´] e as dependências do estado no município, e saqueiam os tribunais." (4)

A acção do proletariado na Argélia é, desde os primeiros dias, directamente violenta e dirigida contra a "sua própria" burguesia. A partir de um acontecimento particular e local, como uma gota d'água que faz transbordar o vaso, o proletariado consegue afirmar de imediato sua existência. Ocupa a rua por todos os lados. Em seguida a delegacia deixa de ser o alvo exclusivo, e a vingança proletária generaliza-se contra o conjunto de instituições do estado, tanto civis quanto militares. A violência de classe contra a burguesia produz-se sem concessões: incêndios, destruições, saques, reapropriação directa das mercadorias, combate à repressão...

Como sempre, diante desses acontecimentos, a burguesia tenta acalmar como pode a efervescência proletária, utilizando simultaneamente a porrada e o suborno. Desde segunda, 23 de abril, as unidades antidistúrbios são deslocadas de Tizi-Ouzou (capital de Cabila) até Beni-Douala, situada a 20 km. No dia 24, as autoridades, manifestando

1. Le Monde, 24 de abril de 2001.

2. Yahoo! Actualites, 26 de abril de 2001.

3. Libération, 24 de abril de 2001.

seus “desejos de apaziguamento”, anunciam a suspensão do chefe adjunto da segurança da wilaya (“prefeitura”) de Bugía, a detenção do milico autor dos disparos mortais em Beni-Douala e o lançamento de um “programa especial de ajuda económica a essa região”. Além do mais difundem apelos à calma efectuados pelos familiares do estudante assassinado, que se dizem decididos a “iniciar os procedimentos judiciais para que se julguem os responsáveis”.

Mas nem as promessas, nem os apelos à calma que os parentes das vítimas fazem, assim como os partidos e organizações social-democratas (RCD, FFS, MCB...) (5), nem a acção das forças repressivas conseguem impedir que o conflito se generalize. Ao mesmo tempo produz-se um novo ataque ao edifício dos tribunais, que reflete a pouca ilusão que têm os proletários nos resultados das “perseguições ou processos judiciais”. Os partidos social-democratas mostram-se incapazes de modificar esta determinação e orientação violenta dos proletários, que escrevem nas suas bandeiras: “Vocês não nos podem matar porque já estamos mortos”. A indigência total na qual foram atirados pelo capitalismo impulsiona-os a lutar sem concessões.

Alguns números podem dar uma idéia da situação. De 1991 a 1999, em oito anos, o “poder de compra” do proletariado na Argélia baixou 60%. Entre 1999 e 2001, o número de pessoas declaradas “vivendo em condições de pobreza” passou de 10 para 14 milhões, dos 30 milhões de habitantes que tem a Argélia. Cerca da metade da população vive com menos de 50 dólares por mês, enquanto os aluguéis de apartamentos privados nos distritos populares oscilam entre 130 e 170 dólares por mês. Não surpreende que a taxa média seja de mais de sete pessoas por domicílio.

As negociações com o Fundo Monetário Internacional para renovar os créditos concluíram com um acordo que implicava a reestruturação do sector público e a indústria. Essa reestruturação produtivas impôs a supressão de 400.000 empregos. Dado o declínio industrial nessa região, aos operários afectados não lhes restava nenhuma esperança de encontrar outra solução laboral.

Anteriormente aos distúrbios, a taxa de desemprego tinha alcançado oficialmente 40% da população activa. Um facto revelador da tensa situação social é que o único sector em que se encontrava trabalho era o das empresas privadas de segurança. Na Argélia existem mais de 80 sociedades desse tipo, nas quais às vezes trabalham até 1.500 pessoas. O mais sintomático é que as mais numerosas sejam as sociedades de segurança industrial.

Na Argélia, as necessidades mais elementares dos proletários, como a água potável, a moradia e a electricidade, não estão cobertas. Os mais afectados por estas condições de vida são os jovens de menos de trinta anos, que constituem 70% da “população activa”. A cada ano, chegam cerca 300.000 jovens a um mercado de trabalho que não necessita deles. Agredidos até o limite de não ter possibilidades próprias para sobreviver, inventam estratégias para desenrascar-se. Visto o preço dos aluguéis, é impossível sair do núcleo familiar e viver por sua conta. Esta é a razão pela qual os jovens repetem voluntariamente anos escolares para adiar a data em que ingressarão no serviço militar e em que passarão seu primeiro dia como desempregados. Compreende-se assim o papel que a juventude desempenha na revolta. Mas não nos deve assombrar que os jornalistas aproveitem a situação para expressar seus clichés sociológicos favoritos. Partindo da realidade do dilema entre o exílio e o desemprego, os jornais fomentam a imagem do “mal-estar dos jovens” e a “sede de justiça e democracia” deles, negando e escondendo que é o proletariado de todas as idades que enfrenta a justiça e a democracia.

Varrendo toda terapia cidadã, os proletários, que não têm nada a perder

Vocês não nos podem matar porque já estamos mortos.

4. Libération, 24 de abril de 2001.

5. Rassemblement pour la culture et la démocratie» (União pela Cultura e a Democracia), «Front des forces socialistes» (Frente de Forças Socialistas) e «Mouvement Culturel Berbère»

senão as suas correntes, empregam a única arma de luta eficaz para a nossa classe, a acção directa: "Os jovens manifestantes não querem falar com um poder que os despreza. Eles mesmos desprezam o poder. Então rompe-se tudo aquilo que é símbolo do estado. Os manifestantes não querem dialogar" (6), lamenta-se um desses escrevinhadores.

Esta cólera não se concretiza verdadeiramente em torno de reivindicações particulares. O fastio é geral e desenvolve-se sobre os aspectos "económicos", "políticos" e "sociais" da sobrevivência que lhes é imposta. A ausência de reivindicações precisas, concretas ou de proposições positivas torna mais árdua a tarefa de liquidação que os reformistas de toda laia sempre procuram efectuar. Só a contraposição a tudo o que vem do poder em geral é explícita. A NEGAÇÃO de tudo o que existe constitui indubitavelmente a força elementar do movimento. Desde o início dos distúrbios, e apesar de todas as tentativas burguesas de chamar para à calma e enquadrar o movimento em polarizações ideológicas, conciliações, reformas e negociações, os proletários afirmam-se terminantemente no terreno da luta de sua classe, assumindo diversas necessidades e interesses, e combatendo por impô-los no desenrolar da luta.

Em uma semana de confrontação, a luta estende-se por toda Cabila. O número de objectivos não deixa de ampliar-se. As expropriações da propriedade burguesa multiplicam-se. os proletários tomam as mercadorias que necessitam e destroem voluntariamente tudo que para eles sempre simbolizou repressão e miséria (incêndio do Escritório Central de Impostos, da prefeitura, assim como das sedes dos partidos pela identidade nacional...). Em alguns dias, a ebulição toma todas as cidades de Cabila.

No sábado, 28 de abril, "uma maré humana invade as ruas de Bugia, apesar de os confrontos mais sangrentos ocorrerem em cidades novas e em pequenos povoados... Uma vez mais, os edifícios públicos foram saqueados. Em Bugia, os manifestantes destruíram a casa de cultura, a Repartição da Fazenda, a estação de ônibus". (7) A jornada do sábado, 28 de abril, é a mais sangrenta, com uma trintena de vítimas, momento a partir do qual a relação de forças tendeu globalmente a inverter-se a favor do proletariado. Um jornalista anota que "entre 40 e 60 membros das forças de segurança foram mortos na quinta-feira, 26 de abril, numa escaramuça ao sul de Tébessa". (8) Destaque-se que vimos esta informação uma única vez... Este dado revelaria um armamento mais consequente do proletariado?

A burguesia desconcertada

A angústia e a surpresa que suscitou na burguesia local o rápido desenvolvimento do movimento foram tão grandes, que ela oscila na sua acção e até se mostra relativamente paralisada. Tendo tentado diferentes tipos de réplica sem êxito, mostra não ser capaz de dotar-se de uma linha clara e precisa de resposta.

As estruturas de enquadramento e mediação social foram completamente ultrapassadas. Mais ainda, nas lutas, estas estruturas foram denunciadas cada vez mais explicitamente, como testemunham os ataques aos tradicionais partidos independentistas. Esses factos demonstram claramente que nenhuma formação política deste tipo consegue canalizar os transbordamentos e, além do mais e sobretudo, que a luta dos proletários em Cabila não é nem nacionalista, nem independentista, como toda luta realmente proletária. A palavra de ordem de "libertação nacional" é sempre uma manobra da burguesia mundial para quebrar a nossa luta, para isolá-la e isolar o proletariado em cada país, e tornar possível assim sua derrota, país por país, frente à "sua" burguesia nacional. (9) Se bem que, na actualidade, esta ideologia foi superada pelo movimento da Argélia, o contexto mundial, marcado por uma grande debilidade internacionalista, faz com que esta luta não seja reconhecida,

(Movimento Cultural Bérbere).
6. Comentário do enviado especial de Rádio França, informativo da Rádio Televisão Belga, 17 de junho de 2001.

7. Libération, 30 de abril de 2001.

vivida, compartilhada e assumida como tal, pelo proletariado em outros países. Na França, em particular, a não-luta global do proletariado levou a ver o movimento proletário da Argélia apenas através de imagens que a burguesia cria, o que provoca uma reacção de indiferença, de rejeição ou de defesa de pútridas bandeiras social-democratas. Graças a isso, o estado francês pôde continuar a apoiar e enquadrar as forças da ordem na Argélia impunemente.

Sobre o terreno, não obstante, a capacidade de repressão e controle militar da situação viu-se reduzida pela amplitude que tomou o movimento. Os distúrbios não cessam de explodir em outras regiões, separadas por muitos quilómetros de distância, o que dificulta a acção das forças da ordem que não podem estar materialmente presentes em todas as frentes de luta. Os proletários aproveitam a topografia acidentada da região para travar por todos os meios o deslocamento das tropas repressivas, bloqueando as estradas de acesso. Ademais, as autoridades das cidades onde ainda se mantém a paz social temem que a extensão do movimento ganhe essas cidades, e por isso têm grandes reticências a responder favoravelmente aos apelos de reforço lançados pelas zonas onde a luta é forte.

Em meados de junho, a burguesia constata que perdeu todo controle da situação em Cabila; a insurreição vence nas ruas e assedia as forças repressivas que se vêem obrigadas as entrincheirar-se dentro de campos fortificados: "Em Tadmït, Ouadhias, Boghni, Akbou, Aïn el-Hamman, Mekla, Larbaa-Nath-Irathen, Azazga, Bugia..., todas as brigadas da polícia nacional oferecem o mesmo espectáculo de fortes assediados, pórticos bloqueados, muros destroçados, fachadas incendiadas, portas arrombadas e, nos arredores, restos de pneus queimados, postes caídos e árvores tombadas, bloqueando todos caminhos que conduzem às brigadas. Por todos os lados, os comerciantes recusam-se a servir aos policiais. O boicote é total. As 36 brigadas de Cabila são aprovisionadas por Argel, mediante helicóptero ou rotas de comboios fortemente armados. Um jovem de Tigzirt, por ter lançado um pacote de cigarros para um policial, por cima do muro do quartel da brigada, quase foi linchado. O levantamento se transformou em insurreição generalizada. [...] Há três semanas que não aparece um só policial nas ruas de Cabila. Entrincheirados, a missão dos policiais é defender a brigada e a vida deles. A região está nas mãos dos insurrectos". (10)

Contra o "particularismo cabilista", a luta estende-se a outras regiões

Como sempre, quando a burguesia encontra-se diante da radicalização de uma luta num território determinado, faz todo o possível para encerrá-la e evitar sua extensão.

"As autoridades temem que o movimento se espalhe como uma mancha de azeite. As confrontações já se estendem até as imediações de Sétif e os confins do leste de Cabila. No sábado, 28 de abril, houve uma tentativa de manifestação em Oran e Bourmedés, próximo de Argel, enquanto uma forte tensão reina na capital" (11), constatava um "enviado especial". A táctica do governo é então apresentar a luta dos proletários em Cabila como um "combate pela identidade bérbere", mas ao mesmo tempo esse jornalista assinala com dedo prudente: "O medo de que o movimento ultrapasse Cabila levou o poder a tentar enquadrá-lo como uma reivindicação estritamente linguística, escondendo o conjunto das reivindicações sociais e políticas que se expressam e que são comuns a todo o país. Isolando Cabila, Argel espera dispor o resto da população contra o particularismo de Cabila, com o objectivo de impedir toda unificação na contestação." (12) As fracções burguesas instaladas no governo esperam utilizar os 250 km que separam Argel da

8. Libération, 30 de abril de 2001.

9. Essa política burguesa de libertação nacional foi apregoada pela dita Internacional Comunista desde seu II Congresso, em 1920.

10. Le Soir, 16 e 17 de junho de 2001.

Saqueio e incêndio de um tribunal durante a extensão geográfica do movimento (12/06/01)

província insurgente, para sufocar os riscos de "contaminação".

Mas o que se produz é o contrário, por muitos factores:

- As condições de sobrevivência miseráveis impostas pela burguesia não são monopólio de Cabila, mas de toda a Argélia, o que claramente constitui uma condição favorável para a generalização.
- Os proletários em Cabila atacavam alvos que, por seu significado, tornava difícil esse tipo de falsificação burguesa de que se trataria de uma reivindicação bérbere. Até os jornalistas reconheceram "que o incêndio que Cabila hoje conhece não tem comparação com as tensões que agitam regularmente a região. Desta vez não se trata em absoluto de reivindicações culturais e linguísticas [...], mas de uma verdadeira explosão social. [...] Inclusive as formações políticas com forte inserção em Cabila, que controlavam e enquadravam não há muito tempo as reivindicações de identidade, já não são consideradas pelos manifestantes. Estes já não querem nem ouvir falar de reivindicações pacíficas e não têm dúvidas comunicar isso aos responsáveis da Frente de Forças Socialistas (FSS)" e, sobretudo, aos dirigentes da União pela Democracia e a Cultura (RCD), que pagam com isso a sua participação no governo." (13)

Em 25 de abril, "as cidades de Sidi Aïch, El-Kseur, Tazmalt, Barbacha, Seddouk e Timezrit são alvos dos saques de jovens exaltados que gritam palavras de ordem antigovernamen tais. Os carros particulares não são respeitados, do mesmo modo que os tradicionais partidos que defendem a causa bérbere e de Cabila, que também foram destroçados e saqueados. [...] Os manifestantes incendeiam o edifício central da colecta de impostos, de Akbou e Barbacha, na Pequena Cabila. A estrada nacional entre Bugia e Argel foi bloqueada com barricadas levantadas pelos amotinados, impedindo toda circulação nuns 60 quilómetros." (14)

Ao atacar os partidos nacionalistas e expressar com clareza sua rejeição aos apelos "pela identidade", ao denunciar directamente o "poder assassino", os proletários estão a lutar concretamente pela extensão e o reconhecimento universal da sua luta. De facto, a etiqueta da luta autonomista ou de identidade nacional não conseguiu impor-se. Desde fins de abril, o conjunto da classe dominante foi tomado como alvo e reconhecido pelo que é: inimiga do proletariado. Esse reconhecimento inclui expressamente tanto fracções autonomistas quanto fracções governamentais, tanto as socialistas quanto as que não o são, tanto as oficiais quanto as de oposição. No 1º de maio, a RCD anunciava a retirada dos seus dois ministros do governo de Argel, mas tal gesto não bastou para voltar a dar credibilidade a este partido perante aos proletários.

Durante os meses de maio e junho, aconteceram manifestações por toda Argélia (entre elas, duas em Argel), apesar de que muitas delas tinham sido proibidas pelas autoridades. Segundo os organizadores, as

11. Libération, 30 de abril de 2001.

12. Libération, 30 de abril de 2001.

13. Libération, 30 de abril de 2001.

14. Le Monde, 26 de abril de 2001.

manifestações deviam ser pacíficas; como já é costume, as fracções social-democratas organizam manifestações com o objectivo de subir na carruagem do movimento que lhes escapa. Isso parecia ter dado resultado durante um "período de calma", no qual os manifestantes seguiam docilmente os organizadores que patrocinavam como acção levar cartas de petições dirigidas ao governo. Mas a calma desse período acabou por ser muito relativa e finalmente durou pouco tempo. A tentativa desmobilizadora fracassou e desde meados de junho, os confrontos recomeçaram com maior vigor, assumindo traços semi-insurrecionais. Além disso, o movimento estende-se agora a novas regiões da Argélia.

Na sexta-feira, 1 de junho, os distúrbios explodem em Khenchela (550 km a leste de Argel), Aurès (um morto), Aïn Fakroun (500 km a leste de Argel) e El Ghozlane (130 km ao sul de Argel).

Duas semanas depois, na quinta-feira, 14, na mesma Argel, violentos confrontações explodem, cerca das 13 horas, em torno da praça 1º de Maio entre proletários e a polícia antidistúrbios: "As pedras e os projécteis lançados pelos manifestantes são respondidos com granadas lacrimogéneas, canhões de água e balas reais. Alguns hangares do porto de Argel são saqueados. Esta parece ser a acção mais importante desde o início da revolta nascida em 18 de abril em Cabila. [...] Nas ruas de Argel, os nomes das cidades [são] pronunciados como as notícias de uma frente imprevisível. [Em] 'Kenchela, um morto – diz um -. [Em] Skikda, atrás das barricadas', responde outro. 'Souur El Gozlan destruido. E 'Annaba, também'. Agora, a revolta ultrapassou amplamente Cabila, cujas zonas não se apaziguam há uns quarenta e cinco dias." (15) A manifestação de 14 de junho reuniu na capital entre 500.000 e 2.000.000 pessoas segundo as fontes. Todas as manifestações que se tinham sucedido durante os dois meses precedentes tinham seguido um único itinerário, imposto pelo estado. Esta foi a primeira ilegalmente desviada, sob a determinação dos proletários, para a sede da presidência da república.

Forças e debilidades do movimento

É necessário voltar a 1988 para encontrar uma explosão similar na Argélia (de que falaremos a seguir). Num contexto mundial ainda globalmente marcado pelas debilidades das lutas de nossa classe, os últimos movimentos importantes à escala do continente africano têm vários anos (16). Como em outros lugares do planeta, as ilhas de intensa valorização do capital (extracção de ouro, diamantes, urânio, mas também petróleo e gás...) e de pólos de concentração industrial coexistem na África com amplas zonas abandonadas pelos capitais, que constituem verdadeiras reservas internacionais de mão de obra barata, castigada por "recordes" de miséria absoluta. Se, para a eliminação do proletariado excedente (para as necessidades de valorização do capital, evidentemente), as mal denominadas catástrofes naturais não bastam (na realidade, penúria, fome, doenças directamente ligadas ao modo de produção, entre as quais está a destruição do sistema imunológico, catalogada sob o nome de SIDA), os massacres e as guerras imperialistas, exoticamente atribuídas aos "ódios tribais" e os "conflitos interétnicos", complementam a imunda tarefa. Como em todos os lugares, as quimeras do "crescimento" e do "desenvolvimento" não são mais do que chamamentos disfarçados para sacrificar-se aos interesses do capital. Por isso, contra toda ideologia que baseia sua análise na teoria de "países pobres e países ricos", nós afirmamos que a miséria mundial do proletariado não tem outra solução que não seja mundial e revolucionária.

Uma das maiores forças do movimento actual na Argélia consiste justamente em que é uma negação viva do mito derrotista burguês, segundo o qual a luta do proletariado não teria actualidade. A situação descrita aqui corrobora além do mais em diversos pontos a "caracterização geral das lutas actuais" (17), que nós pusemos em relevo numa de nossas revistas anteriores, a saber:

• O proletariado sofre hoje, sem uma resposta geral digna desse nome, a degradação extrema de sua situação, assim como grandes massacres.

• Quando o proletariado manifesta sua existência, fá-lo repentinamente e de forma directamente violenta, com base na sua acção directa, e tende a afirmar-se fora de todo terreno particular ou sectorial (locais de trabalho, bairros...). Essa afirmação violenta nega as divisões mantidas pela burguesia (trabalho, idade, origem, gênero...) e tende a generalizar-se com uma rejeição global do estado e de todo o enquadramento social-democrata e reivindicativo (contra toda mediação do estado, dos partidos burgueses, contra as palavras de ordem legalistas, pacifistas, eleitorais...).

Estes aspectos essenciais de afirmação da luta proletária caracterizam também hoje o movimento proletário que se desenvolve em Cabila, em particular, e na Argélia, em geral:

• O velho arsenal social-democrata não tem nenhum efeito frente à acção determinada e violenta do proletariado.

• A revolta não proclama objectivos precisos e explícitos e não propõe nada de positivo.

• Os proletários expropriam directamente a propriedade burguesa para satisfazer imediatamente as suas necessidades.

Além desses "aspectos característicos das lutas actuais", a luta apresenta forças que denotam um nível de confrontação ao capital superior ao geralmente alcançado pelas lutas actuais do proletariado.

A primeira impressão dessas forças reside no facto de que aqui, inclusive quando superada a rápida surpresa, a burguesia não foi capaz de levar adiante, de forma eficaz, a sua contra-ofensiva. Contrariamente ao que se passou, por exemplo, nos distúrbios em Los Angeles (18), todas as tentativas burguesas de destruir o movimento, separando a maioria dos proletários de sua vanguarda, fracassaram.

É um facto real que na vanguarda de tais acções se encontram

15. Libération, 14 de junio de 2001.

16. Recomendamos ao leitor nossos artigos, em espanhol e francês, sobre a luta dos proletários, em Marrocos, em Comunismo número 7, junho de 1981; Túnis e Marrocos: Comunismo números 15 e 16, fevreiro de 1984; África do Sul: Le Communiste número 21, dezembro de 1984 e número 23, novembro de 1985; Nigéria, em Comunismo número 37 de agosto de 1995 e número 14, outubro de 1983. Ademais, desde as insurreições no Iraque, em 1991, aconteceram lutas importantes no Egito e Máli.

17. Ver Comunismo, número 33, julho de 1993.

majoritariamente "juventudes proletárias" (60% da população têm menos de vinte e cinco anos e, além disso, é a maior parte da população afectada pelo desemprego); também é certo que podem às vezes levar suas lutas sob bandeiras islâmicas, mas as tentativas burguesas de particularizar a acção directa do proletariado, com base nessas realidades parciais, não tiveram até agora peso real no movimento. A prática do amálgama, que consiste em apresentar a luta da vanguarda do proletariado como uma luta de "jovens amotinados", assaltantes, bandidos e "muçulmanos radicais", não teve o efeito esperado no resto do proletariado na Argélia. O movimento mostra-se mais forte do que todas as divisões que a burguesia tenta impor e, como temos visto, quem luta hoje na Argélia é o conjunto do proletariado.

Certas "divisões do trabalho" que a burguesia nos apresenta como políticas não são mais do que técnicas e organizativas. Até agora, a solidariedade e a unidade foram realidades concretas do movimento. Ressaltamos que as acções, como o bloqueio das estradas, pressupõem um certo nível de organização e centralização do movimento. Inclusive se elas fossem hoje realizadas por um punhado de solitários proletários, estas acções constituiriam um esboço da assunção dos aspectos militares de luta.

No período actual, outra especificidade do movimento na Argélia é sua excepcional duração e extensão. Contrariamente à maioria das expressões actuais do proletariado, que aparecem como um simples relâmpago num céu sereno, aqui, o movimento perdura desde o mês de abril... os sinais de tempestade continuam enchendo a burguesia de medo! Desde 18 de abril, o movimento proletário não parou de se estender, tanto em longitude como em profundidade, e ainda hoje a luta continua:

• Estendeu-se por diversas regiões da Argélia.

• Os alvos atacados são de carácter cada vez mais global; todo símbolo do estado é um objectivo potencial.

• A acção directa afirma-se cada vez mais como a única arma do proletariado contra o estado.

• O proletariado tende a traçar, cada vez com maior clareza, a sua fronteira de classe com relação ao conjunto da burguesia e, muito particularmente, com as fracções de esquerda (FFS, RCD).

Esta força, esta persistência do movimento actual, situa-se em continuidade a respeito da força manifestada em lutas passadas. Faz mais de uma década, nós já assinalávamos nas nossas revistas centrais que o movimento de 1988 na Argélia tinha sido um movimento de negação da sociedade actual, de ataque ao capital e aos seus defensores.

Em 1988...

• Os proletários tomaram os edifícios e os bens oficiais (prefeituras, veículos de representantes do governo, diferentes sedes do FLN, delegacias, palácios de justiça e lugares centrais da acumulação capitalista e da administração da mais-valia como bancos e centrais de arrecadação de impostos).

• Fartos das condições de sobrevivência, os proletários em luta não formularam nenhuma reivindicação precisa. Não exigiram reformas, mas, pelo contrário, a revolta esteve ligada às expropriações directas, evidenciando que o objectivo não podia ser outro que o de reapropriar-se do produto social de que os proletários são privados.

• O movimento de 1988 foi obra da rua e desenvolveu-se na rua e não de empresas ou sectores concretos, o que não deixa lugar para o enquadramento social-democrata, cujos sindicatos não tiveram a possibilidade de desempenhar o papel de sempre de recuperadores, canalizadores e destruidores da luta.

Está claro que o movimento que abrasa hoje muitas regiões da Argélia apresenta flagrantes similaridades com as lutas de 1988. Voltemos a extrair parágrafos do comentário de Libération de abril de 2001: "Erigindo barricadas,

Uma das maiores forças do movimento actual na Argélia consiste justamente em que é uma negação viva do mito derrotista burguês, segundo o qual a luta do proletariado não teria actualidade.

18. Ver Comunismo, número 32, novembro de 1992.

eles destroem os símbolos do estado e os postos de polícia. 'É a revolta de uma juventude radicalizada [categoria aclassista!] que não tem nada a perder, pois já se encontra esmagada pela miséria e sem esperança'. 'Vocês não nos podem matar, nós já estamos mortos', gritam os manifestantes. Lançando pedras, incendiando pneus, com coquetéis molotovs; escapam totalmente ao controle de todos os partidos políticos e demonstram uma raiva que ninguém parece poder canalizar: três sedes da FFS e numerosos locais da RCD foram, por outro lado, incendiados".

O processo de negação prática desde abril de 2001 renovou três aspectos que foram a força do movimento de 1988:

• Ataque a instituições e forças do estado.

• Ausência de reivindicações precisas, expressão de esgotamento generalizado da paciência dos proletários conscientes de não terem nada a perder, e de nem terem algo a ganhar ao negociar com o estado.

• O escasso resultado do tradicional enquadramento social-democrata do movimento (19).

Esta breve incursão histórica é suficiente para mostrar que a rejeição às estruturas de enquadramento social-democrata, como as lutas pela identidade, não cai do céu nem provem unicamente das condições de exploração imediatas. Tirar as lições das lutas passadas tem suma importância, e esta continuidade é infelizmente mal assumida hoje. Nós não dispomos de expressões claras ou textos de minorias provenientes da região, mas sabemos que as manifestações aconteceram em torno dos "monumentos" postos pelos proletários de fins de 1988. Nossa classe conseguiu assim manter viva a memória operária apesar das múltiplas tentativas de eliminar seus vestígios. Em todo caso, o desgaste progressivo das ideologias burguesas no transcurso de cada uma dessas lutas levou o proletariado a recusá-las cada vez mais abertamente.

Nestas bases, o movimento actual superou em certos pontos o seu predecessor:

• A "afirmação pela identidade cultural" e a "libertação nacional" já não são mais as portadoras da esperança dos proletários, para os quais quarenta anos de independência (dos quais vinte de governo do FLN) não trouxeram mais do que miséria e massacres suplementares.

• A ideologia islâmica perdeu seu peso, ao mesmo tempo que perdeu o credibilidade a fracção social-democrata que a representa, a FIS. "Hoje os muçulmanos não conseguem explorar as reivindicações dos jovens argelinos", ressaltou um historiador (21). Os próprios proletários denunciam as "concessões do presidente Bouteflika aos muçulmanos" como a recente directiva governamental que proíbe o beijo nos bancos públicos e parques.

• Os movimentos independentistas parecem desacreditados quanto a sua capacidade deles de fazer mudanças reais. Apesar dos acentos "bérberes" de seu programa, a chegada do RCD ao governo não significou nenhuma mudança nas condições de vida em Cabila. Ao contrário, o proletariado denuncia a sua participação nos planos de austeridade.

Cada vaga de luta passada prepara assim directamente as condições de uma confrontação de classe futuro cada vez mais violento. Cada confrontação entre revolução e contra-revolução é um momento de exacerbação das contradições de classe, no curso do qual as máscaras caem, as ideologias desmoronam, as ilusões dissipam-se..., abrindo-se assim a via da expressão cada vez mais clara do proletariado para a qual o empurram as suas determinações históricas.

Da mesma maneira, o papel do exército na repressão feroz de 1988 (encarcerando, torturando, assassinando...) fá-lo aparecer hoje minado por contradições, pelo facto de que muitos soldados actuais participaram nos distúrbios da época. A exacerbação das contradições em seu seio constitui um limite para a repressão militar, ao

19. Depois de dez dias de distúrbios, a mesma imprensa estabelecia a relação: "Esta revolta se parece como duas gotas de água a que sacudiu o país, em outubro de 1988, e na qual houve 500 mortos.

21. Le Figaro, 5/07/2001

menos quanto à amplitude que a mesma poderia tomar se o movimento continuar seu desenvolvimento. Inclusive um sociólogo ressalta: "Eu não penso que eles disparem contra o povo argelino. Os serviços especiais ou a polícia podem disparar. O exército de base, não o dos generais, tem primos e irmãos que vivem numa situação de merda. E se há mortos, os jovens vão romper com tudo, e isso seria uma aventura." (22) Se bem que esta realidade parece surgir como produto da continuidade histórica da luta de classes, isso não significa nunca que tudo estivesse disposto de antemão. Com efeito, até agora não conhecemos nenhum sinal sério de fraternização ou de derrotismo interno contra o mesmo exército, nem chegaram até nós sinais de que o proletariado tenha tentado tomar as armas que havia nos edifícios que atacou. Além disso, não se deve esquecer o papel que ainda podem ter as forças contra-revolucionárias, como as fracções "direito humanitárias", que também preparam a repressão sob uma máscara de denúncia, tentando de facto encerrar o proletariado numa "luta pela democracia contra os generais sanguinários". Convém, segundo os apóstolos do pacifismo e do parlamentarismo, libertar Bouteflika da influência dos onze generais maiores (entre eles nove antigos oficiais do exército de libertação) que dirigem a Argélia, para permitir que o "processo democrático se desenvolva com normalidade". Isto significaria, mais uma vez, que a guilhotina parlamentar corte a cabeça do proletariado. Está claro que entre o sabre e o rochabus as urnas podem ter ainda uma boa posição!

As soluções democráticas propostas pela burguesia

É evidente que a burguesia tenta também tirar as lições das lutas passadas. Por exemplo, como em 1988, a imprensa fala de uma "desesperança argelina", como um efeito específico do governo actual. Mas é óbvio que as condições às quais está submetido o proletariado não são exclusivas de um governo particular nem de uma nação particular.

Historicamente, todas as fracções burguesas que governaram participaram na gestão sangrenta da Argélia colonial e pós-colonial, com o apoio permanente do estado francês que tanto se vangloria de ser "a pátria dos direitos do homem". Debilitado pela luta ascendente dos proletários na região, desde 1944, o espaço de valorização argelino foi, desde o princípio cimentado por diversos massacres efectuados na região de Magreb (Sétif, Fez...), depois, pela "independência nacional" e, por fim, pelo reforço do papel do exército na boa marcha dos negócios capitalistas. Ou seja, há décadas, na Argélia, os proletários excedentes são massacrados de forma directa, cruel e brutal. Aldeias e povoados inteiros são regularmente incendiados, a tortura como instrumento administrativo é moeda corrente, só muda a justificação invocada. Faz dez anos que a continuidade dos massacres está assegurada graças a imposição da polarização "governo contra fundamentalismo islâmico" com a aparição da FIS, organização islâmica que desempenha o papel de uma clássica fracção social-democrata.

Confrontada sucessivamente com a fracção colonial (sempre presente), independentista, logo islâmica, os proletários tendem progressivamente a identificá-los globalmente como "sua própria" burguesia. Contrapondo-se ao mesmo tempo ao estado francês, a Bouteflika, aos generais, ao FIS, ao FFS, ao RCD e ao FMI, os proletários afirmaram na prática um reconhecimento cada vez mais claro do seu inimigo de classe: o estado do capital em geral, sob todas as suas formas e em todos os seus níveis de organização.

De facto, a sucessão das fracções burguesas no governo repousa na sua incapacidade relativa para organizar as condições de produção que maximizam a valorização do capital, especialmente com base no aumento incessante das taxas de exploração dos proletários. A manutenção ou a substituição dessas

22. Libération, 14 de junho de 2001.
existentes, Comunismo número 23, outubro de 1986 e "Discussion sur le terrorisme" (Discussão sobre o terrorismo), Communisme, número 3, setembro de 1979 e número 5, janeiro de 1980.

fracções depende não somente da sua capacidade de impor-se e manter-se dentro da guerra permanente que travam entre si, a fim de incrementar seus capitais respectivos, mas também da sua eficácia na gestão do antagonismo de classe, mais ou menos expresso conforme as circunstâncias históricas. Estes dois aspectos são indissociáveis do papel social da burguesia como classe dominante. A permanente presença, directa ou indirecta, do estado francês inscreve-se assim dentro da necessidade internacional de manutenção da coesão social na região.

O FIS é o produto de uma centralização de grupos estruturados em torno da ideologia islâmica. Adquiriu sua força como organização do descontentamento geral dos proletários na Argélia desde princípios dos anos oitenta. A prática desta canalização foi, desde o seu nascimento, canalizar a combatividade proletária para o terreno religioso: só o combate pela soberania de Alá permitirá encher de alegrias a vida, arrebatada pelos pagãos. O FIS enquadra as lutas reais do proletariado, desnaturando seu conteúdo. A vantagem que apresenta o enquadramento religioso, para a reprodução da dominação burguesa, é reconhecida inclusive dentro do governo do FLN (Frente de Libertação Nacional), que durante esses mesmos anos não cessou de financiar a construção de novas mesquitas e escolas muçulmanas, favorecendo de facto o desenvolvimento do FIS.

Sua complementaridade é evidente. Foi graças ao FIS que a combatividade proletária de outubro de 1988 foi desviada para a guilhotina parlamentar. Como bom partido social-democrata, o FIS clamava que a hora tinha chegado para que a "soberania de Alá" se instalasse igualmente no parlamento. Participou activamente no fortalecimento da ilusão que muitos proletários tinham quanto à organização das primeiras eleições livres desde "a independência". Mas a "livre escolha" entre candidatos verdugos não pode fornecer outra perspectiva senão a de sempre: repressão de sua luta e manutenção da exploração burguesa! O FLN, partido único até então, sofreu uma derrota única, em proveito dos dirigentes do FIS, partido em que os proletários, desapossados da luta, investiram as suas melhores esperanças. O FIS ganhou as eleições municipais em 1990, e o primeiro turno das gerais, em dezembro de 1991.

Entretanto, o segundo turno das eleições legislativas, previstas para janeiro de 1992, nunca ocorreu. Foram anuladas depois da tomada de direcção dos aparatos centrais do estado pela fracção burguesa unificada em torno do estado maior do exército.

A persistência de uma forte combatividade proletária durante este período permite-nos compreender que, na realidade, o FIS foi superado pelos acontecimentos (os distúrbios de 1991). Desde então, a fracção burguesa unificada em torno do estado maior do exército, sabendo que não tinha nenhuma credibilidade a defender frente ao proletariado, estimou que só podia restabelecer a ordem burguesa. A situação, que escapava também ao controle do FIS, podia então repolarizar-se dentro de uma guerra interburguesa entre o FIS e os militares.

Uma participação no governo poderia ter sido fatal para o FIS. Sua composição é demasiado heterogénea para que pudesse, sem risco de deserção maciça, assumir concretamente as tarefas da região, a saber:

1. Conduzir abertamente a necessária repressão dos elementos mais combativos de outubro de 1988.
2. Continuar com a destruição do proletariado excedente.
3. Executar os inevitáveis planos de austeridade futuros.

A aplicação deste programa provavelmente teria conduzido o FIS a perder toda credibilidade frente ao proletariado.

O "golpe de estado militar" permitiu impor assim a ordem aos

proletários na Argélia preservando o FIS. A fracção burguesa reagrupada em torno do estado maior do exército, que desempenhou o papel de partido da ordem, pôde exercer sua repressão, como sempre, devido à combatividade do proletariado ter sido previamente deslocada pelas fracções social-democratas. É essencial ver aqui que, apesar de não participar (oficialmente) do poder, o FIS tinha preparado o enquadramento parlamentar dos proletários, o que de facto foi decisivo na restauração da ordem burguesa.

Assim, as fracções social-democratas conseguiram preservar quase intacta a sua imagem, apesar da real colaboração repressiva. Mais ainda, a fracção islâmica podia se apresentar como mártir e continuar o seu papel de catalizador do descontentamento proletário. Se não se pode excluir que certas fracções islâmicas tenham inclusive empurrado certos proletários a efectuar actos de terror burguês, é inegável que a maioria - senão a totalidade - dos massacres, habitualmente atribuídos ao "islamismo armado", são pura e simplesmente actos do exército argelino, e portanto também do estado francês, através do enquadramento e aprovisionamento das forças repressivas argelinas que este não deixou de proporcionar. Enfim, quando, sob a bandeira islâmica ou não, o proletariado desenvolve seu terror de classe contra o exército ou outras milícias organizadas pelo estado, nada mais normal do que a burguesia atribuir as qualificações ideológicas de "integrismo muçulmano" e "massacre cego de inocentes". Este amálgama e a "luta contra o terrorismo" constituem as coberturas ideais para a aplicação sistemática, por parte da burguesia, de seu próprio terror de classe, "o terrorismo de estado". Assim, se justifica a militarização crescente do regime como "esforço nacional", sempre à custa do proletariado. A polarização burguesa entre FIS e militares, "terrorismo versus antiterrorismo", tomou possível a desarticulação de toda verdadeira luta sob bandeiras proletárias e a imposição de condições de vida ainda piores, sempre pautadas além disso por novos massacres.

As "arch"

Uma debilidade importante, que constatamos e que na realidade é recorrente em todos os movimentos actuais que sucedem através do mundo, é que o conteúdo proletário é afirmado pelo próprio curso da luta, mas não é reivindicado explicitamente. O objectivo comunista não é identificado, não é assumido conscientemente.

Na escala internacional, as minorias que praticamente actuam na vanguarda do movimento quase nunca reivindicam as determinações classistas. A bandeira revolucionária que corresponde ao conteúdo das lutas aparece assumida muito rara e confusamente. Esta inconsequência apresenta diversos aspectos nefastos:

- Contribui para o isolamento extremo da luta do proletariado na Argélia com relação à luta do resto do proletariado internacional.
- Permite à burguesia utilizar esta falta de clareza para transformar a luta em conflitos interburgueses.
- Uma crítica militante e responsável destas debilidades deve inscrever-se imperativamente numa perspectiva revolucionária e directamente internacionalista. É neste sentido que nós nos esforçamos aqui em:
- Mostrar as determinações históricas que o movimento contém no seu desenvolvimento, ainda que o mesmo não consiga afirmá-lo explicitamente.
- Criticar as debilidades actuais da luta dos proletários na Argélia.
- Superar a fragmentação do movimento proletário em escala mundial, não somente criticando as debilidades de nossa classe, mas também difundindo internacionalmente a presente contribuição.

É certo que um movimento não pode ter essa duração e profundidade sem que se desenvolva um processo

Nem «generais», nem Bouteflika, nem FMI.

Em fins de agosto, o presidente Bouteflika organizou um "festival mundial da juventude e dos estudantes", dedicado "à amizade entre os povos e ao antiimperialismo". Pensava que um discurso antinorte-americano e populista melhoraria sua imagem perante os jovens proletários. A reação proletária foi boicotar e denunciar abertamente essa mentira: "Os organizadores deste carnaval, que dizem estar contra a mundialização e a favor dos jovens, são precisamente aqueles que negociam com o FMI e mandam disparar sobre a juventude" (Le Vif-L'Express, semana de 24 de agosto de 2001). Denunciando a cumplicidade burguesa no lançamento da marcha da repressão e a política de austeridade do FMI, o proletariado identifica cada vez com maior clareza o conjunto da burguesia que lhe faz frente como seu inimigo de classe. A exploração não é unicamente executada pelos generais, os inimigos exteriores ou outras frações que nos apontam com o dedo. O fracasso da tentativa de Bouteflika de mobilizar o proletariado numa luta antinorte-americana mostra que, cada vez mais, o movimento na Argélia é capaz de identificar claramente o conjunto da burguesia que lhe faz frente como o defensor dos interesses mundiais do capital. No curso desses acontecimentos, o proletariado recusou concretamente o jogo e as manobras que buscavam encerrá-lo numa polarização burguesa (norte-americana versus antinorte-americana), afirmando assim a sua resoluta oposição aos generais, ao FMI e a Bouteflika.

Os proletários não só incendiaram os edifícios dos partidos autonomistas e as “casas de cultura bérbere”, como também rejeitam, com coquetéis molotovs, o “programa especial de ajuda econômica à região”, que foi proposto pelas autoridades no dia seguinte às primeiras jornadas de distúrbios.

de organização e autonomização (isso se dá muitas vezes antes da explosão). As formas de desenvolvimento no transcurso deste processo, as bandeiras que levanta, nos parecem, entretanto, pouco precisas. Nenhuma estrutura do movimento parece, até o presente, ter dado provas de uma actividade internacionalista consequente, realizando contactos com minorias proletárias do resto do planeta. A ausência de redes proletárias de difusão da luta impõe-nos, no momento, uma dependência quase total da informação (desinformação) que a burguesia nos dá, o que significa ter uma informação deturpada e incompleta, que oculta as forças da luta (em particular relativamente à sua autonomia), fabricando a apologia de suas debilidades.

A imprensa menciona somente como estrutura organizativa do movimento o “comité de tribos”, as archs. Estas teriam sido iniciadoras dos diversos “apelos para manifestar”. A imprensa os descreve como “estruturas ainda nebulosas”; nós sabemos muito pouco sobre estes “comitês”. Trata-se do renascimento de uma antiga estrutura social aldeã, que teria desaparecido há mais de um século, depois do massacre de uma revolta em Cabila, em 1871. Esse “grande levantamento de Cabila” foi afogado em sangue pelos mesmos generais franceses que tinham massacrado a Comuna de Paris. Segundo a imprensa, sua ressurreição explicaria-se “pela vontade de extrair da cultura local as modalidades de representação que permitem atravessar as divisões administrativas. A referência aos laços de sangue constitutivos da arch permite reagrupar as aldeias pertencentes à mesma linhagem, mas dispersas entre as diversas comunas e subprefeituras.[...] Uma dupla necessidade presidiu a ressurreição dessas estruturas sociais tradicionais; primeiro, a firme recusa pelos amotinados de todas as formas de organização políticas legais, seguida pela necessidade de transcender as divisões partidárias.” (23) Além da linguagem e do particularismo cultural, podemos captar que esta ressurreição das estruturas inter-aldeãs, até então proibidas, expressa ao menos a realidade de uma luta contra o isolamento e contra as organizações políticas legais.

Como geralmente é o caso de todas as plataformas que emergem das lutas actuais, a dos comités confunde reivindicações baseadas nas necessidades reais de nossa classe com outras que mantém as polarizações burguesas e os particularismos locais: “Exigem, em desordem, a retirada imediata da polícia, o socorro estatal às vítimas da repressão, a anulação dos processos contra os manifestantes, a consagração do tamazight como língua nacional e oficial, direitos de liberdade e justiça, a adopção de um plano de urgência para Cabila e o pagamento de uma indemnização a todos os desempregados.” (24)

Na actualidade, “a função desses comités de aldeias é essencialmente defensiva”, dizia um comentarista preocupado em denunciar a imaturidade política do movimento. Depois, agregava desdenhosamente, comentando os êxitos das archs: “Como poderiam não aderir a um discurso que exige reparação pela agressão sofrida? É um recheio total de reivindicações diversas, que não estão fundadas em nenhuma idéia de programa político.” (25) Esta estrutura (que reagrupa 2000 delegados) afirma na realidade que “nada é negociável” e é justamente isto que julgamos como a sua força. A ausência de projeto político no sentido burguês significa para nós a recusa de cair nessa farsa de sempre da social-democracia de se responsabilizar enquanto gestores do capital. As arch recusam assim todo o processo eleitoral dentro da repartição das responsabilidades.

No entanto, é difícil avaliar a expressão dessas contradições no seio das archs, pois este aspecto escapa às informações filtradas pelas agências de imprensa e os zelosos comentaristas. Do que temos certeza é que não se pode reduzir ou julgar, em função de certos apelos a manifestar-se “pacificamente”

23. L’Intelligent [sic] - Jeune Afrique, número 2113, 10-16 julho de 2001. A propósito das archs, ver também Le Monde Diplomatique, julho de 2001.

(quando a violência proletária afirma-se na menor oportunidade), nem em função das declarações de um ou outro de seus "representantes" ou dos eventuais candidatos a interlocutores do estado, quando os proletários que se reconhecem nas archs não só incendiaram os edifícios dos partidos autonomistas e as "casas de cultura bérbere", como também rejeitaram, com coquetéis molotovs, o "programa especial de ajuda económica à região", que foi proposto pelas autoridades no dia seguinte as primeiras jornadas de distúrbios.

Do que podemos ter certeza também é que as reivindicações de identidade e democracia constituem objectivamente o programa que a burguesia local, nacional e internacional, procura impor. O proletariado não tem nada a ganhar com este programa... mas tudo a perder! Na Argélia, dado o conteúdo real das acções directas, é um facto que o movimento proletário afirma concretamente a sua luta contra o programa democrático, dentro de suas variantes parlamentares, de identidade nacional... – ainda que, como sempre, seja uma minoria de proletários que afirma essa ruptura. É evidente que em toda luta do proletariado se encontram presentes programas que estão muito abaixo das rupturas reais que o movimento afirma em sua prática, assim como os meios de difusão burgueses sempre acentuarão as expressões mais confusas do movimento, visando a desapropriar o proletariado dos aspectos mais potentes de sua luta.

Contra o mito da invencibilidade do estado

De maneira geral, a social-democracia apresenta-nos actualmente a luta de classes como uma luta "aparato contra aparato", "policiais contra manifestantes", "jovens subversivos argelinos contra exército argelino"..., ou seja, a confrontação entre aparatos em si; mas este tipo de postulado dualista não revela mais do que a potência de cada aparato em si, tomado isoladamente. Se, no fim do combate, o aparato contestador se reconhece vencido, deduzirá-se que a impotência do estado era superior desde o início. Frente à derrota, as fracções social-democratas declararão que não era o momento de lutar, enquanto algumas fracções do proletariado vão proclamar o voluntarismo armado como único meio de atacar o estado todo poderoso (26). É neste quadro de análise não dialéctico que emerge o mito da omnipotência do aparato estatal. A ideologia do reformismo armado (em particular, o foquismo) pretende que cada nova força adquirida pelo "aparato militar proletário" (células combatentes, guerrilhas...) corresponde a uma diminuição da potência do aparato burguês, até a maturidade completa do "estado proletário". A ideologia do derrotismo burguês, por seu lado, afirma que cada derrota do proletariado implica um reforço seguro da invencibilidade do estado. Entre estas duas ideologias há uma simples inversão de pontos de vista. O postulado de que a luta permanece sendo um confrontação "aparato contra aparato", que implicaria que a força perdida por um dos campos se transfere ao outro, até gerar um "campo vitorioso", continua sendo o mesmo.

Em oposição a esta incompreensão da natureza dialéctica das relações sociais, nós afirmamos que:

• O mito da "omnipotência" actual do estado não tem outra realidade efectiva senão como conjunto de idéias cristalizado em matéria contra-revolucionária, como meio para desanimar o proletariado de toda luta, considerada de todas as formas perdida por antecipação, frente ao invencível colosso estatal.

• O desenvolvimento do poder do estado burguês é sempre resultante da luta de classes, da correlação de forças entre proletariado e burguesia. Falar de invencibilidade da burguesia, de desaparecimento da perspectiva revolucionária, revela uma incompreensão do modo de desenvolvimento real da luta de classes;

24. L'Intelligent [sic] - Jeune Afrique, número 2113, 10-16 julho de 2001.

25. L'Intelligent [sic] - Jeune Afrique, número 2113, 10-16 julho de 2001.

26. Com respeito a este tipo de ação do proletariado recomendamos ao leitor nosso artigo "Critique du Réformisme armé" (Crítica do reformismo armado), Communisme n17, julho de 1983, assim como outros dois artigos sobre o tema do "terrorismo": Contra el terrorismo de estado, de todos los estados existentes, Comunismo n23 outubro de 1986 e «Discussion sur le terrorisme» (discussão sobre o terrorismo) Comunisme n3, setembro de1979 e n5 janeiro de 1980.

este imediatismo ignora que a luta de classes se desenvolve sempre através de saltos quantitativos, entrecortada por períodos de paz social mais ou menos longos. E, evidentemente, a duração dessa paz social pode fortalecer o mito do triunfo definitivo da burguesia ou a busca idealista de outro motor da história que não seja a luta de classes.

• Em cada nova vaga de luta importante, a confrontação entre classes faz-se cada vez mais tenso. É dialecticamente no movimento de confronto entre revolução e contra-revolução que o proletariado afirma e desenvolve sempre com maior clareza seu projeto revolucionário. É no transcurso mesmo da luta que os antagonismos revelam-se e que o proletariado faz as rupturas necessárias frente às forças contra-revolucionárias que travam o desenvolvimento de sua luta, tendente à abolição da sociedade de classes.

É por isso que nós não vemos, na eventual paralisação do movimento proletário na Argélia, uma "derrota" de nosso movimento. Como Marx dizia, referindo-se à "derrota da revolução de 1848": "Mas o que sucumbia nestas derrotas não era a revolução. Eram os tradicionais apêndices pré-revolucionários, resultado de relações sociais que ainda não se tinham intensificado o bastante para tomar uma forma bem precisa de contradições de classe: pessoas, ilusões, idéias e projectos dos quais não estava livre o partido revolucionário antes da revolução de fevereiro e dos quais a ´vitória de fevereiro´ não podia libertá-lo, mas só uma série de derrotas. Numa palavra: o progresso revolucionário não se realizou com as suas conquistas directas tragicómicas, mas, pelo contrário, engendrando uma contra-revolução cerrada e potente, engendrando um adversário, em luta contra o qual o partido da subversão amadureceu, convertendo-se num partido verdadeiramente revolucionário." (Marx, A Luta de Classes na França, de 1848 a 1850)

A crítica revolucionária pode também brandir resolutamente a actual luta do proletariado na Argélia como portadora da perspectiva revolucionária, como prova viva da potência que a classe proletária contém quando enfrenta directamente o estado.

A luta contra o isolamento

A questão que nós queremos colocar agora é tentar de compreender o que condiciona a actual paralisação, evidentemente provisória, das lutas proletárias tão perspicazes e profundas que se desenvolvem na Argélia. Parece-nos totalmente insuficiente explicar isso só pelas debilidades internas do movimento. Parece-nos, pelo contrário, que devemos insistir na cruel falta de internacionalismo proletário em outras partes, na solidariedade com a luta dos proletários na Argélia. Com efeito, se a repressão ou o esgotamento conseguem parar momentaneamente o movimento, isso não demonstra em absoluto a omnipotência do estado em si, mas sim, e para além das debilidades internas do movimento, uma primeira consequência da falta actual de manifestações de internacionalismo proletário.

É uma necessidade vital para o proletariado acabar com a separação, o isolamento, o não-reconhecimento de suas próprias lutas em qualquer parte do mundo. É necessário compreender que é, em última instância, a ausência de solidariedade proletária internacional que hoje permite à potência repressiva do estado sobrepor-se frente e contra nossas lutas. Isto aconteceu na Albânia, Iraque... e, em última instância, em cada grande explosão proletária das últimas décadas. Na hora de escrever estas linhas, não vemos como poderia ser de outra forma com relação ao movimento proletário na Argélia. O reconhecimento da luta dos proletários na Argélia pelo resto do proletariado internacional, seu prolongamento com base na luta dos proletários do resto do mundo contra sua própria burguesia, é a única maneira de apoiar praticamente o movimento na Argélia.

A burguesia é plenamente consciente

desse facto. Por isso, faz o que pode para evitar esse reconhecimento. Sua primeira táctica consiste invariavelmente em estabelecer "cordões sanitários" para isolar o proletariado em luta do resto de sua classe, no mundo.

Na Argélia, o primeiro cordão que a burguesia estabeleceu foi isolar a luta em Cabila como se fosse uma "luta pela identidade bérbere". Mas tal cordão sanitário foi rompido graças ao reconhecimento por parte dos proletários do resto da Argélia, que em sua prática expressaram esse reconhecimento e desenvolveram uma "luta comum" contra o "poder assassino" que faz sofrer cotidianamente todos os proletários. A extrema e flagrante comunidade de interesses foi o motor da extensão do movimento e do nível de generalização alcançado.

O segundo cordão sanitário, eficaz desta vez, consistiu em isolar a luta do proletariado da Argélia do resto do mundo. A facilidade com que a burguesia consegue isolar as revoltas proletárias é uma característica importante do período actual. Isso é possível, antes de tudo, pela falta de organizações proletárias internacionalistas no mundo. Graças a seu monopólio da informação, a burguesia consegue particularizar, desnaturar, amalgamar e até negar o carácter classista das lutas. Os meios de comunicação assumem assim um nível estatal essencial na organização do capital como força de dominação. Com um toque de varinha mágica, os meios de desinformação transformam assim em espectáculo compassivo os massacres cometidos na Argélia. Transformam a confrontação violenta dos nossos irmãos de classe contra a própria burguesia deles numa "luta pela democracia". Aos olhos do proletariado internacional transformaram a luta contra o sistema numa luta pela "democratização das instituições". Apresentam-nos a luta que opõe na Argélia o proletariado à "sua própria" burguesia como uma luta que confronta "maus generais" (cruéis, corruptos, responsáveis por todos os males, a inflação e até os massacres) a "bons voluntários pela democracia" . Estes últimos teriam as "mãos atadas" por generais, que "dirigem realmente o país desde quinze anos".

A solução proposta pelos meios de comunicação e pelas empresas humanitárias de todo tipo é reclamar, fazendo petições e mais petições, "uma comissão de investigação internacional sobre os abusos do regime"! Preparam assim um enquadramento da gestão do capital pelas estruturas estatais na sua conceição mais internacional. Este tipo de política participa também na construção do "cordão sanitário". A respeito, mostramos numa revista precedente o papel mal disfarçado que a OTAN desempenha, evitando por todos os meios que se desintegre a paz social em escala internacional. Com o aumento dos subsídios à OTAN, busca-se reforçar os "cordões sanitários" de protecção das "zonas sãs" contra todo risco de que as mesmas sejam "contaminadas" pelas lutas proletárias. Isolando as zonas em luta, a OTAN permite a indispensável restauração da coesão social interna de cada estado frente a seu respectivo proletariado. Enquanto essa ordem social não é restabelecida, não há vitória para nenhuma das fracções da burguesia internacional! É directamente à escala mundial que se prepara o massacre dos nossos irmãos de classe em luta na Argélia e que se leva a cabo a perpetuação deste sistema de exploração.

É igualmente à escala internacional que se determina o fim da capacidade de intervenção do aparato repressivo do estado argelino, francês ou qualquer outro. A capacidade repressiva de todos os níveis de organização do estado está, antes de tudo, determinada pela combatividade do proletariado que lhe faz frente em cada país. Assim como a paralisia actual do estado argelino revela um nível de luta do proletariado da região, a reestruturação do poder nesse país só poderá realizar-se com base na passividade do proletariado no resto do mundo, diante desses acontecimentos.

Historicamente, sabe-se e teme-se a rapidez com que se decompõem os exércitos burgueses quando os proletários que o constituem fraternizam com os proletários que são obrigados a reprimir.

Não existe a “omnipotência” nem de um estado nacional particular, nem de nenhuma coalizão internacional burguesa!

A decisão de uma repressão militar de envergadura é um perigo para a burguesia. A natureza contraditória do exército, composto também de proletários com uniforme, é sempre um ponto sensível do modo de produção capitalista. Historicamente, sabe-se e teme-se a rapidez com que se decompõem os exércitos burgueses quando os proletários que o constituem fraternizam com os proletários que são obrigados a reprimir. Na Argélia viu-se claramente que a burguesia é consciente da fragilidade de seus exércitos, compostos majoritariamente por proletários que viveram os distúrbios de 1988. Ao contrário da luta “aparato contra aparato” ou da confrontação de “policiais contra manifestantes”, a acção derrotista revolucionária, tanto na frente como na retaguarda, atormenta sem cessar o mito da “omnipotência” do estado!

A generalização da luta impõe-se ao proletariado como uma necessidade vital. Contra o mito da “omnipotência” do estado, a luta de nossos irmãos de classe na Argélia mostra-nos que é graças ao facto de que a luta não deixou de se estender que eles se mantêm em pé. Mas também nos mostra que a ausência completa de solidariedade proletária internacional significa a sua paralisação.

Só afirmando nossa força, em todo mundo, poderemos realizar a negação mortal deste sistema que nos mata!

Só a generalização da luta permitirá a superação revolucionária da sociedade de classes, dando nascença a uma sociedade que satisfaça realmente as necessidades humanas!

Estendamos a luta!

Classe contra classe!

Retomemos a bandeira da revolução mundial!

Outubro de 2001

Só afirmando nossa força, em todo mundo,
poderemos realizar a negação mortal deste sistema que nos mata!

Só a generalização da luta permitirá
a superação revolucionária da sociedade de classes,
dando nascença a uma sociedade
que satisfaça realmente as necessidades humanas!

Estendamos a luta!

Classe contra classe!

Retomemos a bandeira da revolução mundial!

Publicamos aqui um texto da autoria dos camaradas do grupo «Autonomia», proveniente do Brazil, que muito dinamicamente colaboraram à realização desta revista. Concretiza-se assim mais um eforço internacionalista no sentido da união das forças proletárias em luta contra o Capital.

http://www.geocities.com/autonomiabvr

Um bom cidadão

Só lhe resta um olho (o outro ainda escorre lentamente da cavidade ocular), mas entregou-se ao uso. Em volta, os muros sorriem. A televisão vomita na sua cara, provocando-lhe um estranho gemido. A boca, em forma de U, parece um ânus. Onde quer que ele vá, a mesma cena. Por toda parte: um carro fala, um hambúrguer grita, belos vestidinhos comentam a respeito da conjuntura geopolítica. E todos dançam.
Durante a semana, ele é desgastado, utilizado, dedado no olho, pisado, chutado no saco, cagado&mijado e, enfim, elogiado pelo patrão. Mas tem os seus direitos: por exemplo, o de votar, escolhendo entre o ruim e o pior, de tempos em tempos.
Está subjugado ao tripalium. É um trabalhador e, às vezes, até se orgulha disso. Produz tudo que pode ser produzido. Em troca, recebe uns pedaços de papel com os quais tenta imantar os objetos à venda. Não percebe que a mercadoria obedece ao dinheiro, não a ele. Até mesmo a água suja do arroz com feijão que ele come.
O mundo, reduzido a espetáculo mercantil, pulula em bisonhos fetiches antropomórficos. Das vitrines, inconsoláveis, as coisas choram a falta do pedaço de papel moeda - que se tivemos, já não temos... As mercadorias não existem para satisfazer as necessidades humanas.
Oh! Sim... E, para impedir a satisfação das necessidades, estão convocados fuzis, metralhadoras, tanques e a servidão (mais ou menos voluntária) dos que os manejam.

"E tudo que não se pode fazer, o dinheiro faz para a gente. Pode-se comer, beber, ir ao baile e ao teatro. Ele pode adquirir arte, saber, tesouros históricos, poder político; e pode-se viajar. Mas, apesar de poder fazer tudo isso, o dinheiro só quer criar a si mesmo, e comprar a si mesmo, pois tudo mais a ele se submete."

(K. Marx - Manuscritos Econômicos e Filosóficos)

P u b l i c a ç õ e s

Communisme nº 52
Orgão Central do GCI em francês

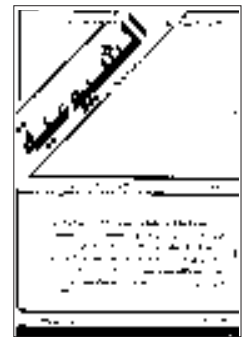
• Tentatives bourgeoises de canalisation des luttes prolétariennes à l'échelle internationale et lutte invariante pour la rupture prolétarienne
CONTRE LES SOMMETS ET LES ANTI-SOMMETS

• Nous soulignons: Gênes 2001:
le terrorisme démocratique en pleine action

«Brûler toute illusion ce soir...» tract de Precari Nati

• Prolétaires de tous pays,
la lutte de classe en Algérie est la nôtre!

Nous soulignons: La guerre bio est sur le marché

Al Shuïaa nº 6
Orgão Central do GCI em árabe

• Caractéristiques générales des luttes actuelles
• Quelle réduction du temps de travail
• «Ils nous parlent de paix... ils nous font la guerre!»
Tracts du GCI

Comunismo nº 48
Orgão Central do GCI em espanhol

• Capitalismo igual a terrorismo contra la humanidad
Contra la guerra y la represión capitalista
• La lucha de clases en Argelia es la nuestra
• Subrayamos:
Génova:
el terrorismo democrático en plena acción

A Golpes:
Desde una calle de algún lugar de Madrid

Kommunizmus nº 2
Orgão Central do GCI em alemão

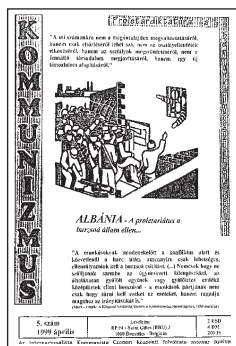
• Faschistisch oder antifaschistisch...
Die Diktatur des Kapitals ist die Demokratie
• Arbeitsdenkschrift: «Jüdische Arbeiter, Kameraden» (1943)
• Es war einmal ein Strafanstaltprojekt
• Direkte Aktion und Internationalismus
• Nach einer Synthese unserer Grundsätze

Communism nº 13
Orgão Central do GCI em inglès

• Notes against the dictatorship of the economy
The Economy is in crisis... May it die!
Death to recovery!
• An invariant position of the communists:
DOWN WITH LABOR!
• On the praise of work.
• Slogans foreign to the proletariat, Alienated workers' consciousness.

Communism nº 2
Orgão Central do GCI em curdo

• General characteristics of the struggles of the present time.
• Revolutionary terror based on the human needs in opposition with the workers' rights and liberties.
• Down with alienation of the terrestrial and celestial world.
Long live the human community !

Kommunizmus nº5
Orgão central do GCI em hongrois

• Albània : A proletariàtus a burzoà àllam ellen
• A burzoàzia gyöngyszemei
• Ad`nélküli orzàg
• A kapitalista àllam fejlödésének néhány
• Idöszerü példàja

Comunismo nº 4
Orgão Central do GCI em portugês

• Características gerais das lutas da época actual

• Contra a impunidade dos torturadores e assassinos

• Avante os que lutam contra o capital e o Estado!
(contra o mito da invencibilidade das forças repressivas)